



Soares e Sarney hoje em Brasília

Pág. 5



**BRANDT:
adeus ao SPD**

Págs. 12 e 13

Diário de Lisboa

ANO 66

N.º 22 321

Terça-feira, 24 de Março de 1987

Preço 40\$00

Vem aí a primeira moção de censura

PRD PÔE OPOSIÇÃO EM PÉ DE GUERRA



Hermínio Martinho, ao anunciar a apresentação de uma moção de censura, pôs toda a oposição em «pé-de-guerra»: Vítor Constâncio (PS), Alvaro Cunhal (PCP) e Adriano Moreira (CDS) receberam o «recado», enquanto Cavaco Silva e o PSD aguardam a evolução dos acontecimentos.

Os partidos da oposição agitam-se na sequência do anúncio, pelo PRD, da apresentação de uma moção de censura ao Governo — a primeira desde o início do seu mandato. PS, PCP, CDS, MDP reúnem as suas cúpulas e preparam a posição a assumir face a esta iniciativa dos renovadores. No meio desta agitação, Cavaco Silva e o PSD mantêm silêncio, aguardando, provavelmente, o «descalçar da bota» por parte dos socialistas, colhidos de surpresa pelas declarações de Hermínio Martinho.

Pág. 6

Pimenta não dá novos prazos para demolição de clandestinos

Estoril: praias limpas só daqui a dez anos

«Daqui a dez anos pode-se tomar banho à vontade e vai-se viver sem problemas de cheias na Costa do Estoril» disse esta manhã, num pequeno almoço com os jornalistas, o secretário de Estado do Ambiente. Referindo-se aos trabalhos de limpeza do estuário do Tejo, Carlos Pimenta adiantou que «é uma obra para mais de uma legislatura», sublinhando que, só na área da Costa do Estoril, os custos totais estão orçadas em cerca de oito milhões de contos.

Continua na pag. 24

VIAGENS TURISMO

EXCURSÕES

★ PASCOA ★

FERIADOS ABRIL E MAIO

PEÇA PROGRAMA DETALHADO NO SEU AGENTE DE VIAGENS OU NA

AVIC

AV 5 DE OUTUBRO 53
LISBOA
TEL 56 11 16-52 11 17-57 29 70

CONCEDEMOS DESCONTO ESPECIAL AOS PORTADORES DO CARTÃO JOVEM

GRANDE LISBOA

Para quando a organização do caos?(2)

Barbara Lopes

A crise agrícola dos finais dos anos 70 do século passado e o início da entrada da grande indústria (1) na sociedade portuguesa, provocaram o êxodo rural para os grandes centros, com particular relevo para Lisboa (2). Este movimento de concentração demográfica é, pois, consequência da acumulação do poder económico e financeiro, aqui processada, tendo continuado, um e outra, até aos nossos dias. Com efeito, grande parte das unidades de produção vieram, de modo sistemático, instalar-se neste território, que, por acumulação de circunstâncias favoráveis à criação de economias de escala, se torna propício a uma maior rendibilidade. Com 364 093 habitantes ao tempo do Censo de 1864, o conjunto dos 16 concelhos que integram, hoje, este espaço, regista, em 1981, 2 490 878. Estes números tornam-se mais explícitos, ao significarem que, sendo o peso da Área Metropolitana de Lisboa sobre a população continental de 9,5% no primeiro caso, este sobe para 26,7 no segundo. Mais explícitos, ainda, se tivermos presente que foi de 144% o crescimento total da população no Continente, enquanto aqui foi de 665% o que torna muito clara a concentração nesta área realizada.



A aglomeração urbana de Lisboa constitui, como já foi aqui afirmado, uma metrópole no espaço nacional, porque ela chama a si os melhores recursos materiais e humanos do País, e o seu excessivo crescimento processou-se em detrimento deste, que foi permanecendo no imobilismo cultural e económico que todos conhecemos.

Esta cidade foi produzida por uma sociedade dominada pela acumulação do capital monopolista de cujo processo de concentração ela é instrumento e um dos principais cenários. Nela se concentra a ligação do poder económico e financeiro, como igualmente se concentra uma parte importante dos meios de produção. Lógico, portanto, que igualmente se concentre uma grande parte do exército de mão-de-obra, convenientemente regulado para constituir uma reserva segura, habilmente manipulado para constituir a maçã consumidora, que assegura o processo produtivo.

A sociedade de classes marcou este território com a dinâmica da sua força segregadora. Instalou a classe possidente nos bairros residenciais do centro e nas melhores zonas da Costa do Sol, cedo servida pela primeira linha férrea electrificada e pela estrada marginal, processo que se procura continuar, hoje, com a construção da auto-estrada de Cascais.

A força de trabalho, essa, foi-se amontoando, como pôde, primeiro, nos multifamiliares dos bairros centrais mais degradados, distribuindo-se pelos seus pátios e vilas, até recorrer, mais tarde, à barraca do bairro da lata. Os mais fortunados foram aproveitando a acessibilidade criada pelas linhas férreas do Norte e de Sintra, para irem habitar nos aglomerados, que se formaram, ou cresceram a partir de antigas aldeias que se encontravam no percurso, e estruturavam as zonas agrícolas dos arredores da capital. Depois, foi a vez da saída para Loures, de que to-

maram, literalmente, conta, grandes e pequenos promotores imobiliários, que, na arremetida dos anos 50 e 60, estilharam tudo quanto era centro organizado. A esta acção benemérita não escaparam, igualmente, as outras radiais, onde as pequenas construções dos começos cedem o lugar às construções em altura, compactizadas e informes. Entretanto, e principalmente, a partir da acessibilidade criada pela construção da ponte sobre o Tejo, foi a vez da Margem Sul registar um crescimento maciço.

Em consequência deste alastramento do tecido urbano-industrial, processado sem regras, ao sabor da busca do maior lucro, a qualidade de vida, a tão celebrada qualidade de vida, não existe para a grande maioria dos dois milhões de habitantes do descabro urbano que é a Grande Lisboa.

Esta ausência de qualidade manifesta-se de muitos modos, ao nível da habitação, dos transportes, dos equipamentos, da descaracterização e degradação da paisagem, da perda, irreparável, do património.

A concentração de postos de trabalho na cidade central, acresce o emaranhado de circuitos percorridos pelos que, habitando numa das pontas da aglomeração, trabalham na ponta oposta. Quem não conhece pessoas, a morar para os lados de Cascais e a trabalhar por Alverca, ou a viver em Odivelas e a exercer a sua actividade no Barreiro?

Claro que tudo isto tem que ver com a organização social de conjunto. Não vivemos num País em que se procure que o trabalhador não ultrapasse a razoável meia hora de transporte entre os dois principais pólos da sua vida quotidiana, a residência e o local de trabalho. Isto pressupõe uma prática urbanística conjugada com as decisões económicas, impossível num país em que a Administração tem sido incapaz de obviar à implantação clandestina de fábricas. Também não vive-

mos num País em que a mobilidade da habitação torne possíveis permutas entre famílias, de acordo com as respectivas necessidades. Isto pressupõe que a habitação seja considerada um direito, regulamentado pelo grupo. Impossível num país em que, cada um que consegue o seu casulo, mete-se lá dentro, e ninguém nem nada o arranca, nem mesmo as três horas de transporte para o trabalho. As leis de mercado são o que são e cada um defende-se...

Diariamente, entram em Lisboa cerca de 270 000 pessoas, que, voltam, ao fim da tarde, para as periferias. A tragédia diária dos transportes. Os comboios a 180% da sua capacidade de utentes. Os autocarros, esses, quando param, enchem até poderem fechar as portas. Duas, três horas, às vezes mais, entre a casa e o emprego. Fazendo toda a espécie de ginástica para não cair no colo dos que, com um pouco mais de sorte, tiveram um lugar sentado. Com um cotovelo alheio espetado entre duas costelas, as pernas doridas, a reusarem o peso dum corpo que, às sete da tarde, já só pensa na cama, tão longínqua ainda. Quanto às mulheres, depois de tudo isto, ao chegarem ao «oásis» que é o doce lar, enfrentam o segundo dia de trabalho. Também não estamos num País em que a prática urbanística procure que, às mulheres mães de família, sejam, na medida do possível, assegurados postos de trabalho nos centros populacionais em que habitam, e em que a organização social lhes garanta os apoios de nível doméstico, de educação e de saúde, para que, casa, crianças, doentes e velhos lhe não caiam em cima, como se de tarefas sociais não se tratasse.

Não vivemos nesse país, é certo. Mas poderíamos, pelo menos, viver numa área urbana em que, chegados à noite, a casa, as torneiras vertessem água, e a corrente eléctrica não faltasse de modo tão costumado.

Em que os acidentes naturais da

paisagem fossem preservados de modo a guardarem a sua identidade e função. Deste modo, as ribeiras, por exemplo, não estariam transformadas em esgotos a céu aberto, as fontes não teriam sido arrasadas e poluídas. Poderíamos, afinal, habitar um tecido urbano organizado, em que as infra-estruturas fossem redimensionadas a tempo, em função de uma utilização programada, em vez desta confusão absoluta, em que as soluções são remendos, as actuações das entidades responsáveis vêm sempre e só a reboque de situações irreversíveis e gravosas para os homens e para o território.

Falar da insuficiência dos transportes e das infra-estruturas, lembrar que a vergonha dos clandestinos constitui ainda a única hipótese de habitação para muitos milhares de famílias, não esgota as misérias deste viver urbano. Necessário se torna, por exemplo, referir a falta de equipamentos que submetem crianças a trajectos longos, para a escola, que obrigam ao transporte de doentes para os hospitais centrais, no meio dum tráfego demorado que lhes custa, por vezes, a vida, que enterra num vazio atroz os últimos anos de existência dos velhos a quem não é oferecida a mínima oportunidade de reinserção social. Necessário, igualmente, denunciar este desconsolo imenso de gastar as poucas horas livres num quadro de vida, que é o comum do tecido periférico, de que o menos que se pode dizer é que materializa a própria fealdade. Volumes, formas, materiais, cores, é tudo uma tristeza. Tristeza que degrada, porque capaz de provocar a insensibilização generalizada a qualquer estímulo estético. Que muitos fenómenos de marginalidade estão directamente relacionados com as formas urbanas de cuja produção estão ausentes preocupações que não sejam as do lucro, efectos conhecidos e aceites. Mas, que gestor há aí que relacione uma parte importante dos sintomas de desagregação, individual e social, com a torpeza do envolvimento, do ambiente de que tanto se fala, que se vai interiorizando e produzindo homens deformados?

Que gestor há aí, repito, que oponha um dique cultural à maré negra da massificação, de que o urbanismo é, justamente, um instrumento privilegiado, no tocante ao território de que temos vindo a ocupar-nos?

Em face de tudo isto, e do muito que fica por dizer, por respeito pela paciência do possível leitor, vem-me à memória, entre outros, aquele cartaz, referente à urbanização da Quinta das Olaias, que, no meio de muitos passarinhos, afirma cinicamente: «É bom viver em Lisboa». É bom? Para quem? Em que Lisboa? No Bairro do Relógio? Na Estrada Militar? Ou no Casal da Câmara?

Experimentem os senhores promotores irem a passeio por aí. Itinerários não faltam. Não se esqueçam de passar, por exemplo, pela Reboleira, pelo Laranjeiro, por Vale de Milhaços... Depois, com a mão na consciência, se ainda lhe encontrarem o sítio, respondam: Não será que a vossa publicidade, e tudo o que ela sugere, já ultrapassou, em muito, os limites da decência?

(1) Com todas as ressalvas com que este conceito pode ser aplicado em Portugal.

(2) Ficam por aqui os que não integram os largos milhares de emigrantes que partem, então, principalmente para o Brasil.

Jaime Gama

no Porto

Portugal: a sua vocação é o Terceiro Mundo

O dirigente do PS Jaime Gama afirmou, ontem, no Porto, que «Portugal é um país com uma fortíssima vocação para o diálogo com o Terceiro Mundo, designadamente a América Latina e a África Negra».

Falando numa conferência dedicada ao tema «A instituição geoestratégica e a política externa portuguesa», Gama disse ainda que Portugal «está vocacionado para o diálogo entre civilizações, nomeadamente Norte-Sul, Europa-Estados Unidos e Europa-América Latina». Na sua intervenção, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros defendeu que as grandes vertentes da política externa portuguesa devem ser a participação na Comunidade Europeia e na NATO, além do diálogo com o Terceiro Mundo, designadamente a América Latina e a «África negra compreendida no seu todo e não apenas os países de expressão oficial portuguesa».

Na opinião de Jaime Gama, os objectivos centrais da política externa portuguesa devem assentar na «conter ou contrariar das pressões», no «afastar de modalidades explosivas de integração ou de independência» e no «exprimir de aspirações próprias no seio da comunidade internacional». A integração na CEE foi considerada pelo orador «um forte elemento potenciador da presença portuguesa no concerto das Nações».

João Jardim contra Tribunal Constitucional

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, criticou ontem, no Funchal, o Tribunal Constitucional, considerando-o «um órgão que não oferece credibilidade ao executivo regional».

Numa das suas habituais intervenções públicas, Jardim disse aquilo que toda a gente sabe desde a última revisão constitucional, data em que foi criado esta instância judicial superior: que «o Tribunal é constituído não por magistrados, mas em função da composição da Assembleia da República».

Em mais uma conferência de imprensa, Jardim queixou-se que o Tribunal «tem chumbado sistematicamente tudo o que é oriundo das Regiões Autónomas». O Governo Regional da Madeira olha o Tribunal Constitucional como mais um elemento utilizado pelo Estado para impedir o normal funcionamento das autonomias em vez de ser árbitro imparcial perante eventuais conflitos.

As negociações dia a dia

MACAU: CONTAGEM DECRESCENTE PARA A TRANSFERÊNCIA

Após nove meses de negociações luso-chinesas, o processo para a transferência da administração de Macau, em 20 de Dezembro de 1999, ficará depois de amanhã, quinta-feira, praticamente concluído com a rubrica de uma declaração conjunta pelos negociadores-chefes dos dois países.

Este acto, à semelhança do que em 1984 encerrou as negociações sino-britânicas sobre a transferência da soberania de Honguecong, acordada para Julho de 1997, deverá decorrer no Palácio do Povo — sede do Governo chinês — situado na maior praça do mundo, a Praça Tianmen. Nessa altura estará a decorrer, a poucas dezenas de metros, o plenário da Assembleia Nacional (Parlamento chinês), reunião a que a parte chinesa faz questão de levar o acordo luso-chinês.

A rubrica do documento, que na altura será tornado público, estará a cargo dos chefes das duas delegações, designadamente o embaixador Rui Medina e o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan.

Uma fase decisiva

Em Novembro do ano passado, Zhou Nan, que também chefiou a delegação chinesa às conversações com a Grã-Bretanha sobre Honguecong, deslocou-se em visita oficial a Portugal, tendo-se encontrado com os mais altos dirigentes portugueses. Diversos observadores apontam essa ocasião, entre as terceira e quarta fases das conversações, como decisiva para o rápido desfecho do processo iniciado em 30 de Junho.

Já no início deste ano, e após a primeira reunião do Conselho de Estado português expressamente para a abordagem do futuro de Macau, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros português, Azevedo Soares, deslocou-se à capital chinesa para transmitir as posições de Lisboa.

Cavaco Silva vai à China?

Em Pequim fontes próximas dos negociadores admitiram que o primeiro-ministro português, Cavaco Silva, se deslocou em meados do próximo mês de Abril à capital chinesa, para assinar em definitivo o acordo, que posteriormente será ratificado pelo Parlamento, em Lisboa.

Sobre o seu conteúdo, que foi mantido no maior segredo pelas duas partes, é grande a expectativa em relação à solução encontrada para a questão da nacionalidade dos cidadãos de etnias chinesas nascidos em Macau. Esta questão foi a que ocupou a maior parte dos trabalhos entre as duas delegações e foi a última a ser resolvida,

sabendo-se apenas que foi adoptada uma solução de compromisso, já que a parte chinesa não admitia o princípio da dupla nacionalidade.

No primeiro dia da última ronda das conversações, a 18 deste mês, já eram conhecidos alguns dos temas deixados em aberto pelos grupos de trabalho português e chinês, que desde a terceira ronda, em Outubro último, se reuniram por diversas vezes em Pequim para elaborar o projecto final de acordo.

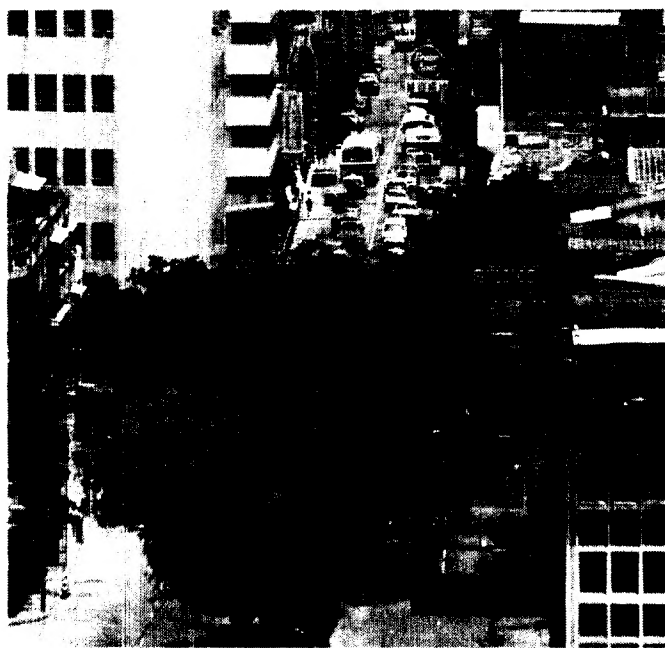
A política da actual administração de Macau, relativamente à concessão de terras, e a gestão do fundo de pensões do território, após a transferência, eram, juntamente com a questão da nacionalidade, os temas que os jornalistas sabiam estarem em discussão e que ocuparam as duas primeiras manhãs das conversações. Nada mais foi dito aos jornalistas sobre os encontros, que decorreram no complexo de Diaoyutai, na parte ocidental da capital, onde são habitualmente recebidos os hóspedes oficiais do Governo chinês.

Longe da intromissão dos jornalistas

A primeira sessão de negociações, nesta última ronda, na manhã do dia 18, foi a única a cujo início os jornalistas puderam assistir. Para além da troca de cumprimentos entre os chefes das duas delegações, e da habitual troca de provérbios, pouco mais se soube do que ali se passou nos últimos seis dias.

O acesso a Diaoyutai, que dista cerca de 40 minutos de carro da embaixada portuguesa, é habitualmente restrito a visitantes e guardado por sentinelas do exército chinês. A delegação chinesa permaneceu durante seis dias no seu interior, sendo apenas possível aos jornalistas assistirem, do exterior, à chegada e partida dos carros com vidros escuros, que não permitiam a identificação dos passageiros. Uma única excepção verificou-se em relação ao carro em que se deslocava o chefe da delegação portuguesa, Rui Medina, utilizava o carro da embaixada portuguesa, identificável pela bandeira de Portugal colocada no lado direito da frente do veículo.

A saída do embaixador Rui Medina não significava, no entanto, para os jornalistas, a conclusão dos trabalhos. Nos dois primeiros dias de negociações, o chefe da dele-



gação portuguesa saiu de Diaoyutai antes dos seus colegas, tendo as duas delegações prosseguido a reunião.

O primeiro sinal positivo

A tarde do segundo dia, 19, dedicada a mais uma reunião formal entre as delegações, foi o sinal de que ambas as partes estavam dispostas a concluir o acordo nesta quarta fase, já que as rondas anteriores apenas tinham ocupado duas manhãs. Este prolongamento significava também que as divergências se mantinham. Nessa tarde, os jornalistas souberam que o tema ainda em discussão era o da nacionalidade.

A declaração do chefe da delegação chinesa à Imprensa, no primeiro dia de trabalhos, de que no dia seguinte tudo se saberia, levou muita gente a acreditar que o acordo estaria praticamente concluído. Os jornalistas aguardaram, assim, para sexta-feira, dia 20, a divulgação do lacónico comunicado que, afinal, só segunda-feira, dia 23, foi tornado público.

Expectativa aumentava

A expectativa em relação à saída do comunicado aumentou na sexta-feira de manhã, quando o Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês emitiu uma nota à Imprensa afirmando que, no final das conversações, «um importante comunicado» seria tornado público.

Em San Litun, a avenida de Pequim onde se situa a embaixada de Portugal, era grande o número de jornalistas que ao fim da manhã de sexta-feira aguardava a chegada da delegação portuguesa.

O comunicado conjunto era esperado para essa tarde e apenas a notícia do adiamento

to do Conselho de Estado, em Lisboa, podia fazer prever o eventual prolongamento das negociações. Esta hipótese foi confirmada pelo embaixador Rui Medina, que ao chegar à embaixada anunciou nova sessão formal de conversações para segunda-feira, dia 23.

Sobre o estado das negociações nada foi dito, mas o facto de as delegações não se reunirem sábado, 21, revelou que tudo estava já concluído, aguardando-se apenas a reunião, em Lisboa, do órgão de consulta do Presidente da República.

Seria, neste dia, que a diferença horária entre as duas capitais mais foi sentida pelos jornalistas. Durante três dias esta questão havia sido apenas uma realidade para a delegação portuguesa, que diariamente necessitava de contactar Lisboa.

Eram zero horas de domingo, 22, em Pequim, quando na capital portuguesa teve início o Conselho de Estado. Quando Pequim acordou, Lisboa adormecia e, assim, as primeiras notícias sobre o Conselho de Estado só chegaram à capital chinesa cerca das 20 horas. Os jornalistas tiveram posteriormente conhecimento de que, a essa hora, Rui Medina e Zhou Nan estavam juntos num restaurante, comendo o célebre «Pato à Pequim».

A semelhança dos outros dias, a delegação portuguesa saiu, segunda-feira, 23, da embaixada sem prestar declarações à Imprensa. No regresso de Diaoyutai, as palavras foram escassas mas conclusivas: fora o último encontro entre as delegações e o comunicado seria divulgado poucas horas depois.

Votação no Congresso e oposição da Formosa

O acordo a que ontem se chegou, e que será rubricado

na quinta-feira, dia 26, vai ser votado no Congresso Popular Nacional (Parlamento chinês), que se reúne a partir de amanhã.

A data deste Congresso foi um importante elemento no «timing» das negociações, há que o Governo chinês pretendeu apresentar à assembleia o acordo sobre Macau, considerado como um dos pontos positivos da sua política externa, de desenvolvimento ao longo do último ano.

Em paralelo, corre também o facto deste acordo, que ocorre quando começam a surgir divergências no seio do Partido Comunista Chinês, servir para reforçar a posição da actual liderança que assim demonstra o seu empenhamento na reunificação do país. Este exemplo será particularmente válido para a Formosa, ilha que os chineses também pretendem recuperar até ao fim do século.

Em Taipé, Formosa, a reacção ao acordo foi imediata, com as autoridades locais a afirmarem que não reconhecem o acordo entre Portugal e a China.

«Macau deveria ser entre a República da China, na Formosa, porque a China comunista, uma entidade rebelde, não tem o direito de representar a China e todo o povo chinês», refere um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Taipé.

«A entrega [de Macau] pelo Governo português é feita ignorando a liberdade, bem estar e segurança de mais de 400.000 chineses que ali se encontram. Tentaremos dar o nosso melhor para os ajudar e proteger», diz o documento.

O Governo da Formosa (Kuomitang) não tem relações diplomáticas com Portugal.

Pinto Machado: «período feliz»

Falando ontem em Lisboa, à saída de uma audiência com o primeiro-ministro, o actual Governador de Macau, Pinto Machado, considerou que poderá ser um «período feliz» o espaço de 12 anos estabelecidos para a transferência do território, isto se o acordo agora conseguido «tranquilizar a população» maceanense.

Analisando os objectivos de Portugal para este período, o Governador de Macau manifestou a esperança de que, dentro de alguns anos, a totalidade do território esteja coberta por cuidados primários e diferenciados de saúde.

Disse ainda que, durante uma visita que recentemente efectuou a Cantão, pode constatar o interesse da China no desenvolvimento das relações com Portugal.

A convite do PCE

CUNHAL INICIA VISITA DE CINCO DIAS A ESPANHA

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal chega esta tarde a Madrid para uma visita a Espanha à frente de uma delegação do seu partido, que se reunirá com membros do Partido Comunista de Espanha. Além de Madrid, os comunistas portugueses visitarão também Barcelona estando previsto o seu regresso a Lisboa no domingo.

É a primeira visita que Cunhal faz a Espanha na qualidade de secretário-geral do PCP e com a finalidade de tratar das relações entre os dois partidos.

Enquanto Santiago Carrillo era o líder do PCE, os dois partidos seguiram orientações e estratégias diversas quer ao nível bilateral, quer no seio do movimento comunista internacional. Apesar da proximidade geográfica das duas nações, as relações entre os respectivos partidos comunistas eram praticamente inexistentes tanto antes, como depois da democracia.

Há dois anos, após a saída

de Carrillo da liderança do PCE, iniciou-se um processo lento de aproximação partidária, com intercâmbio de delegações a segundo nível nas festas anuais de ambos os partidos.

O actual secretário-geral do PCE, Gerardo Iglesias, visitou Lisboa há dois anos e reuniu-se com Álvaro Cunhal, mas num clima de bastante frieza, segundo fontes daquele partido.

Mudança de estilo

A visita que Álvaro Cunhal realiza esta semana a Espanha, que será retribuída dentro de duas semanas por uma delegação espanhola ao mesmo nível, é interpretada em Madrid como uma mudança no estilo e conteúdo das relações entre os dois partidos, obedecendo a uma viragem neste sentido experimentada sobretudo pelos comunistas portugueses, na opinião de fontes do PCE.

«Com estas visitas preten-

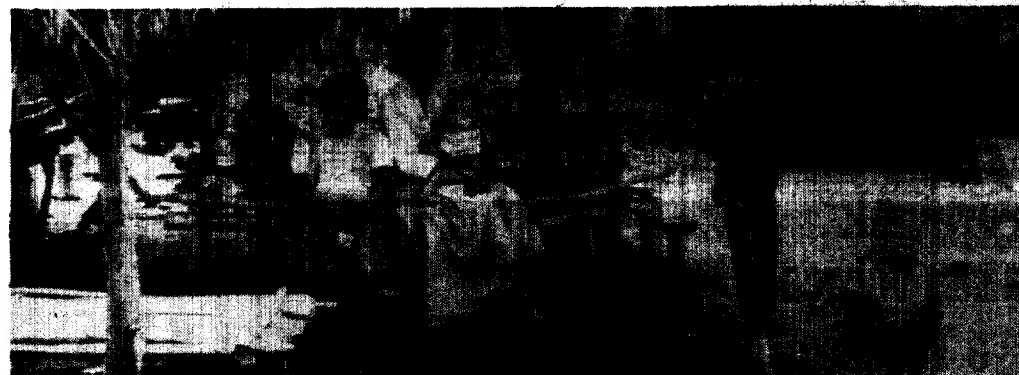
demo dar um novo impulso à cooperação entre os dois partidos», diz a Lusa citando fontes do Partido Comunista de Espanha.

A delegação do PCE visitará Lisboa e Porto de 7 a 12 de Abril.

Quanto ao programa de Cunhal em Madrid, inclui uma conferência de Imprensa, a participação num comércio, um encontro com deputados comunistas no Congresso de deputados e uma visita turística.

O secretário-geral do PCP terá reuniões com dirigentes comunistas espanhóis e visitará a Presidente do PCE, Dolores Ibarruri. Reunir-se-á ainda com Marcelino Camacho, secretário-geral das Comissões Obreras.

Em Barcelona, para onde segue no sábado, Cunhal será recebido pelos comunistas catalães, dará uma conferência de Imprensa e visitará o Parlamento Autónimo da Catalunha e o Presidente do Governo Regional, Jordi Pujol.



INDONÉSIA QUER REFERENDAR ANEXAÇÃO DE TIMOR-LESTE

As autoridades indonésias poderão utilizar as eleições de 23 de Abril para referendarem a integração de Timor-Leste, alertaram em Coimbra os participantes na semana de solidariedade com o povo maubere. O Movimento Cristão para a Paz, responsável pela iniciativa, apelou aos Estados Unidos para assumir «as suas responsabilidades na questão de Timor-Leste, como frequentemente faz em relação a outros conflitos».

Nesse sentido, os participantes na semana de solidariedade aprovaram uma moção de repúdio das afirmações do embaixador dos EUA na ONU, segundo o qual Portugal e a Indonésia deverão encontrar sozinhos uma solução para o caso de Timor-Leste, sem interferência de outros países. Foi ainda afir-

mado que mais de dois terços da população timorense foi exterminada desde a invasão da Indonésia, em 7 de Dezembro de 1975.

Entretanto, o Movimento enviou uma carta ao embaixador dos EUA em Portugal, sugerindo acções de que o seu país pode lançar mão para intervir no conflito, «se para tal houver vontade política».

Solução negociada

Também a Comissão para os Direitos do Povo Maubere (CDPM) considerou ontem «imprescindível» a participação dos legítimos representantes do povo de Timor-Leste em quaisquer negociações sobre o futuro do território.

«Não há solução que possa ser negociada enquanto os legítimos representantes do

povo maubere não estiverem representados nas negociações. O Governo português tem de ter isso em consideração», acrescentou aquela organização não-governamental portuguesa. Numa conferência de imprensa realizada em Lisboa sobre «novos elementos acerca da situação no interior de Timor-Leste», a comissão para os direitos do povo maubere divulgou uma mensagem do comandante Xanana Gusmão, presidente do Conselho Revolucionário da Resistência Nacional, enviada do interior do território. «A guerra em Timor-Leste é a resposta adequada à violação dos princípios universalmente proclamados, que asseguram ao povo de Timor-Leste o direito de ser livre e independente», assinou Xanana na sua mensagem.

AMSTRAD PC 1512

D-BASE III
TRATAMENTO DE TEXTO EM PORTUGUÊS
SUPERCALC 3.1 • 2
TURBO PASCAL, CONTABILIDADE, FACTURAÇÃO, STOCKS, SALÁRIOS, ETC., ETC.



JÁ DISPONÍVEL O DISCO RÍGIDO DE 20 MEGA BYTES

Agentes oficiais:



CASA VIOLA
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia dez do mês de Abril, pelas 10 horas, no Tribunal desta Comarca, no processo de Carta Precatória n.º 36/87 extraído dos autos de Ex. Sentença, n.º 296-B-3.ª Sec — 17.º Juízo Cível de Lisboa em que é exequente Companhia de Seguros Império, EP e executado António Jesus Batista, residente em Barreira — Colmeias — Leiria não-de ser postos ao praça para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes:

BEM

1 — Um frigorífico de marca «Brandt» de cor branca, de cerca de 100 litros de capacidade, em bom estado de funcionamento e conservação.

Leiria, 11 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
Armindo dos Santos Monteiro
A Escrivã Adjunta,
Maria de Lurdes Gabriel Catarino

«DL» 24/3/87 — 1.ª pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA — 7.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença, n.º 449-A/85, 2.ª secção.

Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP.
Executado — TRANSPORTES JESUS & Irmãos, Lda, com sede no Lugar da Estrada Branca — Albergaria-a-Velha.

Lisboa, 9 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
Amílcar Joaquim Cortes Neves
A Escrivã Adjunta,
Alfaria G. R. de Jesus
«DL» 24/3/87 — 1.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc.º 3 104-2.ª sec.

Faz saber que no dia 28 de Abril, pelas 10 horas, à porta deste Tribunal, nos autos de execução de sentença em que é exequente a Companhia de Seguros Império e executada Fábrica de Cofres da Trindade, Lda, com sede na Rua Nova da Trindade, 13 em Lisboa, não-de ser postos ao praça para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, uma porta forte, forrada a aço inoxidável, com 12 linguetas, com cerca de 2 metros de altura, dois discos de segredo, com porta interior, em grade equipada com fechadura de palheta duplo. Lisboa, 19 de Março de 1987

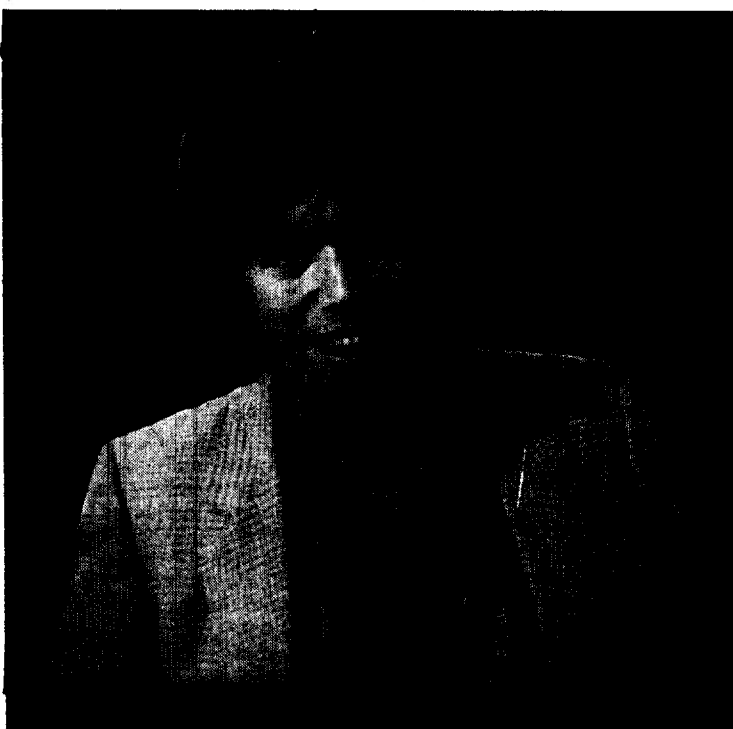
O Juiz de Direito

a) António Carlos Albuquerque Martins

O Escrivão Adjunto

a) Arminda Moura Gil

«DL» 24/3/87 — 1.ª pub.



TINO NAVARRO APRESENTA EM COLABORAÇÃO COM A LUSO-PRODUÇÃO

SÉRGIO GODINHO

1987

TOURNÉE NACIONAL

COLISEU DOS RECREIOS — LISBOA

27 e 28 de Março, às 21.30 horas

BILETES À VENDA: Coliseu dos Recreios • ABEP • Casa da Música • Biblioteca Municipal de Lisboa • Biblioteca Municipal de Almada • Biblioteca Municipal de Amadora • Biblioteca Municipal de Cascais • Biblioteca Municipal de Estoril • Biblioteca Municipal de Sintra • Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia • Biblioteca Municipal de Vila Real

APOIOS





SOARES INICIA VISITA DE 12 DIAS AO BRASIL

O Presidente da República, Mário Soares, partiu esta manhã para uma visita oficial de 12 dias ao Brasil, onde tenciona manifestar a «solidariedade de Portugal num momento de crise» e dará a conhecer «uma imagem moderna» do nosso país.

O «Tristar», ferto à TAP, que transporta o Chefe de Estado e a sua comitiva, descolou do aeroporto da Portela às 9 horas e 30 minutos, com meia-hora de atraso sobre o horário previsto.

Ao aeroporto deslocaram-se, para apresentar cumprimentos de despedida, o primeiro-ministro, Cavaco Silva, e outras individualidades.

Para realizar os objectivos que definiu para a visita, Mário Soares faz-se acompanhar por uma centena de personalidades de todos os domínios da Arte e da Ciência, empresários e membros do Governo.

A chegada a Brasília está prevista para as 18 horas, hora de Lisboa. Na capital brasileira, o Presidente português terá um encontro, hoje ainda, com o Presidente José Sarney, no Palácio do Planalto, antes de um jantar íntimo.

Programa da visita

Seis cidades em doze dias, incluindo uma deslocação até ao coração do Amazonas, estão no programa da visita oficial que o Presidente da República inicia terça-feira ao Brasil.

A Capital Federal, Brasília, é a primeira paragem de Mário Soares, que será recebido com honras militares antes de um primeiro encontro e de um jantar íntimo com o Presidente José Sarney no Palácio do Planalto.

Quarta-feiras, o Presidente da República terá encontros com delegados dos Partidos Políticos Brasileiros, com o Conselho Nacional dos Bispos Brasileiros e o Corpo Diplomático acreditado em Brasília.

Mário Soares inaugurará também uma exposição de azulejos portugueses e ao fim do dia será observado com um banquete pelo seu homólogo brasileiro.

Quinta-feira, Soares será o primeiro Chefe de Estado estrangeiro a discursar no novo congresso, que está investido de poderes constituintes, e depois de almoçar com o Senador Ulysses Guimarães, líder do PMDB, assistirá a uma sessão solene no Supremo Tribunal Federal.

Em seguida, o Presidente da República assina a Acta de instalação de uma comissão Luso-Brasileira encarregada de preparar as comemorações do quinto centenário do descobrimento do Brasil, antes de uma conferência de imprensa e de um jantar na Embaixada Portuguesa em honra do Presidente Sarney.

Sexta-feira, o Presidente da República desloca-se no avião pessoal do Presidente Sarney ao Centro Mineiro de Carajás, no Estado do Pará, onde se encontram jazidas de ferro e outros minérios consideradas das mais ricas do mundo.

Após uma visita ao centro, Soares parte para São Luís do Maranhão, Capital do Estado Natal do Presidente Sarney, onde jantará com o Governador Epitácio Cafeteira.

Sábado, o Presidente Brasileiro oferecerá ao seu homólogo Português o pequeno almoço na sua residência privada da praia do Calhau, antes de visitar uma fábrica e o terminal de uma linha de caminho de ferro.

Depois de almoçar com a Comunidade Portuguesa, Soares visitará o Hospital Português e partirá ao fim da tarde para Recife, onde será observado com um jantar pelo Governador do Estado de Pernambuco, Miguel Arraes.

Domingo, o Presidente visitará a Cidade de Olinda, a primeira Capital do Estado, e almoçará com a Comunidade Portuguesa antes de se encontrar com duas figuras de renome internacional: o antigo Arcebispo de Recife, D. Helder Camara, e o Sociólogo Gilberto Freyre.

Visitas ao Hospital Português e ao Gabinete Português de Leitura vão preceder um jantar íntimo com o Governador, e à noite uma deslocação ao Teatro Santa Isabel, onde Soares assistirá a um espectáculo com a participação de Luis de Lima e Carlos Paredes, bem como do Ballet Popular do Recife.

Segunda-feira dia 30, o Presidente da República partirá para Salvador, no Estado da Bahia, onde será recebido pelo Governador Waldir Pires antes de almoçar com a Comunidade Portuguesa.

A tarde será ocupada com visitas ao Hospital Português e ao Gabinete Português de Leitura, antes de um jantar oferecido pelo Governador.

Terça-feira, Soares parte para São Paulo, onde o seu primeiro gesto será depor uma coroa de flores ao Monumento do Ipiranga, antes de almoçar com o Presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas, o Empresário Santos Diniz.

A tarde, Soares receberá o grau de Doutor «Honoris Causa» na Universidade, onde encerrará um Colóquio sobre «A Ciência em Portugal», e inaugurará uma Exposição promovida pelo Instituto do Comércio Externo Portugues antes de um jantar oferecido pelo Governador Orestes Quercia.

Quarta-feira, o Presidente iniciará o dia com um pequeno almoço com Directores de Jornais Brasileiros, manterá encontros com Líderes Sindicais e inaugurará o Serviço de Hemodinâmica do Hospital da Beneficência Portuguesa.

Depois de um almoço na Federação dos Industriais do Estado de São Paulo (FIESP), Soares visitará o General Sarmento Pimentel e inaugurará um Cinema na «Portuguesa de Desportos».

Antes de jantar com a Comunidade Portuguesa, o Presidente procederá à inauguração no Museu de Arte de uma exposição da pintora Vieira da Silva.

Quinta-feira, Soares partirá de manhã para o Rio de Janeiro, onde deparará à chegada uma coroa de flores no Monumento aos Mortos Brasileiros na Segunda Guerra Mundial, antes de almoçar com empresários.

A tarde, o Presidente será nomeado sócio correspondente na Academia Brasileira de Letras, e depois de uma sessão no Real Gabinete Português de Leitura jantará com o Governador Moreira Franco.

Sexta-feira, Soares encerrará

um Paineiro sobre «Cooperação Tecnológica e Científica Luso-Brasileira no Campo da Saúde», na Fundação Oswaldo Cruz, depois de uma visita à rede de Televisão «Manchete».

Depois do almoço com a Comunidade Portuguesa, o Presidente visitará a Universidade, a Sede da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e inaugurará uma exposição sobre D. Pedro IV no Paço Imperial.

Sábado, Mário Soares visitará a Beneficência Portuguesa, o Liceu Literário Português e almoçará com o Prefeito Saturnino Braga, antes de visitar a rede de televisão «Globo» e

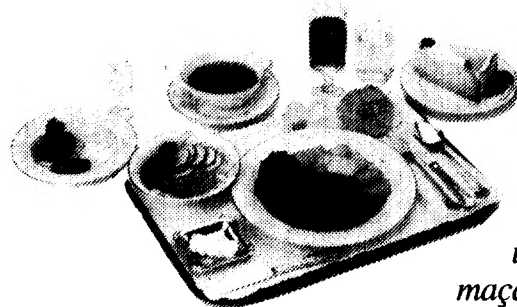


de assistir, à noite a um espectáculo do Ballet Gulbenkian. Domingo, último dia da visita oficial, o Presidente da República realiza uma conferência de imprensa antes da partida para Lisboa.

O BRASIL ESPERA VOCÊ DE BRAÇOS ABERTOS.



São Paulo

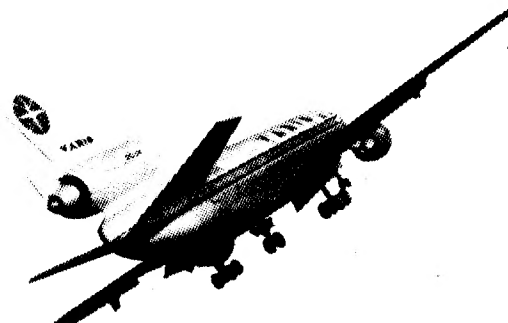


Rio de Janeiro

Recife



Rio de Janeiro



O Brasil é fruto de um dos mais inspirados momentos da Natureza. Seu clima é gostoso e sua vegetação é exuberante; sua fauna, uma exótica coleção de raridades. E seus 8.000 quilômetros de ensolaradas praias, um irresistível convite ao mar e à preguiça. O Brasil não é um país para ser contado. O Brasil precisa ser vivido, em todas as suas atrações e emoções. Você começa a desfrutar essa terra amiga no instante em que escolhe a Varig como companhia de viagem. Entre os deliciosos drinques, almoço de categoria internacional, chá da tarde e jantar, você ainda tem uma agradável programação de vídeo, música e leitura de bordo e dois filmes longa-metragem em lançamento internacional. Os vôos da Varig são diurnos. Assim você pode desfrutar sua viagem por inteiro. Inclusive a experiência e a simpatia da tripulação. Programe o Brasil como sua próxima viagem. E saiba porque o Brasil é o país de eternos braços abertos. Procure seu Agente de Viagens ou a nossa loja.

PRD APRESENTA MOÇÃO DE CENSURA

O vice-presidente do PRD, Hermínio Martinho, anunciou ontem que, na próxima semana, o seu partido apresentará uma moção de censura ao Governo. O dirigente renova-dor, que prestou declarações à Imprensa no final de uma reunião de cerca de meia-hora com o Presidente da República, que o recebeu na sua casa particular do Campo Grande, justificou a iniciativa do seu partido com a necessidade de clarificação do relacionamento entre o Governo e a Assembleia da Repúbli-ca.

Este objectivo foi, de res-to, bem sublinhado por Mar-tinho que o considerou «fun-damental, num momento em que se agudizam as relações entre os dois órgãos de so-be-rania com o caso da visita da delegação parlamentar à União Soviética».

Depois de justificar a au-sência do Presidente do PRD, Ramalho Eanes, com afaze-res partidários que não se coadunavam com a neces-sidade urgente da entrevista com Mário Soares, Hermínio Martinho sublinhou que a ac-tuação do Governo face à vi-sita à URSS «abalou o pres-tígio internacional do nosso país».

Quanto às soluções para a crise política que esta inicia-tiva do seu partido irá inevi-tavelmente abrir, o vice-pre-sidente do PRD adiantou que «no actual quadro parlamen-tar é possível encontrar ou-tro Governo». No entanto, prosseguiu, caso se opte pe-la outra saída — eleições le-gislativas antecipadas — o PRD não estará despreveni-do. Martinho fez, aliás,

questão de salientar que os resultados de uma eventual nova consulta eleitoral «iriam desmentir as sonda-gens que têm sido vendidas aos portugueses».

A delegação dos renovado-res, que era ainda constituída por Marques Júnior e Ivo Pi-nho, fez em primeiro lugar o anúncio da decisão de apre-sentar a moção de censura ao Chefe de Estado para, de se-guida, lhe comunicar que tal não interferiria com a sua vi-sita oficial ao Brasil que ho-j se inicia.

Hermínio Martinho anun-ciou ainda que a posição do PRD iria ser comunicada ao Presidente da Assembleia da República e depois ao Go-verno a e depois a representa-dos no Parlamento, adiantan-do ainda que hoje deveria ha-ver reuniões com partidos da Oposição.

Sobre a forma e a compo-sição de um Governo saído do actual quadro parlamentar, caso fosse aprovada a moção de censura, o dirigente reno-vador afirmou que «somente» depois do debate na Assem-

bleia o PRD tomaria posição e apresentaria propostas.

«PS tem objectivos próprios»

Entretanto, o Partido So-cialista, através do seu secre-tariado nacional, tomou já ontem à noite uma posição sobre a iniciativa dos reno-vadores. Em comunicado dis-tribuído, os socialistas co-megam por registar o facto de o PRD «ter tomado tão grave decisão sem consulta prévia aos restantes partidos da Oposição parlamentar» e interrogam-se sobre a «oportunidade» da sua divul-gação na véspera da partida do Presidente da República para o Brasil.

Depois de salientar que o «PS tem a sua estratégia, o seu calendário, os seus ob-jectivos próprios, não ne-cessariamente coincidentes com os dos outros partidos da Oposição», o comunicado daquele organismo de cúpula do Partido Socialista reafir-ma aquela que tem sido a po-sição «de fundo» do partido em relação ao Governo «ex-pressa na recusa de lhe con-ceder a confiança política em todos os momentos em que esta foi institucionalmente suscitada». O documento re-corda de seguida que «não foi essa, até agora, a posição do PRD» pois, tanto no que res-peita ao programa do Gover-no, como na moção de con-fiança por este apresentada, este partido se absteve.

Finalmente, o comunicado anuncia a convocação da Co-



Hermínio Martinho

missão Política do partido — não só para apreciar «as razões que vierem a ser adu-zidas na fundamentação da moção de censura», como a «nova situação criada — e manifesta a intenção de dar seguimento às reuniões já programadas com os restan-tes partidos da Oposição».

PSD: silêncio

Também o PCP que reuniu ontem à noite mesmo a sua Comissão Política poderá ainda hoje tomar uma posi-

ção detalhada sobre o assun-to. No entanto, o líder da bancada comunista teve já uma reacção francamente po-sitiva à iniciativa dos reno-vadores. «Se a anunciada moção de censura» levar à substituição do actual Gover-no por um outro «democráti-co», ela «será bem vista por parte do PCP», afirmou Car-los Brito. E prosseguiu: «O PCP tem defendido que a de-missão e a substituição deste Executivo é um imperativo nacional da maior urgência».

Idêntica reacção partiu do MDP que, através de Mário Casquilho disse que o seu partido «vai esperar que as forças da Oposição tenham vontade política de, no ac-tual quadro parlamentar, for-mar um outro Governo». Se a moção for aprovada, adian-tou o dirigente do MDP, «acrescem as responsabilida-des do PS em encontrar uma solução governativa». Quan-to à participação do seu parti-do num novo elenco gover-namental, Mário Casquilho afirmou que «estarmos ou não presentes não será con-dição posta por nós para viabilizar» tal Executivo uma vez que tal «opção de-penderá de uma plataforma política que possa ser apro-vada».

Quanto aos centristas refi-ra-se a divulgação esta ma-nhã de um lacónico comuni-cado assinado pelo Gabinete da Presidência do CDS onde se lê o seguinte: «O CDS vai apreciar a questão da mo-ção de censura anunciada pe-lo PRD, na sua habitual reu-nião da Comissão Permanen-te de quarta-feira. Só após essa reunião o CDS se pro-nunciará sobre essa ques-tão».

Quanto ao PSD, o grande visado em toda esta situação, o silêncio é total. Esta ma-nhã, uma fonte partidária ga-rantiu ao «DL» que não esta-va marcada nenhuma reunião da Comissão Política para hoje. O que não quer dizer que tal não se venha a con-cretizar.

Informação

COMERCIAL

A Direcção Comercial da CP vem por este meio informar que a partir desta data, os nossos Serviços estão instalados na sua nova sede em Lisboa no seguinte endereço:

CP Direcção Comercial

Rua do Conde Redondo, 145 - 1100 Lisboa

Telefones: 578653, 578539, 578445, 578335, 578292, 578212, 578023.



Caminhos de Ferro Portugueses

Eleições para o Sindicato

dos Jornalistas

Lista "B" propõe urnas nas Redacções

A lista «B», candidata às eleições para os corpos geren-tes do Sindicato dos Jornalistas, propõe que no próximo dia 31 sejam colocadas urnas de voto nas principais redac-ções do País.

Segundo aquela lista, «a democracia implica participa-ção — e a participação será tanto maior quanto melhores e mais fáceis forem as possibilidades de os associados se exprimirem nas eleições».

Acentuou ainda a lista que «o sindicato não deve espe-rar que sejam os jornalistas a dirigirem-se a ele», pois que tal «é uma concepção arcaica e ultrapassada do sindica-lismo».

O conceito moderno, eficaz democrático de sindicalis-mo (que a lista «B» diz perfilhar) «implica que o sindicato esteja presente nos locais de trabalho, que seja o sindicato a dirigir-se aos jornalistas».

**Lista «A»
já se avistou
com AID e AIND**

A outra lista concorrente, a «A», avistou-se já com os presi-dentes da Associação da Imprensa Diária e da Imprensa Não-Diária, respectivamente drs. Ruella Ramos e Luís Penha e Costa.

Aproveitando a oportunidade, os elementos da lista «A» (Emílio Rangel, Joaquim Letria, Ribeiro Cardoso e Maria Celi-na) falaram da necessidade de negociação contratual directa, e preferentemente anual, o que foi recebido com grande abertura pelos presidentes daquelas duas associações.

O problema dos lixos com solução à vista

CÂMARA QUER QUE VALE DO FORNO ARRANQUE ATÉ AO FIM DO ANO

O problema do destino dos resíduos sólidos de Lisboa poderá estar próximo de uma solução definitiva, depois da Câmara Municipal de Lisboa ter decidido ontem abrir concurso limitado para a execução da empreitada do aterro sanitário do Vale do Forno, com a vista à sua entrada em funcionamento antes do fim do ano.

A posição camarária foi tomada face à urgência em se ter disponível um aterro sanitário que evite hiatos no processo de tratamento e destino final dos resíduos sólidos da capital, tendo presente o esgotamento previsto, no quarto trimestre desse ano, da capacidade de exploração das valas sanitárias de Beirolos.

Como o «DL» tinha ontem noticiado, apesar da Câmara de Lisboa estar reunida com

mais quatro Municípios da área da Grande Lisboa numa Associação para o estudo do destino dos lixos, a médio e longo prazo, o executivo camarário e os técnicos reconheceram a necessidade de construir o aterro sanitário do Vale do Forno, para o qual o projecto e estudos estão há muito concluídos.

Assim, a empreitada a lançar, cujo valor estimado se situa na ordem dos 95 mil contos, envolve a realização

de trabalhos de movimentação de terras, de execução de arruamentos e esgotos, construção de açude e poço de bombagem, e execução das redes de abastecimento de água e de electricidade.

Homenagem ao Grémio Literário

A Câmara deliberou ainda aprovar o lançamento para o próximo ano da derrama de 10 por cento sobre as colectas de contribuição industrial e contribuição predial rústica e urbana.

O produto desta derrama será aplicada em melhoramentos urgentes, em especial, segundo sublinha o co-

municado da edilidade, no que se refere à execução dos programas de habitação social do Município.

Recorda-se que a Câmara Municipal de Lisboa tem vindo, desde 1974, a proceder ao lançamento destas derramas, cujo produto tem constituído uma importante fonte de financiamento de despesas de investimento de elevado interesse social.

Por ocasião da passagem dos 141 anos da fundação do Grémio Literário, a Câmara deliberou atribuir-lhe a medalha de honra da cidade face ao papel desenvolvido por esta instituição não só no domínio da cultura humanística como científica e técnico-económica.

As obras na Secretaria

de Estado da Cultura

Ministério admite falta e acusa Câmara de empolamento

O Ministério das Obras Públicas admitiu ontem que as obras nas caves do edifício da secretaria de Estado da Cultura «não deveriam ter sido iniciadas, no rigor da Lei, sem que o respectivo processo fosse enviado» à Câmara Municipal de Lisboa.

Esta é a conclusão do relatório de inquérito mandado efectuar pelo titular da pasta das Obras Públicas às novas obras nas caves da sede da secretaria de Estado da Cultura, na Avenida da República, e que, recorda-se, na semana passada levaram à intervenção de vereadores da Câmara de Lisboa.

Embora reconhecendo que «as obras nas caves 4 e 5, ainda que de reduzido vulto, não deveriam ter sido iniciadas, no rigor da Lei, sem que o respectivo processo fosse enviado à Câmara Municipal de Lisboa», a nota ministerial indica que «o edifício fora devidamente licenciado pela Câmara», tendo a secretaria de Estado da Cultura resolvido «dar às caves 4 e 5, destinadas a cinema e serviços anexos, a utilização para ser-viço de música e serviços conexos».

A nota do gabinete de Oliveira Martins ressalva, contudo, que «a apreciação da Câmara se limitaria, no caso presente, a verificar se iam ser aplicadas as respectivas prescrições regulamentares, não estando em causa normas de carácter urbanístico, de cercas ou de inserção no ambiente».

A este propósito, a nota conclui que «estando as obras sob controlo da Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, estaria naturalmente assegurada aquela verificação», acrescentando que «só a Câmara Municipal de Lisboa estará em condições de esclarecer sobre as razões do que se tem por um empolamento da questão perante a opinião pública».

Clube Português de Imprensa



Prémios de Jornalismo/86

Prémio de Reportagem — valor 300 000\$00

Prémios de Foto-Reportagem — valor 150 000\$00

Apoios — EPNC, PRESSELIVRE, RENASCENÇA GRÁFICA, SOJORNAL, PROJORNAL, EMPRESA DO JORNAL NOTÍCIAS SARL, INTERPRESS, VASP, IMPRENOVA, SELECÇÕES DO READER'S DIGEST, DIRECÇÃO-GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Prémio Europa — valor 500 000\$00

1 viagem a Bruxelas com visita à sede da CEE

Edição em livro do trabalho premiado

(Texto original sobre a adesão de Portugal às Comunidades, com o mínimo de 120 páginas dactilografadas)

Apoios — CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS E COMUNIDADES EUROPEIAS

Prazo de entrega — 31 de Março

Prémio Ensaio — valor 250 000\$00

(Destinado exclusivamente a estudantes de Comunicação Social. Trabalho original sobre os «media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas)

Apoio — PRESSELIVRE

Prazo de entrega — 31 de Março

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

ESTÁGIO COMPLEMENTAR DE FORMAÇÃO

Apoio à colocação em empresas dos ex-estagiários dos cursos de formação profissional promovidos pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (I.E.F.P.)



A fim de viabilizar a integração no mercado de trabalho dos ex-estagiários que tenham concluído os cursos de formação profissional promovidos pelo I.E.F.P., e tendo em vista a experiência profissional necessária ao desempenho de futuras funções, criámos o *Subsídio Complementar de Formação*.

Pretendemos com esta medida, que liberta as empresas de todos os encargos à excepção do custo dos materiais e do seguro de acidentes de trabalho, estimular a criação de novos postos de trabalho numa acção com especial incidência no firme apoio à Juventude em início da sua carreira profissional.

Despacho normativo
N.º 109/86 de 4/Novembro/86
(D.R. n.º 285 de
12 de Dezembro)



INSTITUTO DO EMPREGO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Devido à má qualidade da comida que lhes é servida em Torres Novas

ALUNOS DA ESCOLA PRÁTICA DA PSP DIZEM QUE ESTÃO A "PASSAR FOME"

Manuel Geraldo

Os 381 alunos, de ambos os sexos, que neste momento frequentam a Escola Prática da PSP (EPP), em Torres Novas, subscvem na globalidade um comunicado, a que tivemos acesso, no qual afirmam que a alimentação que lhes é servida baixou ultimamente de qualidade, em cerca de 60 por cento, obrigando-os praticamente a passar fome, a não ser que «comam sandes, bolos, coisas trazidas de casa no regresso do fim-de-semana, ou então refeições fora da escola». Tornando-se esta última alternativa praticamente impossível para a maioria, dada, ao que referem, a remuneração de 6600 escudos mensais auferida.

Face à situação vivida na EPP os seus alunos alertam que «só vem para a PSP quem estiver no desemprego, pese embora a humanidade dos instrutores e dos monitores», sem a qual, frisam, «o desastre seria total» no estabelecimento comandado pelo tenente-coronel Freire de Matos.

Fazendo um pouco de história sobre a forma como se processa a admissão de guardas na instituição apurámos que o antigo Estatuto da PSP, aprovado pelo Decreto-Lei 39.497, de 31 de Dezembro de 1953, consignava, nos seus quadros, a categoria de guarda provisório mantida não só durante o período de instrução como também após terem passado a «prontos» até completarem dois anos de serviço contados a partir da data do seu alistamento.

Posteriormente, o Decreto-Lei 48 674 de 11 de Novembro de 1968, veio definir que, após o período de instrução com aproveitamento, os guardas provisórios passavam a guardas de 2.ª classe. A designação de guardas provisórios, enquanto frequentavam a Escola Prática da PSP, manteve-se até à publicação do novo Estatuto aprovado pelo Decreto-Lei 151, de 9 de Maio de 1985, que passou a designá-los como alunos. Na sequência do novo Estatuto, elaborado durante o mandato de Almeida Bruno e que a Pró-Associação Sindical da PSP afirma não haver tido a colaboração da classe, foi reti-

rado aos alunos da EPP não só o vínculo à Função Pública como também o vencimento, passando a ser-lhes atribuída uma simples gratificação estipulada em 20 por cento do vencimento da categoria de guarda de 1.ª classe, o que em termos práticos, equivale a uma importância mensal de 6600 escudos líquidos. A título de exemplo poderemos revelar que na GNR e na Guarda Fiscal os alistados têm por mês o vencimento de 26 400 escudos.

Mas com a perda do vínculo à Função Pública, os alunos da EPP ficaram ainda sem outras regalias. A saber: não contagem de tempo para efeitos de aposentação; não benefício de descontos nos transportes ferroviários; não terem direito à utilização gratuita nos transportes públicos colectivos; não poderem ser considerados em serviço em caso de acidente, pelo que se um aluno se deficientar ou vier a falecer na instrução, nem ele nem a família beneficiarão de qualquer comparticipação nos moldes em que é concedida aos servidores do Estado. Sendo de ter em linha de conta que concorrem à PSP cidadãos cujas idades variam entre os 21 e os 28 anos, muitos deles já casados e, portanto, com encargos de família.

«É inegável — frisou ao 'DL' um dos alunos da EPP — que sem vínculo à Função Pública que garanta segurança nos seus múltiplos aspectos faz com que muitos dos candidatos à

PSP desistam, não sendo assim de admirar que dos 484 chamados para alistamento em 1986, só 381 frequentem actualmente a Escola de Torres Novas.» O nosso interlocutor lembrou depois que «se um alistado residir por exemplo no Algarve, com os 6600 escudos que recebe, se fumar um maço de tabaco por dia e tomar uma bica, não lhe sobra dinheiro para visitar a família uma vez por mês, não contando já com despesas obrigatórias como as que respeitam à higiene pessoal».

À espera de Alves Morgado

Dado que no seu comunicado os alunos da EPP afirmam não serem indiferentes à existência da luta em prol da formação de um Sindicato da classe, contactámos a Pró-Associação Sindical da PSP, tendo-nos o 1.º comissário Joaquim Santinhos remetido, a propósito, deste problema, para a «Carta Reivindicativa» do organismo de que é coordenador nacional, na qual é reivindicada «a revogação das normas que regulam a admissão e frequência dos cursos por parte dos candidatos e agentes da PSP, na Escola Prática de Polícia, dado que a actual situação de não vinculados à Função Pública e a baixa gratificação mensal (6600\$00) que auferem, provoca-lhes situações dramáticas e desprestígio grave para a instituição policial».

Entretanto, junto de uma fonte próxima do Comando-Geral da PSP, foi-nos dito que a situação de «interinidade» do general Correia Ventura não lhe permite tomar medidas de fundo, como seria seu desejo, em questões pontuais. Pelo que para os alunos da EPP não existem condições para que as suas principais reivindicações venham a ser satisfeitas até à substituição de facto do general Almeida Bruno pelo general Alves Morgado, ao que se espera em fins de Abril próximo. Só lhes restando até lá apertarem o cinto. Parece ficção mas não é!...

Mário Castrim



As relações diplomáticas de Portugal com diversos outros países conheceram tremendas perturbações nos últimos tempos.

Tudo começou, há dias, com aquela missão oficial que se deslocou aos Estados Unidos. Já mesmo quando se encontrava naquele país, foi a dita delegação informada de que, por razões de Estado, não devia deslocar-se a Dallas.

Todos os jornais americanos, principalmente os humorísticos, se referiram ao assunto, perplexos. Mais perplexo do que ninguém, se mostrou, a Secretaria de Estado, mas o Governo português, talvez mais do que em nenhuma vez, não se fez ao piso, manteve-se inflexível.

Houve mesmo quem observasse que ele não cederia nem mesmo que a CIA se metesse ao barulho.

Que secretas razões moveriam o Governo de Lisboa, contra o Estado do Texas?

(Para os supinamente ignorantes: Texas ocupa uma superfície superior em quase oito vezes à de Portugal. Mas Texas não é só isto. Ele é conhecido como o cérebro imoral dos Estados Unidos). De facto, era tudo bem simples.

O Governo de Lisboa argumenta que jamais reconheceu a anexação daquele Estado, feita pelos Estados Unidos em 1845. O México foi submetido a uma guerra cruel viu o seu território devastado pelas tropas do presidente Polk e só assim renunciou aos seus direitos sobre o Texas. O Governo de Lisboa, apresenta um documento diplomático datado de 1846 em que o nosso país se recusa a aceitar a anexação daquele Estado. Assim sendo, a delegação oficial portuguesa não tem outra alternativa senão. De um momento para o outro, porém, o Governo de Lisboa desbloqueou a situação e a visita a Dallas acabou por se efectuar.

Alguns comentadores portugueses, conhecidos pela sua oposição ao Governo, afirmaram que este se submetera «às pressões do imperialismo» e que a tal decisão não era estranha a presença em Portugal de um director da CIA.

Não é correcto. Estou em condições de relatar como tudo se passou na realidade. Ou seja: o Governo português apenas cedeu após um telefonema agreste do J.R. safa!

Mata de pinheiros

ardeu pela segunda vez

Pela segunda vez já este mês, um incêndio deflagrou numa mata de pinheiros, em Sesmo, freguesia de Sarzedas, a cerca de 27 quilómetros de Castelo Branco. Admitindo os bombeiros daquela cidade que ambos os fogos tiveram origem em queimadas feitas por agricultores que não tomaram as providências necessárias, de forma a evitar a propagação das chamas a outras propriedades. «O calor vai começar a apertar — disse um porta-voz dos bombeiros — e este ano pode vir a ser uma autêntica calamidade, pois tal como aconteceu em anos anteriores na zona, os caminhos não foram limpos». Comentando a situação, uma fonte dos Serviços Florestais disse que nada pode ser feito enquanto não for publicado o decreto que autorize a fazer essas limpezas.

Bomba não explodiu

na igreja de Calhandriz

Por motivos que se recusou a revelar, um indivíduo, que irá ser submetido a exames do foro psiquiátrico, atirou, cerca das 23 horas da passada sexta-feira, um engenho explosivo, que não chegou a deflagrar, para o interior da igreja de Calhandriz, uma freguesia do concelho de Vila Franca de Xira, situada entre Alverca e Arruda dos Vinhos. José Plácido, 32 anos que disse ter fabricado o engenho na sua residência naquela localidade, partiu ainda vários vidros da igreja à pedrada, numa altura em que não estava ninguém no templo.

Faltam quadros médicos, de enfermagem, de segurança...

Deputado denuncia carências na cadeia de Custóias

A falta de pessoal, particularmente médicos e vigilantes, é o principal problema do Estabelecimento Prisional de Custóias, segundo afirmações feitas pelo deputado socialista-democrata Manuel Moreira.

Depois de uma visita à cadeia dos arredores do Porto, na qual foi acompanhado por quatro colegas de bancada parlamentar, Manuel Moreira denunciou a escassez de quadros médicos e de enfermagem, de segurança e técnico-educativos, como o maior problema daquele estabelecimento hospitalar.

Outro dos problemas detectados pelo deputado foi o do excesso de reclusos, que normalmente se situa acima dos 800 quando o estabelecimento tem oficialmente capacidade para apenas meio milhar.

Assassinou a mulher à facada em Anadia

A GNR deteve em Anadia, no concelho de Aveiro, o agricultor Manuel Maria, de 45 anos, que matou a sua mulher à facada, devido a ciúmes. A vítima, Avelina Maria, de 42 anos, ainda deu entrada com vida no hospital daquela

Dados relativos ao dia 20 deste mês, fornecidos pelo mesmo deputado, referiam a existência de 803 reclusos, dos quais 597 em situação de prisão preventiva (557 homens e 40 mulheres).

«É uma carência difícil de gerir, na medida em que a maioria dos presos são preventivos», entende o deputado, repetindo, no fundo, a opinião do director da cadeia.

Ainda segundo Manuel Moreira, o corpo de vigilância está reduzido a 151 guardas efectivos que trabalham 60 horas semanais em média. Assim, disse, há uma carência de pelo menos mais 60 homens.

No campo da assistência médica, verifica-se que há apenas um médico e um enfermeiro, e é insuficiente o número de técnicos de educa-

ção, não existem técnicos oficiais e verificam-se enormes carências quanto a pessoal administrativo.

As necessidades no domínio do equipamento são igualmente flagrantes, particularmente no que se refere à escassez de veículos prisionais — há apenas três que no ano passado percorreram cerca de 300 mil quilómetros.

Dos cinco pavilhões em funcionamento — para reincidentes, delinquentes primários, menores, presos em trânsito e mulheres — o grupo de deputados concluiu que apenas o das mulheres se encontra em situação degradante, «necessitando de obras urgentes de ampliação e melhoramento». Segundo o director da cadeia essas obras deverão iniciar-se já em meados do ano corrente.

vila, onde veio a sucumbir aos ferimentos. Quanto ao homicida foi presente ao juiz de Instrução Criminal de Aveiro, tendo depois transitado para a cadeia local, a fim de ali aguardar julgamento.

INSUCESSO ESCOLAR EM DEBATE: O COMO, O PORQUÊ E O FUTURO

Manuela Alves
enviada especial

Ter insucesso escolar significa, no sentido restrito da expressão, reprovar. E o sucesso o que é? Poderá considerar-se que têm sucesso todos os que percorrem o sistema de ensino português e conquistam um «canudo»? Quantos, por preconceitos, pressões familiares e sociais não recalcam, por exemplo, habilidade para o trabalho manual? O colóquio sobre «O insucesso no ensino obrigatório: o como, o porquê e o futuro», que ontem começou em Coimbra tem sido mais uma oportunidade de mostrar, que na escola que temos quase tudo está mal e é urgente mudá-la para construirmos o país de que precisamos.

Pôs o dedo na ferida, já ao fim do primeiro dia de trabalhos, uma participante. Decorria a sessão mais animada de ontem, cujo tema foi «A criança e a escola — pedagogia para um sucesso». Apresentaram-no dois médicos do Centro de Desenvolvimento do Hospital Pediátrico de Coimbra — Luís Borges e Isabel Maria Martins Carvalho — centro onde funciona uma consulta de insucesso escolar. A razão porque essa consulta foi criada, foi o facto de o insucesso escolar ser a terceira causa de pedidos de consulta daquele estabelecimento hospitalar.

A participante contou o caso de um licenciado no desemprego que um dia, por acaso, lhe arranhou um aparelho eléctrico de aquecimento. Reconhecendo a sua habilidade e querendo ajudá-lo, recomendou-o para esse tipo de arranjos a amigos e conhecidos. Gratificante lhe foi ouvir uns anos mais tarde o mesmo licenciado dizer que a partir dessa experiência accidental decidira dedicar-se a esse tipo de trabalho — que era, afinal o que sempre gostara de fazer —, ganhava assim a vida muitíssimo bem e o curso passara a ser o seu «hobby».

No fim a participante perguntou: Poderá dizer-se que este licenciado teve sucesso escolar? Obviamente a resposta foi não.

70 por cento dos alunos do ensino primário têm sucesso

Da sua experiência no Centro de Desenvolvimento, o médico Luís Borges afirmou

que 70 por cento dos alunos do ensino primário têm sucesso e 30 por cento não têm. O que distingue os dois grupos? Factores de três ordens: os que têm a ver com a criança propriamente dita (saúde física, organização perceptiva, desenvolvimento intelectual, linguagem, desenvolvimento emocional, motivação), os que têm a ver com a família (o bem-estar familiar, atenção em relação à escola, a cultura dos pais, a expectativa destes em relação aos filhos e as condições económico-sociais), finalmente factores que se prendem com a escola (a individualização do ensino, valorização da linguagem oral, a pedagogia da relação, a emoção de maturidade, o ritmo do trabalho, a qualidade humana e pedagógica do professor).

Luís Borges referiu como uma causa de insucesso neste nível de ensino, o facto de a criança chegar à escola com um grau de imaturidade superior aos dos outros componentes de grupo e de nesse momento não conseguir dar a mesma resposta que eles às exigências do professor e do programa. O que não quer dizer que, desenvolvida a maturidade, não venha a dá-la algum tempo depois. O que muitas vezes acontece é que a criança é imediatamente rotulada de incapaz, desvalorizada, o que vai obstar ao seu desenvolvimento.

O carácter humano das relações

A valorização da qualidade humana do professor — tão importante como a pedagógica —, a sua preocupação pelo bem-estar da criança, a rela-

ção que cria com ela, é outro factor fundamental para o sucesso do aluno.

Assim como fundamental é a qualidade do afecto que a mãe dedica ao filho, sendo como é a figura parental mais importante para este grupo etário.

«Uma coisa lhes posso garantir — afirmou o médico Luís Borges — a mãe que trabalha educa tão bem o seu filho como a que está em casa. No afecto o importante não é a quantidade mas a qualidade».

Outros esclarecimentos pontuais foram por exemplo: a criança dos 6, 7 anos não deve ter mais do que 2 ou 3 horas de trabalho diário intelectual, incluindo o trabalho de casa, assim como a dos 8 aos 9 anos não deve ultrapassar as 3 a 4 horas diárias desse trabalho.

Isabel Maria Martins de Carvalho apresentou os resultados do inquérito realizado pelo centro cujos resultados levaram à conclusão de que as crianças privilegiam o professor amigo em relação ao que ensina bem, reconhecem que devem ser castigadas por vezes, mas desaprovam o castigo físico em geral.

E também nesta sessão se falou da importância da educação pré-escolar e da necessidade de a tornar obrigatória, quando uma professora perguntou a Luís Borges: «Será que o jardim de infância não

tem nenhum papel positivo no sucesso escolar?»

A resposta foi que o jardim de infância tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, sobretudo no desenvolvimento de meios socioeconómicos e culturais mais baixos não devendo no entanto o jardim de infância sobrepor-se ao papel fundamental da família.

Piriquitos e pirilampos

De tudo isto estão os professores bem conscientes e algumas provas disso foram dadas no primeiro dia do colóquio, organizado conjuntamente pela Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente, Sindicato dos Professores da Região Centro e o Grupo Português de Educação Nova.

Que estão conscientes de que na nossa escola quase tudo está mal (ao que não escapa a tutela) atesta a estrondosa ovação com que ontem foi acolhido o comentário «isto é uma palhaçada, isto é cada vez mais uma palhaçada», feito por um participante referindo-se à intervenção televisiva do ministro a favor da campanha de solidariedade das Cercis.

«O ministro aparece a apoiar os piriquitos, ou os pirilampos ou lá o que é, quando toda a gente sabe que se as

Cercis recorrem à solidariedade pública é porque o MEC lhes corta as verbas».

(Diga-se em abono da salvaguarda das relações dos professores com o MEC ou vice-versa que o autor do comentário não era professor).

Que os professores estão conscientes são muitos e complexos e que as soluções passam muito por eles, atestam o grande número de inscrições no Colóquio que reúne no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra cerca de 800 participantes e convidados.

Pedidos de inscrição vieram de vários pontos do País e por falta de espaço algumas dezenas tiveram que ser recusadas. Isto apesar de os participantes viem a expensas suas e de o MEC não lhes ter concedido dispensa especial de serviço.

«O ensino obrigatório num momento de mudança»

Mas perspectivas de mudança se esboçaram para o ensino obrigatório à luz de três documentos fundamentais: a Lei de Bases do Sistema Educativo, o Projecto Global de Actividades da Comissão de Reforma do Sistema Educativo e a nova Lei Orgânica do Ministério da Educação.

Este foi o ponto de vista que defendeu a técnica superior do Ministério da Educação, Maria José Rau, que ontem também

fez uma intervenção intitulada «O sucesso escolar e a Reforma do Sistema Educativo».

Dos três documentos considerou a Lei de Bases o de maior generosidade e com uma perspectiva mais integrada das questões do ensino.

Considerou duas perspectivas para a mudança: uma administrativa que, arrumando a realidade em compartimentos, deixa quase sempre escapar o cerne dos problemas. A outra, pedagógica, que aborda integralmente a realidade inter-relacionando os vários domínios e atingindo o cerne dos problemas. No entanto esquece-se frequentemente de enquadrar a intervenção. Referiu ainda uma terceira perspectiva que considerou optimista e conciliadora, e que acredita nos indicadores de qualidade, na regionalização possível, na gestão integrada, participada e participativa.

Os aspectos gerais do insucesso escolar foram abordados pelo professor Fraústo da Silva, que ontem abriu o colóquio.

Esta manhã, Carlos Amarel Dias abordou o tema «O insucesso escolar como sintoma de dificuldade de desenvolvimento». De tarde, Odete Valente falará sobre «A escola pode fazer uma diferença: lutar pelo sucesso escolar desenvolvendo as capacidades metacognitivas». Os trabalhos encerram amanhã com um painel sobre o tema do colóquio.



ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Em cumprimento do disposto no Artigo 3.º, alínea a), e ao abrigo dos Artigos 4.º e 5.º do Regulamento da Assembleia de Delegados, convoco todos os Delegados Sindicais para uma sessão ordinária e outra extraordinária da Assembleia de Delegados.

As sessões realizam-se na Sede do Sindicato, no próximo dia 31 de Março, com início às 15.00 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Sessão ordinária:

Único: Apreciação, discussão e votação do Relatório de Actividade da Direcção e das Contas de 1986.

Sessão extraordinária:

1. Situação social no Ramo de Actividade.
2. Informações.

Lisboa, 23 de Março de 1987

O PRESIDENTE
DA MESA DA ASSEMBLEIA DE DELEGADOS
Jose Churra Brita



SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE BEBIDAS DO SUL E ILHAS

Av. Miguel Bombarda, 96-1.º Dt.º Telef. 764321/764331 1000 LISBOA

PRÉ-AVISO DE GREVE

À Administração da Empresa das Águas do Vimeiro, Ld.º
Ao Ministério do Trabalho

Ao abrigo do Artigo 59.º da Constituição da República Portuguesa e nos termos e para os efeitos previstos na Lei 65/77, de 26 de Agosto, nomeadamente no seu Artigo 5.º, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Bebidas do Sul e Ilhas vem decretar uma Greve na Empresa das Águas do Vimeiro, Lda., a realizar das 12.00 horas do dia 25 de Março de 1987 até às 18.00 horas do dia 27 de Março de 1987.

Os objectivos desta Greve são os seguintes:

- Pelo pagamento dos salários em atraso;
- Pelo pagamento dos retroactivos;
- Pelo pagamento do 13.º mês;
- Pelo pagamento dos salários até ao último dia de cada mês.

Lisboa, 23 de Março de 1987

Pel'A Direcção
(assinatura ilegível)

Leitores universitários aderem a paralisação

Os cerca de 130 leitores das Universidades portuguesas anunciaram já a sua adesão à greve nacional dos professores, marcada pela Fenprof para as próximas quinta e sexta-feira.

Em comunicado divulgado em Coimbra, aquela categoria de docentes universitários, a quem compete, entre outras funções, o ensino das diferentes línguas estrangeiras, reclamam a dignificação do estatuto profissional dos professores.

UNIVERSIDADES CLÁSSICAS UNIDAS NA 'DIFERENÇA'

Uma reunião geral de alunos da Faculdade de Letras de Lisboa decidiu manter a greve que tinha sido anteriormente marcada para hoje, terça-feira, aliás Dia Nacional do Estudante. Ana Paula, da Comissão Coordenadora de Luta dos estudantes daquela faculdade, explicou a Lusa que a greve, marcada inicialmente para ser efectuada pelos três estabelecimentos estudantis congêneres de Lisboa, Porto e Coimbra, «somente será seguida» pelos universitários de Letras da capital. Como ontem notificámos, efectua-se hoje uma manifestação de Letras frente ao Ministério da Educação, pelas 15 horas. Entretanto, é já líquido que o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, recebe na próxima sexta-feira uma delegação de professores e alunos daquela faculdade e o reitor da Universidade Clássica de Lisboa, para «discutir os problemas da reestruturação dos Cursos de Letras», anunciou ainda Ana Paula.

Entretanto, a Associação Académica de Coimbra (AAC) denunciou «a ausência de uma política educativa global, coerente e articulada», a propósito do Dia do Estudante, que, como acima ficou dito, hoje se comemora.

Os responsáveis da maior associação estudantil portuguesa sublinham que, 25 anos após o 24 de Março de 1962, «o movimento associativo assiste a uma ofensiva do Ministério da Educação contra a gestão pedagógica das escolas».

A Associação Académica acentua que «hoje como ontem continua empenhada na denúncia de situações menos claras, na crítica de soluções erradas e na apresentação de alternativas», face àquilo que considera como «ausência de uma política educativa».

Os responsáveis da AAC anunciaram a realização das II Jornadas Pedagógicas da Universidade de Coimbra, a realizar entre 31 e 2 de Abril, como «um espaço de diálogo onde se questione a educação e o ensino».

As bases do sistema educativo, o papel do ensino público face à proliferação das universidades privadas, o regime das precedências e prescrições, o insucesso escolar e a autonomia universitária são alguns dos temas a abordar nos trabalhos das jornadas.

Segundo os responsáveis da AAC, «a mudança da mentalidade passa pela mudança dos processos e formas de actuação,

por uma maior transparência do funcionamento dos serviços administrativos e por uma maior atenção dos docentes aos problemas de ordem pedagógica.

Porto: aprovada proposta do reitor

Subindo ainda mais para o Norte, verifica-se que os estudantes da Faculdade de Letras do Porto aprovaram em plenário uma proposta do reitor da universidade que estabelece a metodologia para resolução do diferendo com o Ministério da Educação.

Nos termos da proposta, aprovada por unanimidade, atribui-se à Faculdade de Letras a iniciativa de elaborar um projecto de reestruturação dos Cursos de Letras.

O documento defende a entrada em funcionamento no próximo ano lectivo do regime transitório para os quinto e sexto anos e solicita aos Conselhos Directivos e Científicos a apresentação de uma lista de recur-

sos necessários à entrada em funcionamento, em Outubro, das áreas de formação profissional.

A proposta prevê também o estabelecimento de contacto com as Faculdades de Psicologia e de Ciência da Educação «para garantir e quantificar as vias de ensino para docentes».

Contempla ainda a criação de uma Comissão, sob a presidência da Universidade do Porto e integrando os presidentes dos órgãos de gestão da Faculdade de Letras e representantes dos alunos.

JS: momento de reflexão

A Juventude Socialista de Aveiro, por sua vez, considera que o Dia do Estudante deve constituir «um motivo de reflexão sobre a realidade portuguesa» no domínio da Educação.

Segundo aquela organização distrital da JS, «constata-se a olho nu a insuficiência de verbas atribuídas à Educação e a inca-

pacidade do actual Governo para concretizar os objectivos que permitam aumentar o índice de escolarização, o nível de conhecimento da população em geral, bem como a transição da Escola para a vida activa».

Os jovens socialistas avelenses consideram «imprescindível uma análise das necessidades resultantes da evolução da sociedade, acompanhando as permanentes inovações tecnológicas».

Nesse sentido, reclamam a aprovação final da lei de enquadramento e apoio às Associações de Estudantes do Ensino Secundário e Superior, o lançamento de um programa nacional de cooperação Escola/Emprego/Poder Local e a defesa do ensino público.

Advogam ainda uma «reforma do Ministério da Educação, passando fundamentalmente por uma regionalização de serviços e descentralização de competências».

VITOR SILVA, PEDRO & JOÃO, LIMITADA
(xx)

CERTIFICADO narrativamente para efeitos de publicação que por escritura de 13-2-87, lavrada de fls. 95v a fls. 97 do livro de notas para escrituras diversas n.º 397-C, do 15.º Cartório Notarial da Amélia Josefa de Queiroz Lopes, foi dissolvida por mútuo acordo dos sócios a sociedade em epígrafe com sede na R. de Santo António da Glória, n.º 6-C e 6-D, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 60916, a fls. 41v do livro C-153, e dada por liquidada a qual não possui bens ou direitos de qualquer natureza, nem, tem passivo a liquidar.

Está conforme ao original.

Lisboa, dezasseis de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante

Maria de Fátima Martins Bernardes Benedito

«DL» 24/3/1987

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
5.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Por este Tribunal, na execução que o exequente Companhia de Seguros Império, EP com sede em Lisboa, move ao executado JOSÉ FRANCISCO COELHO VARELA, residente na Rua Cimo da Vila, 22 — Unhos — Sacavém, cujo processo é o n.º 6733/B, da segunda secção, ao qual foram penhorados bens móveis correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 12 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
(assi. ilegível)

O Escrivão de Direito
(assi. ilegível)

«DL» 24/3/87 — 1.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
5.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Por este Tribunal, na execução que REPRESENTAÇÕES CURTICOURROS, LD.ª move contra a Executada ERRENE'S INDUSTRIAL MALAS E CONFECÇÕES, LD.ª, com sede no Casal da Fonte — Porto da Paiz — Odivelas, Proc. n.º 8047-A, 3.ª Secção, corre editos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
José Norberto de Melo
Basta de Queiroz

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Manuel Gonçalves Vilhena

«DL» 24/3/87 — 2.º pub.

10.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
ANÚNCIO

A Dr.ª ANA BELA DIAS CUPERTINO, Juiz de Direito da 1.ª Secção do 10.º Juízo Cível de Lisboa:

FAZ SABER, que se encontram pendentes nesta Secção uns Autos de EXECUÇÃO SUMÁRIA, registados sob o n.º 664/86, que o Exequente ALMIAF-COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES DE UTILIDADES DOMÉSTICAS, LD.ª com sede na Estrada de A. Da Maia, n.º 36-C, move contra a executada ANA MARIA REIS SILVA GONÇALVES, casada, com residência desconhecida actualmente e última morada conhecida na CALÇADA DA AJUDA n.º 100 r/c-Ajuda-1300 — Lisboa, é esta executada citada para no prazo de CINCO DIAS que começa a correr finda a dilação de TRINTA DIAS, que é contada da publicação do 2.º e último anúncio, deduzir embargos, pagar à exequente a quantia de 67 421\$50 representada nos autos por letras de câmbio aceites pela mesma executada, acrescida de juros à taxa legal até integral pagamento custas e procuradoria e demais acréscimos legais, ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido este direito àquele exequente.

O duplicado da fp. encontra-se nesta Secção à disposição da executada.

Lisboa, 13 de Março de 1987

A Juiz de Direito
Ana Bela Dias Cupertino

A Escrivã Adjunta
Noémia Maria Júnior

«DL» 24/3/1987

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
15.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO (a)

Execução Sumária N.º 4624 3.ª Secção.

Exequente Companhia de Seguros Império E.P.

Executado Fernando Costa Santos — Bairro da Serra da Luz — R. D. Pedro IV Lote AMP — 2.º Esq.º Odivelas.

Por este Tribunal correm editos de vinte dias, que começarão a contar-se da publicação do anúncio citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 4 de Março de 1987

O Juiz de Direito

a) Viriato M. Lima

Pel'O Escrivão de Direito

a) Isabel Constante de Oliveira

«DL» 24/3/87 — 1.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª secção deste Tribunal, e nos autos de execução de sentença n.º 12 063/B que Companhia de Seguros Império, EP move contra Joaquim Oliveira, com última residência conhecida na Rua Júlio Dinis, n.º 83, r/chão Esq.º, Ermesinde, Porto correm editos de TRINTA DIAS contados a partir de segunda e última publicação do anúncio, citando aquele executado para no prazo de CINCO DIAS, finda que seja a dilação dos editos, deduzir oposição à execução, pagar ao exequente a quantia de Esc. 132 039\$50 e juros vindentes, ou nomear bens à penhora suficientes para garantir tal pagamento, sob pena de, não o fazendo, se devolver ao exequente o direito de nomeação dos bens à penhora, tudo conforme melhor resulta da petição inicial, cujo duplicado se encontra na secretaria deste Tribunal à disposição do citando.

Lisboa, 12 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
José Tavares de Paiva

A secretária
Maria Teresa de Matos Dias

«DL» 24/3/87 — 1.º Pub.

VENDE-SE MOTO

Mod. Kawasaki, 500 2T Mach III/74

Bom estado 250 contos

Cont. Tel: 42636 depois 19h rede de Viana do Castelo

SINDICATO DOS PROFESSORES ZONA SUL

ASSEMBLEIA ELEITORAL

CONVOCATÓRIA

Convoca-se a ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL para o dia 26 de Maio de 1987, com a seguinte O.T.:

1. ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES DO S.P.Z.S., BIÊNIO 1987/89

Obs: Os locais e hora das Assembleias serão indicados posteriormente.

Évora, 12 de Março de 1987

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(ilegível)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

O dr. Álvaro Azevedo Soares, juiz de Direito substituído do 4.º Juízo, 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

FAZ saber que por este Juízo e secção correm seus termos uns Autos de Execução por Quantia Certa — Sumária, registados sob o número de ordem 52/83 em que é Exequente, Guilherme Martins Pinto, residente no Bairro Manuel Dinis, 17 — Bobadela — Sacavém e Executada, Manuel Dinis Júnior, Lda, com sede na Quinta da Parreirinha — Apartado 2 Sacavém — Loures, e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias findo o dos editos a contar da segunda e última publicação deste anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos Art.ºs 864 a seguintes do Código de Processo Civil.

Para constar se passou o presente anúncio que será legalmente afixado.

Lisboa, 13 de Março de 1986

O Juiz de Direito, Substituto
Álvaro Azevedo Soares

A Escrivãria
(assinatura ilegível)

«DL» — 24/3/87 — 2.º Pub.

ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS
Alameda D. Afonso Henriques, 72 — 2.º Esq.º LISBOA

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Ao abrigo dos nossos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para o dia 4 de Abril de 1987 pelas 14.30 horas e no Centro de Dia, com a seguinte ORDEM DE TRABALHO:

- 1.º — Apreciar e votar o relatório de contas e parecer do Conselho Fiscal de 1986;
- 2.º — Apreciar e votar o orçamento para 1987;
- 3.º — Proceder à reformulação dos Estatutos com base no Decreto-Lei 119/83;
- 4.º — Propor e votar novos sócios honorários;
- 5.º — Assuntos vários.

Se à hora marcada não houver número suficiente de sócios que permita a sua efectivação, a mesma funcionará meia hora depois com qualquer número de sócios presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Hermogénio de Oliveira

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo de Direito, deste Tribunal, 1.ª Secção de processos, na acção especial n.º 63/86, que o Autor Dr. Sérgio Manuel Miranda Lima Esteves, com domicílio em Torres Vedras, move contra os réus Luís Augusto da Fonseca Bilro e mulher Maria Adelaide Gameiro Laurentino Bilro, residentes, em parte incerta com última residência conhecida na R. Alvaro Coutinho, n.º 15, 2.º Esq.º, Lisboa, são estes réus citados, para, querendo, contestarem no prazo de 10 dias finda a dilação de 30 dias contada da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, sob a cominação de serem condenados no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste em ser ordenado o despejo da fracção autónoma correspondente ao 2.º andar, direito, do prédio urbano sito na Av.ª General Humberto Delgado, Lote 3, Torres Vedras, podendo os réus deduzirem em reconvenção o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julguem com direito.

Torres Vedras, 16 de Março de 1987

O Juiz de Direito
(António Ribeiro Martins)

O Escrivão de Direito
(Joel Henriques Ferreira da Silva)

«DL» — 24/3/87 — 1.º Pub.

GOVERNO ADJUDICA PONTE SOBRE O GUADIANA E BEI EMPRESTA DINHEIRO

A resolução conjunta de adjudicação das obras de construção da ponte internacional sobre o rio Guadiana foi ao fim da manhã formalmente apresentada pelo secretário de Estado das Vias de Comunicação, Falcão e Cunha, no Salão Nobre do Ministério das Obras Públicas, de acordo com a convenção estabelecida entre os dois países. A adjudicação da construção da ponte teve inicialmente prevista para Outubro de 1986, tendo vindo a ser adiada para Março deste ano.

Volta a falar-se com insistência da ponte internacional sobre o Guadiana. Parece, finalmente, que o processo vai arrancar a sério. A avaliar pelo acto a que o secretário de Estado das Vias de Comunicação presidiu ao fim da manhã. Outra firme indicação nesse sentido é o facto do Conselho de Administração do Banco Europeu de Investimento (BEI) haver ontem anunciado em Madrid a concessão de empréstimos a Espanha e a Portugal para a construção da ponte do Guadiana.

O vereador de serviço esta manhã da Câmara Municipal de Castro Marim, onde ficará implantada uma das duas partes da ponte, disse ao «DL» que a edificação tem sido posta à margem, praticamente, de todo o processo. «Tudo o que sabemos é pela Comunicação Social», acrescentou José Luís. Por causa das vias de acesso, a Câmara de Castro Marim apenas tem entre mãos processos da Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (de 1986) e da JAE (de 16 de Julho de 1985).

A informação da concessão de empréstimos do BEI, de que atrás se fala, foi prestada pelo vice-presidente da instituição bancária, Miguel Angel Arnedo, segundo o qual o valor e as condições do financiamento não serão revelados até que a operação financeira esteja concluída.

O Conselho de Administração do BEI aprovou a concessão de empréstimos pelo valor de 155 805 milhões de pesetas para 30 projectos de investimentos dentro e fora dos países da CEE, dos quais 14 000 milhões de pesetas correspondem a Espanha.

A entidade bancária europeia concedeu outros empréstimos ao sector financeiro e um ao governo regional de Andaluzia, para melhoria das estradas.

Os representantes do BEI visitaram, durante esta semana, as regiões de Castela e Andaluzia para verificar o grau de realização dos projectos financiados pelo banco.

Património luso no mundo

"Uma enorme fusão de diversas culturas"

— diz presidente do Congresso

«É uma enorme fusão de diversas culturas» e uma «fatalidade histórica» a presença de Portugal no mundo que, sob a forma de Congresso, está desde ontem a ser abordada em Lisboa. Salvar e dar a conhecer o património português no mundo é o principal objectivo deste I Congresso do Património Luso no Mundo, cuja sessão inaugural teve ontem lugar presidida pelo embaixador Nunes Barata, em representação de Mário Soares.

«O fenómeno da expansão do património luso é — disse Augusto Brandão, presidente da Comissão Executiva do Congresso — um dos exemplos mais perfeitos da capacidade de uma mesma cultura poder exprimir-se através de centenas de aspectos

que formam um todo pela diversidade das culturas intervenientes».

Este Congresso insere-se num programa mais vasto, coordenado pelo Grupo de Estudos do Património Português fora da Europa (GEPSPFE), que tem como objectivos prioritários a elaboração da carta do património arquitectónico luso no mundo e seu levantamento bibliográfico, iconográfico, cartográfico e fotográfico.

Na sessão de abertura usaram da palavra, além de Pereira Brandão, Anne Raidle (em representação do Subdirector-Geral da UNESCO), Nobre de Gusmão (que proferiu a lição magistral) e Fernando Assunção, representante da colónia de Sacramento,

no Uruguai, o qual falou da «presença e herança portuguesa na região do rio da Prata», recordando a primeira expedição à região, por Fernando Noronha.

Sobre Macau usou da palavra o responsável pela Educação e Cultura daquele território, Mário Cordeiro, que considerou Macau «um posto avançado de irradiação dos padrões de civilização ocidental».

Na mesa de honra do Congresso sentaram-se o cardeal-patriarca D. António Ribeiro, os secretários de Estado da Cultura e dos Negócios Estrangeiros, Teresa Gouveia e Azevedo Soares, respectivamente, José Augusto Seabra (embaixador na Unesco), Anna Raidle, Pinto Machado e Azeredo Perdigão, entre outros.

Chefias de serviço hospitalar:

Assistentes com cinco anos também podem candidatar-se

Os médicos com o grau de assistente hospitalar que reúnam determinados requisitos enunciados pela Portaria 23186 e pelo Decret-Lei 310/82 poderão apresentar-se ao concurso de provimento de chefes de serviço, aberto em 13 do corrente e cujo prazo expira em 2 de Abril próximo diz o Sindicato dos Médicos da Zona Sul.

O SMZS esclarece que ao referido concurso, nomeadamente

ao equivalente ao grau de chefe de serviço hospitalar, se poderão candidatar, mediante pretensão de provas, todos os assistentes hospitalares com pelo menos cinco anos de exercício correspondente a esse grau.

Para o efeito, deverão apresentar na COMISSÃO Inter-Hospitalar de Lisboa, na Rua Miguel Bombarda, n.º 6-1.º, um requerimento dirigido ao seu presiden-

te, de que constem como elementos a identificação completa do candidato, morada, habilitações profissionais e identificação do concurso.

O requerimento deve ainda ser acompanhado de documento comprovativo do grau de assistente hospitalar passado pelo estabelecimento ou estabelecimentos de serviço e de sete exemplares do seu currículo.



MUNICÍPIO DE CASTRO VERDE CÂMARA MUNICIPAL

ANÚNCIO

Concurso público internacional no âmbito da Comunidade Económica Europeia, para arrematação da empreitada de fornecimento de «abastecimento de água a algumas povoações dos concelhos de Castro Verde e Ourique com origem na Barragem do Monte da Rocha — construção dos reservatórios R4 (Cerro Ruivo), R9 (Almeirim) e estação elevatória EE2, e fornecimento e montagem do equipamento electromecânico da estação elevatória EE2».

1. — Concurso a realizar pela CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE, PORTUGAL.
2. — Local de execução da obra:
Concelho de Castro Verde, Portugal.
3. — Natureza, extensão e características gerais da obra:
 - a) — Reservatório R4 constituído por uma cuba cilíndrica com 200 m³ de capacidade;
 - b) — Estação Elevatória EE2 anexa a R4 para alojamento dos equipamentos de elevação;
 - c) — Reservatório R9 constituído por duas cubas cilíndricas com 225 m³ de capacidade unitária;
 - d) — Trabalhos complementares de terraplenagens, pavimentação e vedação dos recintos dos reservatórios;
 - e) — Equipamento electromecânico de elevação de água a instalar na Estação Elevatória EE2.
4. — O preço base do concurso é de Esc: 27 660 000\$00 (vinte e sete milhões seiscentos e sessenta mil escudos).
5. — a) — O projecto, o programa do concurso, o caderno de encargos e os documentos complementares podem ser examinados na Câmara Municipal de Castro Verde, nas horas normais de expediente.
b) — As cópias dos referidos elementos podem ser solicitadas à Câmara Municipal de Castro Verde, sendo o seu custo de Esc: 10 000\$00 (dez mil escudos) acrescidos de 16% de IVA, a pagar em dinheiro ou por cheque visado passador a favor do Tesoureiro da Câmara Municipal de Castro Verde.
6. — Os concorrentes com sede em Portugal deverão ser possuidores dos seguintes alvarás:
 - a) — Da 3.ª Subcategoria da V Categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.
 - b) — Da 5.ª Subcategoria da V Categoria ou da 8.ª Subcategoria da VI Categoria e da classe correspondente aos valores dos trabalhos que integram a rubrica do fornecimento e montagem dos equipamentos electromecânicos de elevação de água.
7. — Os concorrentes com sede nos restantes países da Comunidade Económica Europeia deverão fazer a prova da sua inscrição na lista oficial da Comissão de Inscrição e Classificação dos Empreiteiros de Obras Públicas e dos Industriais de Construção Civil, de acordo com o disposto no artigo 28.º da Directiva do Conselho n.º 71/305/CEE, de 26 de Julho de 1971.
8. — Os concorrentes deverão apresentar documentos que permitam apreciar a sua aptidão para a boa execução da obra no que respeita às condições mínimas de carácter económico, financeiro e técnico, nomeadamente:
 - a) — Declaração respeitante ao volume de negócios global e ao volume de obras do concorrente, nos últimos 3 (três) anos;
 - b) — Declaração sobre as habilitações ou diplomas profissionais do concorrente e/ou dos quadros da empresa e em especial do responsável pela orientação das obras;
 - c) — Lista das obras mais importantes realizadas nos últimos 5 (cinco) anos e respectivos certificados de execução. Estes certificados indicarão o montante, o prazo e o local de execução das obras, referindo a forma como estas decorreram;
 - d) — Declaração e que descreva o equipamento e os meios técnicos que o concorrente utilizará na execução da obra;
 - e) — Declaração relativa aos efectivos médios anuais da empresa e à dimensão dos seus quadros permanentes durante os últimos 3 (três) anos;
 - f) — Declaração, no caso de empresa não portuguesa, indicando a percentagem do custo global da empreitada (em escudos) que pretende seja transferida para o estrangeiro;
 - g) — Declaração, no caso de empresa não portuguesa, feita por forma autêntica no país onde tenha sede, de que se submete à legislação portuguesa e ao foro do tribunal português que for competente, com renúncia a qualquer outro.
9. — a) — As propostas terão de dar entrada na Secretaria da Câmara Municipal de Castro Verde até às 16 horas do dia 4 de Maio de 1987.
b) — As propostas serão entregues pelos concorrentes ou seus representantes, contra recibo, ou remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção.
c) — As propostas deverão ser redigidas em Língua Portuguesa, nas condições do programa de concurso.
10. — O período durante o qual qualquer concorrente é obrigado a manter sua proposta, é de 90 (noventa) dias contados a partir da data do acto público do concurso.
11. — Podem concorrer empresas ou grupos de empresas que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade, ou em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária, tendo em vista a celebração do contrato.
12. — O financiamento da empreitada será feito através do orçamento geral do Município de Castro Verde através da rubrica 08.01/09.04.06.01.
13. — O acto público do concurso iniciar-se-á às 15 horas do dia 5 de Maio de 1987, e a ele podem assistir todas as pessoas interessadas, só podendo intervir as devidamente credenciadas.
14. — Os trabalhos da empreitada serão pagos em regime misto, por preço global (fornecimento e montagem dos equipamentos electromecânicos) e por série de preços (todos os trabalhos de construção civil).
15. — O prazo de execução da obra é de 300 dias.
16. — A adjudicação será feita à proposta mais vantajosa, atendendo aos seguintes critérios:
 - a) — Garantia de boa execução e qualidade técnica;
 - b) — Garantia da boa qualidade dos equipamentos eléctricos e mecânicos;
 - c) — Garantia do cumprimento do preço da empreitada;
 - d) — Condições mais vantajosas de preço.
15. — O anúncio referente a este concurso foi enviado ao Serviço de Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, em 16 de Março de 1987.

Paços do Concelho de Castro Verde, 16 de Março de 1987

O Presidente da Câmara,
— Fernando Sousa Casais



Quatro dos dez veteranos do Vietname que iniciaram uma marcha de oito dias através da zona de guerra na fronteira da Nicarágua com as Honduras, para assim protestarem contra a política da administração Reagan para com aquele país centro-americano

O Primeiro-Ministro sudanês, Sadiq Al Mahdi, acusou as tropas líbias de violarem o seu território e a França de invadir o seu espaço aéreo, no âmbito da guerra no Chade. Mahdi, que intervinha no Parlamento, pediu que as tropas líbias, que entraram no Sudão para lançar ataques contra o Norte do Chade, se retirem imediatamente do seu país. Acusou a França de violar o seu espaço aéreo quando aviões franceses tentaram seguir as movimentações das tropas líbias, a caminho do Chade. Informações dos serviços secretos sudaneses, citadas por Mahdi, revelam que as tropas líbias entraram no país em Fevereiro, atravessaram o sul do território para atacar as forças de Ndjamena e reentraram novamente no Sudão. «Dissemos a todos que não daríamos qualquer facilidade militar a nenhuma das partes envolvidas», disse Mahdi.



Marc Normandin, pai do refém francês Jean-Louis Beirute, vê a foto do seu filho distribuída pela Org Revolucionária, que divulgou entretanto uma mensagem em vídeo, em que este afirma que os seus raptadores adiaram uma sentença de morte contra ele

Irangate: Gorbanifar ameaça com a verdade

Um dos medianeiros que interveio nas negociações secretas entre os Estados Unidos e o Irão disse ontem que certas informações reveladas no relatório da Comissão Tower já causaram a morte de três pessoas envolvidas. Manucher Gorbanifar afirma que está disposto a prestar declarações perante a comissão de inquérito do Senado e da Câmara dos Representantes do Congresso dos Estados Unidos para revelar quem são os culpados e onde está o dinheiro. A comissão deve começar os interrogatórios a 5 de Maio e Gorbanifar disse que revelará «tudo o que realmente aconteceu» com as vendas de armas ao Irão, mas também com os desvios de fundos para os «contras» da Nicarágua. Numa entrevista publicada pelo «Washington Times», Gorbanifar defende o tenente-coronel Oliver North, afirmando que é «o maior patriota americano que conheci». Pelo contrário, o ex-conselheiro para a Segurança Nacional, Robert McFarlane, é por ele apresentado como «um louco» que destruiu as possibilidades de libertar mais reféns norte-americanos no Líbano com a visita que fez a Teerão em Maio de 1986. «Perdi muito dinheiro e corri muitos riscos para defender os interesses dos Estados Unidos na região», afirmou Gorbanifar, que acrescentou: outras três pessoas envolvidas «desapareceram, ouvi dizer que foram mortos».

URSS nega ter espiado programa Ariane

A União Soviética negou ontem estar envolvida num processo de espionagem do programa espacial Ariane e sugeriu que o caso era provavelmente de origem industrial, envolvendo países ocidentais com programas espaciais concorrentes. O diário soviético «Pravda» disse que as acusações de que a URSS estava envolvida no processo de espionagem do programa Ariane eram subversivas e destinadas a sabotar as relações entre a França e a União Soviética. Os agentes franceses de contra-espionagem detiveram seis pessoas, em 16 de Março, por espionagem o programa espacial comercial Ariane e companhias que têm contratos com o Ministério da Defesa. Os investigadores revelaram que o presumível dirigente da rede de espionagem, Pierre Verdier, é casado com uma soviética.

Armas dos EUA para a África do Sul

Os Estados Unidos poderão ter recommçado a enviar secretamente armas para a África do Sul destinadas aos rebeldes que combatem o governo de Angola, afirmou ontem o diário inglês «The Independent». Depois de um intervalo de pelo menos dez semanas, remessas de armas contidas em caixotes estão a seguir por avião dos Estados Unidos para Joanesburgo, afirmou o jornal, citando fontes que classifica de bem informadas. Segundo o mesmo diário, as remessas de armas por parte dos Estados Unidos violam «os acordos internacionais e a lei dos EUA que proíbe o envio de armas para a África do Sul». O jornal acrescenta que já em meados de Novembro de 1986 foram concluídos acordos para enviar armas por via aérea, em caixotes de embalagens contendo alegadamente maquinaria agrícola, a partir da base aérea norte-americana de Bradley Field, no Connecticut. As armas deveriam ser mandadas para Joanesburgo através das Honduras, da Ilha de Ascensão, de Cabo Verde e de Windhoek, na Namíbia, afirma ainda «The Independent». Recorde-se que ainda recentemente Israel decidiu não enviar mais armas para a África do Sul devido a fortes pressões nesse sentido por parte de Washington.

WILLY BRANDT ABANDONA PRESIDÊNCIA DO SPD

O antigo chanceler alemão federal Willy Brandt anunciou ontem a sua demissão da presidência do Partido Social Democrata (SPD), sendo substituído no cargo por Hans-Jochen Vogel, líder do grupo social-democrata no Parlamento Federal (Bundestag), em Bona. A renúncia de Brandt surge na sequência da nomeação, por sua iniciativa, de uma jornalista de origem grega, não militante do SPD, para porta-voz do partido, o que desencadeou duras críticas ao estilo de direcção do veterano social-democrata.

A designação de Hans-Jochen Vogel para a chefia dos sociais-democratas alemães — federais, em substituição de Willy Brandt, era já esperada em círculos próximos do SPD. Com efeito, para além de Vogel, o único nome apontado como eventual sucessor de Brandt era o de Oskar Lafontaine, primeiro-ministro do Estado do Sarre, que foi agora designado vice-presidente dos sociais-democratas.

Brandt, que renunciou ontem ao seu cargo, deverá, contudo, continuar a frente do partido até 16 de Junho, data em que o seu sucessor

será eleito em Congresso extraordinário do SPD. A renúncia do líder social-democrata surgiu após a nomeação por Brandt de Margarita Mathiopoulos para porta-voz do SPD. A jornalista renunciou, entretanto, ao seu cargo, sem sequer chegar a tomar posse. Segundo declarou Johannes Rau, vice-presidente do partido, Brandt teria colocado o lugar à disposição para poupar ao SPD «discussões desorientadoras e onerosas» em vésperas de importantes eleições regionais.

A renúncia de Willy Brandt significa, contudo, para o



Foto de arquivo de Willy Brandt cumprimentando Hans-Jochen Vogel, que será o seu substituto na presidência do SPD, após a demissão do ex-chanceler social-democrata

SPD, a perda de um líder carismático. Orador poderoso e directo, Brandt tornou-se o primeiro chanceler social-democrata da RFA em 1969. Em 1971, foi laureado com o prémio Nobel da Paz

pela sua política de desarmamento com o Leste europeu.

Brandt demitiu-se da chefia do governo em 1974, após o anúncio de que um

Desarmamento

Thatcher e Mitterrand analisam propostas soviéticas

A Primeiro-Ministro britânica analisou com o Presidente francês, François Mitterrand, as últimas propostas soviéticas em matéria de desarmamento, numa reunião que Margaret Thatcher qualificou de «muito proveitosa».

Thatcher encontrou-se com Mitterrand durante 90 minutos no Palácio de Benouville, nos arredores da cidade normanda de Caen, e partiu ao princípio da tarde para Bona, onde se reunirá com o chanceler Helmut Kohl.

A viagem de Margaret Thatcher insere-se nos preparativos da primeira cimeira soviético-britânica dos últimos

12 anos, prevista para o próximo fim-de-semana.

A França e a Grã-Bretanha, que dispõem de arsenais nucleares nacionais, manifestaram sérias reservas acerca das últimas propostas de Mikhail Gorbachev, nomeadamente a eliminação total dos mísseis nucleares de alcance intermédio da Europa, embora o líder soviético tenha excluído expressamente as armas nucleares francesas e britânicas das negociações soviético-norte-americanas de Genebra.

Thatcher reafirmou que «as forças de dissuasão independentes do Reino Unido e da França não estão envolvidas

nestas negociações. Estas armas são vitais e a sua manutenção é vital para a defesa dos nossos dois países».

Mitterrand afirmou, por seu lado: «Aceitamos as negociações (de Genebra), em que não participamos, mas damos a nossa opinião para garantir que a segurança da Europa está defendida».

A chefe do Governo de Londres disse que os países da Europa Ocidental devem continuar os contactos entre si para garantir que a segurança europeia não será afectada por um eventual acordo entre os Estados Unidos e a União Soviética sobre desarmamento.

Tentativa de golpe na Serra Leoa

O Governo da Serra Leoa afirmou que a situação no país, depois de ontem para derrubar o Presidente Jusuiah Miah, não é mais do que uma tentativa de golpe. Um comunicado oficial declarou que as forças armadas subjugaram os rebeldes e apreenderam grande quantidade de armas e munições.

Um guarda das forças paranas durante o tiroteio, que decorreu na noite de ontem, refere o comunicado que foram efectuadas prisões, sem precisas. O comunicado não alude directamente a uma tentativa de golpe, mas fontes governamentais afirmam que as forças leais a Miah haviam para o derrubar.

De acordo com fontes policiais da por oficiais da Polícia, que combateram um arsenal do exército.

Segundo as mesmas fontes, detidas até agora em relação com a tentativa de golpe.

Richard Von Weizsaecker

De jovem soldado que sitiou Moscovo ao mais popular presidente alemão

Roberto Ampuero Ezpinoza — IPS

O presidente alemão-federal e membro da União Democrata Cristã (CDU), Richard Von Weizsaecker, a realizar actualmente uma viagem a vários países da América Latina, participou nos períodos mais álgidos da história recente da Alemanha, o que amplia a sua estatura moral, assinalam estudiosos alemães-federais.

Num livro recentemente editado no país, intitulado «Richard Von Weizsaecker. Perfis de um Homem», mais de uma vintena de historiadores, políticos e jornalistas alemães analisam aspectos pouco conhecidos da vida do presidente alemão.

Von Weizsaecker, um aristocrata de 66 anos de posições políticas moderadas — sem margem para dúvidas o presidente mais popular queos alemães tiveram — tinha apenas 19 anos quando começou a Segunda Guerra Mundial, mas um ano antes dera já entrada no serviço militar no Regimento de Infantaria Número Nove de Potsdam, qualificado pela esquerda de então de «regimento dos condes e barões» e de «a mais prussiana das unidades prussianas».

Foi precisamente este regimento que teve conflitos com as associações militares do Partido Nacional Socialista, que participou na invasão da indefesa Polónia a 1 de Setembro de 1939, data considerada como o início da Segunda Guerra. Dois dias mais tarde Von Weizsaecker, granadeiro da unidade, perdeu um irmão mais velho, Heinrich.

O Regimento Nove prosseguiu o seu avanço para a fronteira oriental da Polónia. Depois do acordo alemão-soviético que estabeleceu a divisão da Polónia, foi transferido para os arredores da fronteira alemã com a Bélgica e o Luxemburgo para participar posteriormente na guerra contra a França.

Dois anos mais tarde foi transferido para a fronteira soviética para se integrar na ofensiva contra a União Soviética, que se iniciou a 22 de Junho de 1941. Von Weizsaecker, que foi ferido em território soviético, chegou a estar durante a guerra a 35 quilómetros do quartel-general do

Exército Vermelho e a apenas um dia de marcha de Moscovo, a capital que Adolfo Hitler jamais conseguiu tomar.

Em Março de 1942, Von Weizsaecker foi enviado para a Prússia Oriental. Era então um jovem já afectado pelas atrocidades da guerra e um convencido de que ela seria perdida. Exerceu funções em Mauerswald, a apenas 15 quilómetros do quartel-general de Hitler, como ordenança do generalato encarregado de seguir o movimento das tropas soviéticas.

Aos 22 anos de idade conhecida, graças aos seus laços familiares, altos oficiais de origem nobre que começavam a pensar na possibilidade de uma conspiração contra Hitler. Muitos deles participaram no fracassado atentado de 20 de Julho de 1944 contra o «Fuehrer» e foram executados após um curto processo em Berlim.

De advogado a político

Os autores da obra «Richard Von Weizsaecker» concordam em afirmar que o actual presidente alemão não fez parte da resistência activa contra Hitler, mas salientam que estava ao corrente do atentado e que não foi executado graças a uma série de casualidades. As posições anti-hitlerianas de Von Weizsaecker ficaram a dever-se ao impacto que a guerra causou nele e à influência que tiveram na sua formação oficiais nobres democráticos.

Em Abril de 1945, quando a guerra chegava ao seu termo, Von Weizsaecker desertou do exército e fugiu para a cidade de Lindau, próximo do lago Constanza.

Von Weizsaecker começou a estudar jurisprudência imediatamente depois da guerra. Em 1947 interrompeu os seus estu-

dos para se dedicar em Nuremberga, à defesa jurídica do seu pai, importante membro do serviço diplomático alemão, acusado de ter cometido crimes de guerra.

Segundo os biógrafos, a preparação da defesa proporcionou a Von Weizsaecker informação sobre os crimes cometidos pelo nacional-socialismo e marcou nele a sua vocação democrática.

Posteriormente exerceu funções de advogado em diversas empresas privadas alemãs, tendo-se destacado também na gestão bancária, o que lhe proporcionou experiência para até hoje abordar em termos realistas o tema da dívida externa dos países do Terceiro Mundo.

Em 1954 entrou para a CDU, onde iniciou uma carreira lenta, sobretudo devido à sua tendência para antepor interesse da comunidade acima dos partidários e procurar o consenso onde outros políticos procuravam o confronto.

De 1966 a 1984 fez parte da direcção nacional da CDU e de 1969 a 1984 foi membro do Sinodo e do conselho da Igreja Evangélica da Alemanha. De 1979 a 1981 foi eleito vice-presidente do Parlamento alemão (Bundestag) e de 1981 a 1984 exerceu as funções de presidente-governador de Berlim-Occidental.

A 1 de Julho de 1984 foi eleito presidente da República, cargo sem atribuições executivas, mas apenas representativas, já que a condução do governo compete ao chanceler federal.

Von Weizsaecker, sobre quem mais de 90 por cento da população considera «exerce muito bem as suas funções», é um democrata de centro, inspirador de consenso entre os partidos políticos alemães e uma instância moral no país.

Os temas principais dos seus discursos assentam sobre a responsabilidade dos alemães de hoje perante os crimes da época nacional-socialista, a consolidação democrática da República Federal, os problemas ecológicos, assim como a dívida externa e a miséria nos países do TERCEIRO MUNDO.



Sandro Pertini hospitalizado

O antigo Presidente italiano, Sandro Pertini, de 90 anos, foi hospitalizado em Roma depois de sofrer um desfalecimento quando assistia ao funeral de um general da Força Aérea morto a tiro, na semana passada, pela guerrilha. Pertini, cujo estado de saúde foi descrito pelos médicos como não sendo grave, caiu sobre a cadeira e foi auxiliado pelo Presidente Francesco Cossiga e pelo antigo Chefe de Estado Giovanni Leone. O general Licio Giorgieri, cujo funeral decorreu de forma emotiva, foi abatido numa rua de Roma por dois homens que se deslocavam de moto. Este homicídio aumentou o receio de que as Brigadas Vermelhas se tenham reagrupado para uma nova onda de violência.

Eleições na Índia

Mais de 300 mil agentes de segurança foram colocados em três Estados da Índia para proteger as autoridades que começaram hoje a contar os votos das eleições ontem realizadas. As eleições nos Estados de Kerala, Bengala Ocidental e Jammu e Caxemira foram consideradas um teste de popularidade para o Primeiro-Ministro Rajiv Gandhi e ficaram marcadas por actos de violência de que resultaram oito mortos e mais de 250 feridos. A afluência às urnas nos três Estados, que têm um total de 54 milhões de eleitores, foi das mais elevadas, segundo fontes oficiais. Os resultados da votação serão conhecidos esta noite.

Rei Fahd na Grã-Bretanha

O rei Fahd da Arábia Saudita chega hoje ao Reino Unido para uma visita que será um misto de política e pompa. O monarca saudita será tratado com todas as honras inerentes à realeza e será recebido pela rainha Isabel II e pelo príncipe Filipe, duque de Edimburgo, quando chegar a Londres. O visitante é acompanhado por um séquito que inclui príncipes e ministros de Estado, num total de 100 pessoas. Os príncipes de Gales, Carlos e Diana, receberão o rei Fahd no aeroporto londrino de Gatwick. Temas como o petróleo, o comércio e o Médio Oriente, ocuparão lugar de destaque nesta visita de quatro dias.

Iraque intensifica ataques

O Iraque anunciou que a sua aviação bombardeou três dos campos petrolíferos do Irão, um terminal de petróleo e um depósito, aumentando a ofensiva aérea contra a economia de Teerão. O bombardeamento, nomeadamente aos campos petrolíferos de Nowrouz, Cyrus e Ardeshtir, terminal da ilha de Kharg e um grande petroleiro, o «Depósito de Petróleo», foi efectuado durante o aumento de tensão causado pela instalação de mísseis terra-mar no extremo Sul do Golfo. O Presidente iraniano acusou entretanto os Estados Unidos de criarem insegurança na região, ao estacionar barcos de guerras na região como resposta à instalação dos mísseis à entrada do Golfo, no Estreito de Ormuz.

Diálogo URSS-Israel

Funcionário israelitas e soviéticos estabeleceram um «diálogo político» através de uma série de encontros realizados em países ocidentais nos últimos quatro meses, afirmaram fontes árabes e ocidentais. Embora as fontes considerem que não parece ainda ter-se

encontrado nenhuma saída nas conversações, todos concordam que o objectivo imediato de Moscovo é o de obter o apoio de Israel para a sua participação numa conferência internacional sobre o Médio Oriente.

Suarez candidato à Câmara de Madrid

O antigo Primeiro-Ministro espanhol Adolfo Suarez estuda a possibilidade de se candidatar à presidência da Câmara Municipal de Madrid, nas listas do Partido do Centro Democrático e Social (CDS), informou o partido. Suarez, que fundou o CDS na sequência de uma crise da extinta União do Centro Democrático (UCD) e que obteve 16 mandatos nas eleições de Junho de 1986, encara a sua candidatura como uma plataforma para cimentar o crescimento experimentado ultimamente pelo partido.

Lois, que se encontra em Organização de Justiça em de Jean-Lois gravada diaram «a execução de

D

dos seus principais conselheiros era um espião a soldo da RDA, mas continuou a encabeçar campanhas contra a pobreza mundial e a favor do desarmamento. Presidiu à Comissão Norte-Sul das Nações Unidas, que procurou fórmulas para diminuir o fosso entre as nações pobres e ricas e que ficou conhecida como «comissão Brandt». Foi também presidente da Internacional Socialista.

Enquanto ministro dos Negócios Estrangeiros de uma coligação alargada com o chanceler democrata-cristão Kurt-Georg Kiesinger, começou em 1966 a formular a política que o tornaria conhecido quando chanceler: a «ostpolitik» ou desanuviamento com a Europa de Leste.

Na chefia do ganibete, acabou por alterar no fundamental a política de Bona em relação ao Leste, reconhecendo a divisão do pós-guerra da Alemanha, em acções destinadas a pôr fim a um quarto de século de incompreensão e suspeita mútuas.

Polpe falhada

anunciou controlar totalmente a aparente tentativa de Joseph Monoh.

glara que «membros leais imediatamente os atacantes» e de armas e munições en-

amilitares foi morto a tiro na zona Ocidental da capital, acrescentando que foi o número.

rectamente a uma tentativa tinham dito anteriormente frustrado uma tentativa

ciais, a revolta foi chefiada também tentaram apoderar-se

es, as cerca de 10 pessoas a revolta estão a fazer de-



O presidente da RFA durante a sua visita a Israel

Guiné-Bissau apela ao investimento português

«Convidamos as empresas portuguesas a investir no nosso país, que tem uma nova política de liberalização económica, incentivos à iniciativa privada e um novo código de investimento estrangeiro», disse na Associação Industrial Portuguesa o ministro da Indústria e Recursos Naturais da Guiné-Bissau.

Recebido na AIP, por Rocha de Matos e por mais 25 empresários portugueses, Filinto Barros manifestou a vontade do seu governo diversificar as actividades das empresas portuguesas naquele país africano. Em seu entender a Guiné-Bissau «vale não só pelo seu próprio mercado mas também pelas perspectivas de complemento que se oferecem com a República da Guiné, Senegal, Gâmbia inclusivamente a Nigéria». Rocha de Matos, por seu turno, afirmou que «há agora uma clara mudança na atitude empresarial das autoridades da Guiné-Bissau, e melhores possibilidades de cooperação do que anteriormente».

Centrais digitais do Exército entram hoje em funcionamento

As primeiras centrais digitais que a Centrel Comercial forneceu ao Exército português entram hoje em funcionamento, assinalando o Dia da Arma de Transmissões, indicou uma fonte da empresa.

As centrais destinam-se ao serviço de telecomunicações militares e correspondem à primeira fase do projecto-tipo da área piloto do Sistema Integrado de Telecomunicações do Exército Português (SITEP).

O sistema, para além de duas centris digitais de comutação integrada interligadas por cabo de fibra óptica, agora instaladas, permite a comutação de mensagens com «software» de aplicação adequado, «correio de voz» centralizado e a gestão e supervisão de todo o SITEP.

A Centrel Comercial (CCL0) é uma das mais jovens empresas do grupo Centrel, criada com o objectivo de uma melhor penetração no mercado privado das novas tecnologias da informação.

Capital do Banco Comercial aumenta dois milhões de contos

O Governo autorizou o Banco Comercial Português (BCP) a aumentar o seu capital social em 2 milhões de contos.

Uma Portaria da Presidência de Conselho de Ministros e Ministério das Finanças, publicada no «Diário da República», autoriza o BCP, com sede no Porto, a elevar o seu capital social de 3,5 para 5,5 milhões de contos.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52\$00	58\$00
ALEMANHA FED. (marco)	76\$25	77\$45
ÁUSTRIA (xelim)	10\$80	11\$00
BÉLGICA (franco)	3\$473	3\$723
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$15	108\$65
(notas de 5 a 1000)	106\$65	109\$15
DINAMARCA (coroa)	20\$25	20\$65
ESPAÑA (peseta)	1\$057	1\$177
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138\$50	142\$00
(notas de 5 a 1000)	140\$25	143\$75
FINLÂNDIA (marka)	31\$10	31\$70
FRANÇA (franco)	22\$90	23\$60
HOLANDA (florim)	67\$50	68\$60
IRLÂNDIA (libra)	204\$90	208\$90
ITÁLIA (lira)	\$897	\$112
JAPÃO (iene)	\$881	\$936
NORUEGA (coroa)	20\$20	20\$70
REINO UNIDO (libra)	22\$35	22\$85
SUÉCIA (coroa)	21\$80	22\$70
SUÍÇA (franco)	91\$05	92\$55
VENEZUELA (bolivar)	5\$60	6\$60

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Defende o ministro Álvaro Barreto:

EPAC DEVE CONCORRER À IMPORTAÇÃO DE CEREJAIS

A Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC) deve ter acesso a todos os concursos de importação de cereais, em pé de igualdade com outros «traders» — disse ontem o ministro da Agricultura, Álvaro Barreto.

Falando a um grupo de jornalistas sobre o problema da liberalização da importação do mercado de cereais, até 1985 monopólio da EPAC, Álvaro Barreto disse que «não faz sentido excluir uma empresa pública dos concursos de importação, só pelo facto de ela ser pública».

Por imposição do tratado de adesão à CEE, Portugal tem de liberalizar ao ritmo de 20 por cento ao ano, até 1990, o seu mercado de importação de cereais.

Segundo artigos do tratado, não era claro se a EPAC estaria

incluída ou excluída de participação na quota de mercado liberalizada, que este ano será de 40 por cento.

Interpretado à letra, o tratado fala só de «condições de acesso dos importadores privados aos concursos», mas negociações entre Álvaro Barreto e o comissário para a Agricultura, Franz Andriessen, fizeram com que a EPAC não fosse excluída do acesso às candidaturas de importação.

Nos primeiros concursos, a EPAC foi impedida de fazê-lo, por vingar até aí a interpretação restrita do texto do tratado — depois da conversa entre Barreto e Andriessen foi autorizada a concorrer.

Mas, entretanto, importadores privados de cereais puseram a questão nos tribunais portugueses, tendo um juiz de pri-

meira instância decidido, há pouco mais de um mês, que a EPAC deveria ser excluída dos concursos na franja de mercado liberalizado.

«O entendimento do Governo é que isso viola as regras da livre concorrência, tanto na lei interna como comunitária, pois não faz sentido que seja vedado a um agente económico público, só pelo facto do seu estatuto empresarial, aquilo que é permitido ao sector privado» — frisou Barreto.

Dada a sentença do tribunal português à EPAC, a empresa pública recorreu da sentença e o Governo «fará tudo o que está legalmente ao seu alcance para que os concursos sejam abertos a operadores públicos e privados, sem discriminação» — disse o ministro.

Manuel Teles substituído

Stanley Ho controla Casino Estoril

A Assembleia Geral da Sociedade Estoril-Sol elegeu ontem um novo Conselho de Administração, do qual não faz parte Manuel Teles, e que consagra o controlo da empresa por parte do financeiro macaísta Stanley Ho. Os novos responsáveis do Casino do Estoril são o advogado e representante de Stanley Ho, José Manuel Passeiro, que deverá ser nomeado presidente do Conselho de Administração na sua primeira reunião, a efectuar ainda esta semana, Mário Assis Ferreira, Jorge Teles e José Teles, ambos filhos de Manuel Te-

les, Maria Teresa Vieira Coelho, Henrique Santos e Emílio Aragão Teixeira.

O anterior presidente da sociedade manifestara recentemente a sua indisponibilidade para ser reconduzido no cargo, afirmando que não estava disposto a ser reduzido ao papel de «figura representativa».

Stanley Ho detém 42% do capital da Estoril-Sol e os herdeiros do fundador da empresa, Teodoro dos Santos, controlam 48%. Os restantes 10% estão nas mãos da Fundação Oriente, uma institui-

ção criada em Macau, com estreitas ligações a figuras proeminentes da candidatura presidencial de Mário Soares, e estatutariamente virada para a promoção da cultura portuguesa.

Curiosamente, foi o apoio desta fundação próxima de Mário Soares e dirigida, entre outros, por Carlos Monjardino — um homem que tem tido um importante papel no Grupo Espírito Santo (família Espírito Santo) — que permitiu a Stanley Ho secundarizar Manuel Teles, cujo advogado é... Almeida Santos.

Bancários do Centro negam aliança entre o PS e o PCP

O Sindicato dos Bancários do Centro manifestou-se, ontem, «chocado» com afirmações publicadas na Imprensa, segundo as quais estaria a ser dominado por uma tendência sindical e garantiu, em comunicado, que o Sindicato «deve estar dominado, sim, mas apenas pelos trabalhadores nele filiados, independentemente da tendência

a que pertençam».

Os dirigentes desta estrutura sindical, maioritariamente socialistas, pretendiam assim afastar as acusações de bancários afectos ao PSD, segundo as quais havia uma aliança objectiva PS/PCP na orientação do Sindicato.

«Se alguma vez houve uma aliança com o PCP — diz o comunicado do Sindicato —

ela foi executada pela tendência social-democrata e não pelos bancários socialistas, como se pode provar por documentos».

A questão levantou-se em relação com as eleições para o Sindicato dos Bancários do Centro, marcadas para o dia 10 de Abril. Concorrem listas afectas ao PS, ao PCP e ao PSD.

Encargos directos em divisas proibidos à Administração Central

Os serviços da Administração Central estão proibidos de contrair encargos em moeda estrangeira superiores a um milhão de escudos sem autorização superior, determina um diploma publicado na folha oficial. As novas disposições inserem-se no regime cambial da Administração Central.

A lei substitui o anterior regime cambial do sector público, instituído em 1977, que se mostrou «caro, pouco flexível

e altamente burocrático», afirma o preâmbulo do decreto-lei aprovado.

O objectivo do novo regime é a fiscalização escrupulosa dos dispêndios em moeda estrangeira, por parte dos serviços públicos.

O regime abrange todas as direcções regionais dos ministérios, qualquer que seja o seu objecto ou estatuto, e exclui as despesas das embaixadas, consulados, quotizações para organizações internacionais e

com as deslocações ao estrangeiro do Presidente da República e do Primeiro-Ministro.

A Direcção-Geral do Tesouro (DGT) prepara e elaborará o regime, após recolha da informação correspondente às previsões de receitas e despesas em moeda estrangeira das entidades em questão.

A aprovação do regime desdobrar-se-á por departamentos ministeriais que afixarão os limites máximos anuais para as despesas em moeda es-

8500 candidatos a 15 lugares de auxiliares hospitalares

O número de candidatos aos 15 lugares de funcionários auxiliares dos Hospitais da Universidade de Coimbra, recentemente postos a concurso, ascendeu a 8 516. De acordo com a extensa lista-gem que ocupa 33 páginas do «Diário da República» do passado dia 13, foram admitidos a concurso 6 237 interessados, 2 240 foram admitidos condicionalmente e 39 foram excluídos por não satisfazerem as exigências regulamentares.

Os 15 lugares disponíveis pertencem às categorias de auxiliar de acção médica de 3ª classe, auxiliar de apoio e vigilância de 3ª classe, auxiliar de alimentação de 3ª classe e auxiliar de roupeiro de 3ª classe. O emprego de auxiliar de acção médica foi o mais cobiçado, com 2 686 concorrentes, e o de auxiliar de roupeiro, com 1 696, o menos concorrido.

Quando os 15 eleitos forem contratados, 8 501 candidatos permanecerão no desemprego, ou num emprego ainda menos sedutor que o de auxiliar de 3ª classe.

Estudos Económicos e Jurídicos

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda editou na sua série universitária um conjunto de textos económicos e jurídicos da autoria de docentes da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Os «Estudos Económicos e Jurídicos», preparados para o ciclo de conferências que assinalou, em 1982, o 10º aniversário da criação daquela faculdade, reflectem, na opinião do presidente do seu Conselho Científico, Boaventura de Sousa Santos, «a variedade dos interesses científicos dos docentes».

Entre outros temas abordados, os textos versam «a crise em Portugal — aspectos estruturais e de política económica», «agricultura complementar e salários industriais», «as revisões salariais: enquadramento jurídico e económico» e «o caso da subcontratação na regulação das relações entre empresas».

trangeira no que respeita a deslocações, despesas correntes e despesas de capital.

O decreto torna claro que dos limites máximos a fixar não fazem parte os encargos com a dívida externa.

O regime cambial do sector público era regulado, até aqui, por diversa legislação, datada de 1927, parte dela desajustada e anacrónica — lê-se no preâmbulo do decreto que cria o regime cambial da Administração Central.

Tirsense contra incidentes em Lixa

O Tirsense lamentou «as agressões» aos seus adeptos e dirigentes e manifestou estranheza pela substituição «à última hora» do árbitro para o jogo que disputou (domingo) com o Lixa e que perdeu por 2-0. Em comunicado, divulgado de madrugada e após a reunião extraordinária da direcção do clube, devido «à gravidade dos acontecimentos ocorridos» durante o jogo, o Tirsense diz «lamentar profundamente as agressões de que foram vítimas dezenas de adeptos do clube, entre os quais directores, tendo alguns deles sido assistidos no Hospital de Felgueiras».

Depois de lamentar também «a forma pouco elegante» como o clube e os seus dirigentes foram recebidos na visita ao Lixa, a direcção do Tirsense manifesta a sua «estupefacção pela razão que terão justificado a substituição, à última hora, do árbitro Evaristo Faustino (de Leiria), conforme noticiado, na Comunicação Social, por Gil Rosa (de Setúbal)», considerando a arbitragem deste «escandalosamente caseira, de permanente intimidação aos nossos jogadores».

O Tirsense refere ainda a «passividade demonstrada» pela GNR perante as agressões e a passagem de adeptos locais (com paus e ferros) para o sector do campo onde estavam os apoiantes da sua equipa.

Brasil: derrota do Flamengo

quase acarreta linchamentos!

A equipa do Flamengo protagonizou, no domingo, uma das cenas mais humilhantes do futebol brasileiro nos últimos tempos, ao ter de recorrer a tropas antiterroristas para escapar a uma tentativa de agressão massiva dos seus adeptos. Indignados com a derrota da sua equipa (1-0, frente ao modesto Americano), centenas de adeptos do Flamengo invadiram o relvado do estádio «Caio Martins», onde o jogo teve lugar, apedrejaram os jogadores e tentaram penetrar nas cabinas, onde os mesmos se refugiaram.

Os adeptos (enfurecidos) que gritavam insultos e ameaças de morte contra os futebolistas e o treinador Lazaroni, apenas foram contidos pelo batalhão antiterrorista da Polícia de Niterói (cidade vizinha do Rio de Janeiro), onde o encontro se realizou. Os jogadores e o técnico abandonaram o estádio num autocarro escoltado por veículos da polícia, apenas uma hora e meia depois do desafio ter acabado. Vários vidros do autocarro foram então estilhaçados por pedras arremessadas pelos adeptos.

Jornalistas presentes no jogo, que teve a presença de cerca de 7000 espectadores, afirmaram que faltou muito pouco para que os adeptos (fora de si) conseguissem romper os cordões da polícia e penetrar nas cabinas, onde (por certo) teriam linchado os jogadores. Sem justificarem (sob qualquer perspectiva) o comportamento dos energúmenos, os jornalistas reconheceram que o Flamengo jogou muito mal e mereceu perder o encontro, que contava para a 5.ª jornada do torneio do Rio de Janeiro.

Dirigentes do Flamengo queixaram-se da falta de segurança do estádio «Caio Martins», mas muitos comentaristas localizaram a origem dos incidentes no clima de violência que impera cada vez mais no futebol brasileiro, dentro e fora dos recintos de jogo.



Vem aí o «Oporto Cup»

Décimo colocado no «ranking» mundial de juniores, o boavistense Nuno Marques é um dos nomes-atracção do «Oporto Cup» (Torneio Internacional de Ténis que, de 25 de Abril a 2 de Maio vai processar-se nos «courts» do Clube de Ténis do Porto). Aqui o vemos entre o seu treinador (Manuel de Sousa, o n.º 1 absoluto do nosso ténis) e o nosso redactor Neves de Sousa.

MALTA DIVULGA 'ONZE' PARA JOGO NO FUNCHAL

As ausências do guarda-redes John Bonello e do avançado Leonard Farrugia são as notas mais salientes na lista dos 16 jogadores convocados para o jogo de domingo no Funchal, frente a Portugal, de qualificação para o europeu em futebol. Bonello manifestou ao técnico Gentscho Dobrev a sua intenção de não alinhar mais pela selecção maltesa, enquanto Farrugia não poderá dar o seu contributo por se encontrar lesionado.

«Vamos jogar com muitas cautelas, sem adoptarmos um esquema demasiado defensivo» — disse Dobrev.

A lista dos 16 futebolistas convocados para o embate com Portugal compreende os guarda-redes: David Cluett e Pierre Calleja, os defesas John Buttigieg, Edwin Camilleri, John Holland, Martin Scicluna, Alex Azzopardi e Kristian Laferla, os médios Carmel Bussuttil, Michael Degiorgio, Charles Scerri, Raymond Vella e Michael Woods e os avançados Martin Gregory, Mário Schembri e Dennis Mizzi.

Óscar: adeus, Tapadinha!

Por sua livre vontade (e por se encontrar a contusões com uma lesão), o médio cabo-verdiano Óscar rescindiu o contrato que o ligava ao Atlético.

Angola: Campeonato

O Primeiro de Agosto consolidou a sua posição de líder do campeonato de Angola, ao vencer por 3-1 o União Sport no Bié, na 6.ª jornada. Outros resultados: Inter de Luanda-Sagrada Esperança, 2-1; Desportivo da TAAG-FC Cabinda, 0-1; Mambroa do Huambo-Primeiro de Maio, 1-1; Desportivo da Chela-Petro do Huambo, 1-0. Os jogos Progresso-Ferroviário de Huila e Dínamo de Sumbe-Petro de Luanda foram adiados.

O Primeiro de Agosto comanda (com 11 pontos), seguido do Petro do Huambo (8), Primeiro de Maio (7), Ferroviário da Huila, FC Cabinda e Desportivo da Chela (todos com 6 pontos).

Campeonato paulista

O Inter e a Portuguesa de Desportos venceram os respectivos encontros e comandam a 1.ª divisão do campeonato do Estado de São Paulo, após a 3.ª jornada. Guarani (vice-campeão do Brasil) e o Corinthians (uma das principais equipas brasileiras) perderam e estão agora no 6.º e 19.º lugares, respectivamente. Resultados da ronda: Portuguesa - Corinthians, 3-1; Guarani - Botafogo, 0-1; São Paulo - Santo André, 2-1; Novorizonte - Inter, 0-1; Santos - América, 0-0; Bandeirante - Palmeiras, 1-1; XV de Jau - Juventus, 0-0. São Bento - Noroeste, 3-1; Mogi Mirim - XV Piracicaba, 3-0 e Ferroviária - Ponte Preta, 0-0. Classificação: 1. Inter e Portuguesa, 5 pontos; 2. Botafogo, São Bento e Mogi Mirim, 4; 3. Guarani e Palmeiras, 3; 4. São Paulo, América, Santo André, Bandeirante, Noroeste, Ponte Preta e XV Piracicaba, 2; 5. Ferroviária, Santos, XV Jau e Juventus, 1; 6. Corinthians e Novorizonte, 0.

Campeonato carioca

O Vasco da Gama derrotou o América (3-0) e passou para o

comando destacado do campeonato carioca após a 7.ª jornada. O Fluminense (um dos anteriores guias do campeonato) empatou, enquanto o outro líder (o Goytacaz) perdeu. Resultados da jornada: Flamengo-Americano, 0-1; Campo Grande-Botafogo, 0-0; Bangu - Fluminense, 0-0; Cabofriense - Goytacaz, 3-1; Porto Alegre - Portuguesa, 0-0; Vasco da Gama - América, 3-0 e Olaria - Mesquita, 2-1. Classificação: 1. Vasco da Gama, 10 pontos; 2. Fluminense, 9; 3. Goytacaz e Porto Alegre, 8; 4. Bangu, Botafogo e Americano, 7; 5. Flamengo e Campo Grande, 6; 6. Cabofriense e Olaria, 4; 7. América, 3; 8. Mesquita, 2; 9. Portuguesa, 1.

Van Basten no AC Milão?

O avançado Marco Van Basten (que milita no Ajax, de Amesterdão) deverá juntar-se ao «internacional» holandês Ruud Gullit na transferência para o AC Milão, da 1.ª divisão italiana. A decisão da direcção do AC Milão prende-se com a saída do clube de Mark Hateley e Ray Wilkins, tendo o primeiro declarado: «Recebi várias propostas de clubes não italianos e até ao final da semana irei decidir a minha transferência».

Basten, recuperado de uma operação ao joelho, ainda não se decidiu pela transferência para o AC Milão, mas o próprio técnico do Ajax (o famoso Johan Cruyff) aconselhou-o a aceitar.

Futebolista polaco embriagado foi afastado da selecção

O técnico polaco de futebol, Wojciech Lazarek, afastou dos trabalhos da selecção o jogador Marek Moniarek, por embriaguez. «Não posso tolerar estas situações: e não vou utilizar esse jogador durante muito tempo. Espero que uma decisão similar seja tomada pela Federação e pelo seu clube», disse Lazarek.

Koniarek (de 25 anos) foi acusado pelo seleccionador polaco de ter comparecido embriagado a um treino realizado ontem em Varsóvia.

Em tempo de eleições benfiquistas

Fernando Martins ataca frontalmente João Santos

Da Comissão Executiva da candidatura de Fernando Martins à presidência do Benfica (Lista B) recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«A Comissão Executiva da «Lista B», face às insidiosas e caluniosas notícias postas a circular pela lista encabeçada pelo senhor Santos Júnior, vê-se forçada a informar todos os associados do seguinte:

- 1. Tentam trazer para a campanha eleitoral problemas que respeitam exclusivamente à actividade das empresas do actual presidente da direcção do clube, e relacionando realidades que nada têm a ver umas com as outras.
- 2. Obviamente que estas atitudes são reveladoras, por um lado de total falta de argumentos de quem as assume, e

por outro, da sua própria dignidade e estatura moral, que muito deixam a desejar.

- 3. São pessoas que não servem nem o SLB nem nenhuma instituição decente e, estamos certos de que os sócios do clube saberão castigar, com a verdade devida, quem se serve da calúnia e da mentira para pretender vencer.
- 4. São esses mesmos senhores que parecem mais interessados em defender os interesses da empresa Teixeira Duarte que os do Sport Lisboa e Benfica, dificultando até as relações entre ambas as entidades para resolução do diferendo.
- 5. Admitem esses mesmos senhores negociar a compra de jogadores através de crédito bancário, o que significa que, caso fossem eleitos, iriam

criar um passivo ao clube, muito semelhante àquele em que Fernando Martins o encontrou em 1981.

- 6. São esses mesmos senhores que desestabilizam a nossa equipa de futebol, assumindo atitudes como a que aconteceu após o jogo com o Chaves, em que o carro móvel da sua propaganda transmitiu a seguinte informação: «Esta equipa de futebol é zero. Para o ano o Chaves leva cinco com uma equipa de Santos Júnior».
- 7. Com estas atitudes, estes senhores parecem pretender que o Benfica perca o campeonato nacional. Quase que chegamos a pensar se para estes senhores, não terá sido um desgosto a nossa vitória em Guimarães.
- 8. Entre as palavras do candidato da lista A na televisão e



Carlos Correia (em «Husqvarna») venceu o Motocrosse de Alqueidão (concelho de Torres Novas), 1.ª prova do campeonato nacional da modalidade, na categoria de 250 cc. A competição foi disputada em duas «mangas» e Carlos Correia ganhou ambas: na 1.ª seguida de Mário Kalssas (em «Honda»), na segunda de Victor Calado (em «Yamaha»).

Acácio da Silva na Catalunha

Acácio da Silva esteve em evidência na 1.ª «mão» da etapa inicial da Volta à Catalunha, ao ficar em 3.º lugar no circuito de 3,2 quilómetros. O ciclista português, que não figurou entre os dez primeiros na 2.ª fase da tirada, encontra-se no 4.º lugar da geral, com mais dois segundos que o «camisola amarela», o espanhol Miguel Indurain. Acácio da Silva gastou mais um segundo que o vencedor da primeira fase da etapa, o alemão-federal Gergor Braun, cronometrado com o tempo de 4:03 minutos. Braun é segundo classificado da geral, com um segundo de atraso e o belga Noel Segers está em 3.º com o mesmo tempo.

"TAÇA" DE PORTUGAL: FINALMENTE SÓ "GRANDES"

● **Benfica no Bessa e Guimarães nas Antas com "derby" algarvio e Chaves em Alvalade**

Naturalmente que em ambiente de grande expectativa rodaram as esferas para definirem, entre os sobreviventes da luta pela Taça de Portugal em futebol (oito maiores) como ficava ordenado o cartaz dos quartos-de-final. Eis o resultado: Boavista/Benfica, Portimonense/Farense, Sporting/Chaves e FC Porto/Guimarães. A eliminatória disputa-se dias 17 e 18 de Abril.

O Benfica (actual detentor do troféu) tem uma deslocação difícil ao terreno do Boavista mas também muitas atenções da ronda viram-se para o empate das Antas, entre FC Porto e Guimarães. Os sorteio determinou ainda o «derby» algarvio, a garantir a presença de uma equipa sulista nas meias-finais da prova. O Sporting (com fortes aspirações na competição) recebe os flavienses no seu ambiente (em Alvalade) numa partida em que o factor casa pode ser decisivo, dado a maior agressividade dos «leões» no seu reduto e perante os seus adeptos. O Chaves, a atravessar um dos seus melhores períodos de forma, vai, certamente, deslocar-se a Alvalade com o objectivo de impor um empate e forçar a equipa leonina a segundo jogo fora do seu campo.

A turma benfiquista (já afastada da Taça das Taças) deseja manter as suas ambições em duas frentes (Campeonato e Taça de Portugal), mas os «xadrezados» prometem ser um sério obstáculo.

O FC Porto, motivado com a sua qualificação para as meias-finais da Taça dos Campeões Europeus (mas algo desgastado com o calendário de provas) defronta, em casa, o Guimarães, cuja descida de forma tem sido visível mas que parece rapidamente ressurgir em pleno.

Até à data da eliminatória as equipas podem sofrer oscilações de rendimento e não será de estranhar que as surpresas possam acontecer nesta fase da Taça de Portugal, apenas já ao dispor de primodivisionários.

Pontos de vista

Após o sorteio taceiro, efectuado no anfiteatro do Centro de Medicina Desportiva de Lisboa, o major Valentim Loureiro (presidente do Boavista) afirmou:

— Estou bastante aborrecido com o facto de termos ficado acasalados com o Benfica: era o clube que meos desejava, porque vai à frente do campeonato e com todas as possibilidades de conquista do título que, em princípio e para que o Boavista entrasse numa prova europeia, nos obrigaria a vencer todos os encontros ainda

constantes do calendário da Taça, o que (obviamente) é tarefa extremamente difícil. Ainda que não impossível: basta lembrar que, nos últimos dez anos, já conquistámos três Taças de Portugal. Mas, emos que ser realistas: neste momento, é muito espinhoso ter pela frente o Benfica.

Quanto ao presidente do Desportivo de Chaves, declarou:

— Continuamos com esta sina: jogar sempre fora de casa. Isto acaba por ser cansativo e aborrecido: o nosso público, na grande maioria, fica sempre afastado de uma possi-



Enquanto o dirigente portista Ribeiro de Magalhães participa no sorteio, à sua frente já estão, lado-a-lado, Boavista (Valentim Loureiro) e Benfica (Fernando Martins).

vel festa.

Emílio Macedo concluiu:

— Enfim: temos de jogar 90 minutos, mas talvez acabem por ser 120 ou mais outros 120...

Ribeiro de Magalhães (vice-presidente do FC Porto) disse:

— Estamos perante a perspectiva de um grande e belo jogo. E, face ao valor das duas equipas, não adianta qualquer vaticínio, ainda que (muito logicamente) confie no sucesso dos meus «dragões».

Por seu lado, Oliveira Pina (delegado em Lisboa do Vitória de Guimarães) declarou:

— Ainda recentemente empatámos nas Antas, colocando o Porto em sério risco de perder o desafio: por isso estou animado de muita fé e (sinceramente) não acedito na hipó-

tese de eliminação minhoto logo ao primeiro golpe. Mesmo que um pouco distantes do título (ou talvez por isso) jogamos agora tudo na Taça de Portugal.

Fernando Martins (presidente do Benfica) afirmava:

— O meu clube está preparado para tudo: e, embora preferisse jogar em nossa casa, iremos com toda a confiança ao Estádio do Bessa. Se repetirmos o último resultado, será óptimo. Se acabarmos por empatar o primeiro duelo, teremos depois oportunidade de deslocar a decisão para o nosso estádio: e sempre será, para os dois clubes, uma boa receita. Até a Federação ganhava à nossa custa!

O representante sportinguista Oliveira Duarte diria:

— Foi um bom sorteio para o Sporting: é mais fácil competir com os rapazes de Chaves em Alvalade, que no reduto deles. Todavia, é obrigatório respeitar muito bem este adversário porque ainda no domingo (na Luz) se viu do que é capaz a turma do meu amigo Raul Águas.

E quanto ao apeteido «derby» algarvio? Mira Pacheco (delegado portimonense) adiantou:

Crescemos bastante, estamos em melhoria clara de forma e é muito bom que o duelo se processe no nosso palco.

Exactamente o que não desejava Gomes Afonso, secretário-geral do Farense: «seria muito melhor que o jogo fosse a verdadeira final da «Taça» e, no Jamar, representasse uma bonita festa algarvia e do futebol nacional. De qualquer modo, não adianta qualquer palpite sobre este resultado do sorteio. Tudo pode acontecer. Uma cerimónia que teve outros complementos: igualmente foi sorteada também a 2.ª fase do «Nacional» de juvenis, apurando-se s seguintes jogos, na 1.ª jornada (29/3): União de Coimbra-Varzim e FC Porto-Vianense, na Zona Norte; Benfica-Torralta e Sporting-Belenenses. Para a 2.ª jornada (12/4): Varim-FC Porto; Vianense-União de Coimbra; Torralta-Sporting; Belenenses-Benfica. Quanto à

3.ª jornada (29/4) Vianense-Varzim; FC Porto-União de Coimbra; Belenenses-Torralta; Sporting-Benfica.

Os jogos da quarta, quinta e sexta jornada realizam-se respectivamente, em 3, 10 e 17 de Maio, nos campos dos clubes indicados em segundo lugar.

Também se procedeu ao sorteio do torneio interassociações (sub-15), que terá lugar nas férias da Páscoa, (de 20 a 27 de Abril) com a participação de 16 equipas do continente, uma do Funchal e outra dos Açores.

Constituição dos grupos: Évora, Funchal e Coimbra (A); Guarda, Aveiro e Viana do Castelo (B); Braga, Lisboa e Faro (C); Porto, Santarém e Viseu (D); Castelo Branco, Beja e Portalegre (E); selecção dos Açores, Leiria e Vila Real (F). A prova disputa-se de 20 a 26 de Abril, no Estádio Nacional.

A sessão do sorteio foi presidida por Amândio de Carvalho (o muito criticado «coordenador» da selecção que esteve no México). A seu lado estiveram César Grácio (secretário-geral da FPF), e os funcionários federativos António Malva, Manuel Moura e António Manuel. Desde já ficou estabelecido que, em caso de desempate em algum jogo da Taça, o embate decisivo terá lugar a 23 de Abril excepto se competir ao FC Porto e, nesse caso, poderá processar-se a 29 do próximo mês.

Ténis em Tróia

Nuno Marques e Pedro Cordeiro

no torneio da Tabaqueira

Nuno Marques e Pedro Cordeiro defrontarão dois jogadores saídos da qualificação, segundo o sorteio feito para o quadro principal do torneio «Tabaqueira», o segundo do Circuito Satélite «Ténis Maga-

zine» que decorre em Tróia, nas instalações da Torralta.

Os dois outros portugueses que tiveram entrada directa no quadro, mercê de dois «wild cards» oferecidos pela organização, são Sotero Rebelo (que defronta o brasileiro Mauro Menezes) e Marco Seruca (que jogará com o norte-americano Bobby Banck).

O «Qualifying» para o segundo torneio deste satélite termina hoje. Alguns portugueses estiveram em acção, logrando passar uma ronda apenas os que se defrontaram entre si.

Paulo Machado foi derrotado por Miguel Mertz (6-1, 7-5), Paulo Coelho perdeu com o espanhol Luis Encinos (6-1, 7-5), Manuel de Sousa venceu Ricardo Manzarra (6-1, 6-4), mas depois perdeu, na ronda seguinte, com o norte-americano Chris Teet (pois não compareceu ao encontro). Mário Silva que facilmente, derrotaria o seu adversário, o cipriota Zafer Erol, desistiu (6-0, 5-0 e 40-0) a seu favor, já que tinha aulas hoje e não poderia comparecer ao encontro, Rui Sousa foi afastado pelo sueco Anders Henriksen (0-6, 1-6), José Nunes venceu Luis Amaral e perdeu na ronda seguinte com o austríaco Michael Bauer, por 2-6, 3-6.



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

EDITAL N.º 42/87 FORNECIMENTO DE 1 AUTOCARRO DE 55 LUGARES

FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO,
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA:

FAZ PÚBLICO que durante o prazo de 20 dias, a contar do dia seguinte ao da publicação deste edital no «Diário da República», são aceitas nesta Câmara Municipal, propostas, em carta fechada e lacrada, para o concurso público em epígrafe, nos termos do respectivo caderno de encargos e programa de concurso.

O depósito provisório é de 2,5% do valor da proposta. A abertura das propostas realizar-se-á na sala de sessões dos Paços do Concelho, nesta Vila, perante uma comissão nomeada para o efeito, pelas 10 horas do primeiro dia útil, após o termo do prazo fixado neste edital, devendo as propostas serem entregues na Secretaria desta Câmara, até às 17 horas e 30 minutos do último dia daquele prazo.

Para constar se publica este edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Sintra, 27 de Fevereiro de 1987

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
(Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho)



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS AVISO

Concurso público para aquisição de 1 viatura mista Ford Transit de cabine dupla de caixa de carga

Caução provisória - 30 000\$00

Local, dia e hora limite para entrega das propostas - Serão remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, à Câmara Municipal de Oeiras, até às 17.00 horas do último dia do prazo de 20 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «Diário da República».

Local, dia e hora do acto público do concurso - Sala das Reuniões da Câmara, pelas 10.15 horas, no primeiro dia útil a seguir ao termo do prazo acima referido.

Local e horário para exame do processo - Câmara Municipal de Oeiras - 8.ª Secção da Secretaria, durante as horas normais de expediente.

Oeiras, Paços do Concelho, em 11 de Março de 1987

O Presidente
(Ilgival)

JOTAMÓVEIS-DECORAÇÕES, LIMITADA

Sociedade comercial por quotas, com sede na Rua Capitão Plácido de Abreu, número 7-B, na Amadora, titular do cartão de pessoa colectiva número 500 371 474, com o capital social de 150 000\$00, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Amadora sob o número 2 590.

Certifico que por escritura de 20/2/87 lavrada de folhas 21 verso a folhas 22 verso do livro número 144-G das notas do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, José Gabriel Monteiro e Domingos Lopes Monteiro como únicos sócios da referida sociedade deliberaram transferir a sede para o lugar de Godigana, freguesia de S. João das Lampas, concelho de Sintra. Em consequência, alteraram o artigo 1.º do pacto nos termos seguintes:

1.ª A sociedade continua a girar sob a denominação de JOTAMÓVEIS-DECORAÇÕES, LIMITADA, tem a sua sede no lugar de Godigana, freguesia de S. João das Lampas, concelho de Sintra, e durará por tempo indeterminado, a contar de 24 de Setembro de 1975.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 17 de Março de 1987

A Ajudante,
Joquina Rita Glão de Rodrigues
Falcato

DL 34/3/1987

MATCH-RACING: TROFÉU "RTC"

Com o patrocínio da RTC e da Philips Portuguesa (e tendo como campo de Regata a área compreendida entre Belém e S. José de Ribamar), iniciou-se o Campeonato de Match Racing do Centro «em vela, que se prolongará até ao próximo dia 11 de Abril.

No primeiro dia de provas «em condições ideais de competição», com mar calmo e vento de 18/20 nós, os vencedores foram os seguintes: José Dias Pinheiro (Prodig), Jacinto de Sousa (Lisnautica), Mário Quina (Argibay), Vasco Galvão (Casa Catela), Francisco Mourão (Sol do Campo) e Jean Fromantin (E.I.A.).

Na segunda série de Regatas com maré vazante, e vento fraco, alternando sucessivamente de posição. De acordo com as normas estabelecidas, os concorrentes partiram aos pares, registando-se, de manhã os seguintes resultados, em relação ao primeiro grupo: 1.º Pedro Mendonça (Pedro Mendonça); 2.º Peter Zickermann (Zickermann, SA). Entretanto, ambos os concorrentes apresentaram protestos pelo que neste caso, a classificação é provisória.

A ordem de chegada do segundo grupo, na 1.ª regata foi a que se segue: 1.º Gil Queiroz (Dyru); 2.º Henrique Oliveira (Efaced).

À tarde realizaram-se as provas correspondentes às 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª regatas do dia. Resultados da

Fórmula Um: quem são os "astros"

As escuderias de Fórmula Um Brabham e Tyrrel ainda não revelaram os nomes dos segundos pilotos para a temporada de 1987, figurando na lista da Federação Internacional do Desporto Automóvel apenas com um piloto cada. No caso da Tyrrel, falta conhecer o copanheiro de equipa do francês Philippe Streiff e no da Brabham o do italiano Riccardo Patrese.

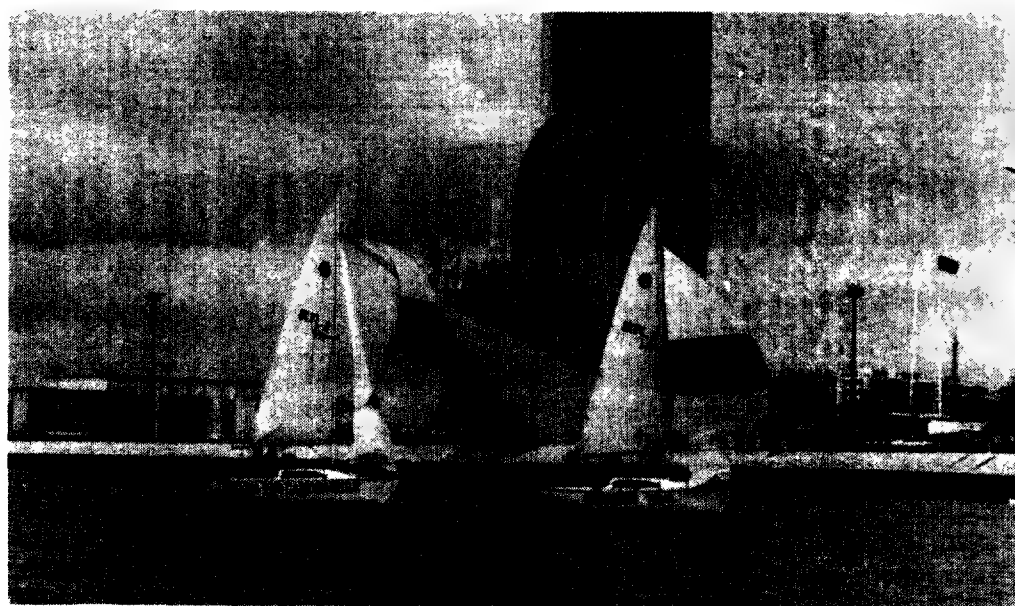
Segundo a lista publicada em Paris pela FISA, os pilotos já inscritos para a temporada de 1988 de Fórmula Um são os seguintes: Alain Prost (França); McLaren; Stefan Johansson (Suécia); McLaren; Philippe Streiff (França); Tyrrel; Nigel Mansell (Grã-Bretanha); Williams; Nelson Piquet (Brasil); Williams; Riccardo Patrese (Itália); Brabham; Martin Brundle (Grã-Bretanha); Zakspeed; Christian Danner (Alemanha Federal); Zakspeed; Satoru Nakajima (Japão); Lotus; Ayrton Senna (Brasil); Lotus; Pascal Fabre (França); AGS; Ivan Capelli (Itália); March; Derek Warwick (Grã-Bretanha); Arrows; Eddie Cheever (Estados Unidos); Arrows; Teo Fabi (Itália); Benetton; Thierry Boutsen (Bélgica); Benetton; Alessandro Caffi (Itália); Osella; Adrian Campos (Espanha); Minardi; Alessandro Nannini (Itália); Minardi; René Arnoux (França); Ligier; Piercarlo Ghinzani (Itália); Ligier; Michele Alboreto (Itália); Ferrari; Gerhard Berger (Áustria); Ferrari e Philippe Alliot (França); Lola-LC.

Monza: desclassificações

A dupla australiana Allan Moffat e John Harvey foi declarada vencedora dos 500 Quilómetros de Monza, após a desclassificação dos «BMW-M3» que ocupavam os primeiros seis lugares na prova inaugural do Mundial de Turismo. A desclassificação surge na sequência de algumas peças dos carros germânicos apresentarem diferenças em relação aos «BMW-M3» de produção. Contudo, a BMW apelou da decisão da FISA tomada pública poucas horas depois do termo da competição disputada no domingo, no Autódromo de Monza.

O italiano Riccardo Patrese e o venezuelano Johnny Cecotto foram inicialmente declarados os vencedores da prova. A Ford avançou com a impugnação da prova italiana, tendo a FISA acabado por confirmar as «suspeitas» então levantadas. Todavia, a Ford esteve ausente do Autódromo de Monza, pois na véspera a direcção técnica da corrida decidiu excluir a equipa, alegando que o carro do suíço Rudi Eggenberger apresentava irregularidades na injeção electrónica.

2.ª Regata (1.º Grupo): 1.º António Dias Pinheiro (Ferin) e 2.º Pedro Beckert Rodrigues (Mumm); **2.ª Regata (2.º Grupo):** 1.º José Camelo (Bull) e 2.º José Gonçalves (Mercury); **3.ª Regata (1.º Grupo):** 1.º José Pedro Braula Reis (Solcap) e 2.º Rui Roque de Pinho (Gesa, SA); **3.ª Regata (2.º Grupo):** 1.º Eduardo Guedes de Queiroz (Promec-Linde) e 2.º Carlos Manuel Lopes (Notícias do Mar); **4.ª Regata (1.º Grupo):** 1.º Raul Xavier (Morais 1 Camara) e 2.º Jean Fromantin (E.I.A.); **4.ª Regata (2.º Grupo):** (classificação provisória): 1.º Jacinto de Sousa (Lisnautica) e 2.º José Pinheiro (Prodig). Neste grupo ambos os concorrentes apresentaram protestos. **5.ª Regata (1.º Grupo):** 1.º Vasco Galvão (Casa Catela) e 2.º Vitor Gonçalves (Longa Vida); **5.ª Regata (2.º Grupo):** 1.º A. Vasco de Mello (S. Lourenço) e 2.º Carlos Neves (Phillips). O campeonato prossegue no próximo fim-de-semana, com regatas de manhã e de tarde



Velas ao vento defronte do monumento aos descobrimentos

EM PORTUGAL

	Min.	Máx.	Prec.	As 18 h.
Bragança	6	12	0,3	M. nub.
V. Castelo	10	15	7,0	Chuva
Vila Real	6	14	1,2	Encob.
Porto	9	15	1,0	Chuva
P. Dourad.	-	8	0,0	Nevoeiro
Coimbra	6	18	0,0	Encob.
C. Carvoeiro ...	11	16	0,0	Encob.
C. Branco	-	15	0,0	Bruma
Portalegre	7	15	0,0	M. nub.
Lisboa	8	17	0,0	M. nub.
Evora	8	16	0,0	M. nub.
Beja	5	19	0,0	P. nub.
Faro	10	18	0,0	M. nub.
Sagres	8	17	0,0	M. nub.
P. Delgada	14	18	11,1	P. nub.
Funchal	14	19	0,0	Encob.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 17, Porto 15, Faro 18, Ponta Delgada 18, Funchal 19.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	Min.	Máx.	As 18 h.
Madrid	-1	17	Muito nub.
Londres	-7	11	Chuva
Paris	-5	12	Chuva
Bruxelas	4	10	Chuva
Amsterd.	-4	9	Chuva
Genebra	1	13	Encoberto
Roma	4	17	Limpo
Oslo	-3	3	Muito nub.
Copenhaga	-4	4	Nebulosa
Estocolmo	-2	1	Nebulosa
Berlim	-2	8	Chuva
Viena	0	9	Pouco nub.
Varsóvia	-2	5	Nebulosa
Atenas	12	15	Chuva
Moscovo	-4	-1	Nebulosa

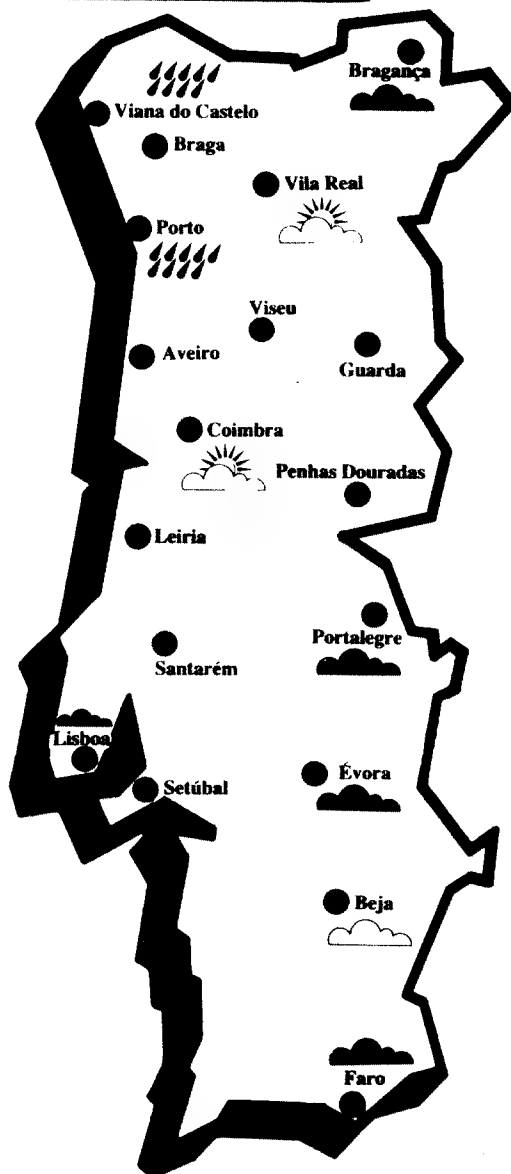
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

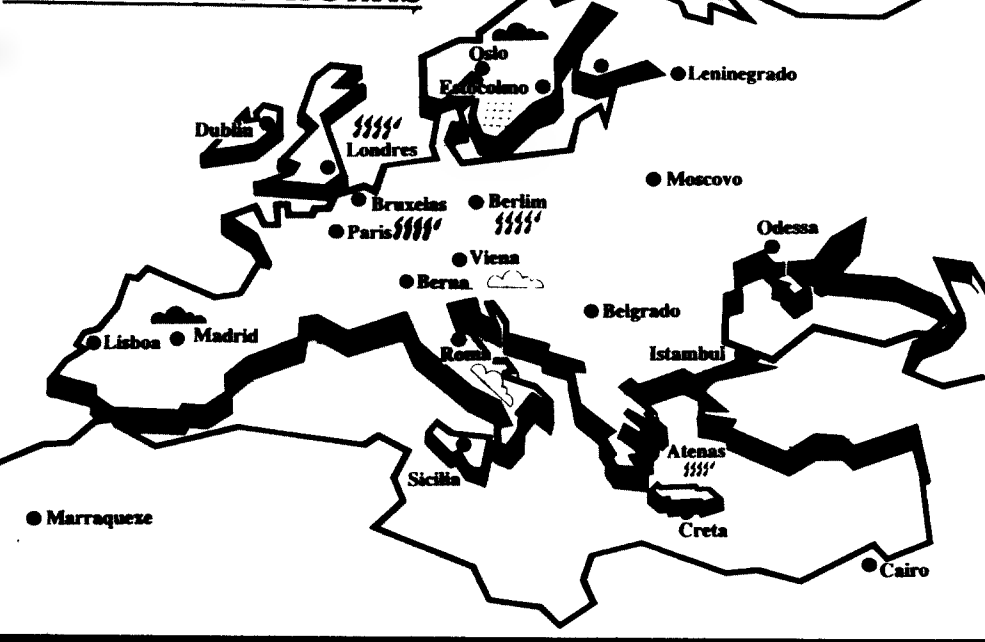
	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	23	31	Nublado
Joanesburgo ...	13	23	Chuva
Los Angeles	5	18	Nublado
Montreal	3	11	Nublado
Nova Deli	18	30	Limpo
Nova Iorque ...	4	14	Nublado
R. de Janeiro ..	19	31	Limpo
S. Francisco ...	7	15	Nublado
São Paulo	17	29	Nublado
Tóquio	9	13	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



A EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No continente:

Céu muito nublado, vento moderado de sudoeste. Períodos de chuva no Norte e Centro, estendendo-se progressivamente ao Sul, para o fim da tarde.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar de pequena vaga. Ondulação de oeste de três metros.

Costa Sul: Mar de pequena vaga. Ondulação de sudoeste de um metro.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado a fresco, de noroeste. Aguares.

Estado do mar: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de oeste de três a quatro metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de sudoeste. Períodos de chuva fraca.

Estado do mar: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois metros sendo inferior a um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Céu muito nublado. Vento moderado de sudoeste. Períodos de chuva, a partir da manhã, diminuição de nebulosidade progressivamente de Norte para Sul, com passagem a regime de aguaceiros, e vento moderado de norte.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Nebulinas ou nevoeiros matinais.

MARÉS

Hoje	Praia-Mar	Baixa-Mar
10.59	3,2 m	4.14 1,7 m
23.25	3,5 m	16.47 1,8 m
Amanhã		
...	...	5.39 1,4 m
12.15	3,4 m	18.00 1,5 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

"PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO"

de Oliver Stone

Jorge Leitão Ramos

Não importa muito a este filme reflectir sobre a guerra do Vietname, traçar-lhe contornos, discutir as suas motivações, averiguar legitimidades ou polemizar sobre as suas consequências.

Este é o filme do apaziguamento lúcido da grande ferida americana no último quarto de século.

O que primeiro espanta neste filme é a sua ausência explícita de ponto de vista exterior ao conflito. Habitados que estamos aos discursos sobre, perturba-nos um tanto que Stone caminha na direcção do realismo: «Platoon» é a guerra do Vietname, testemunhada por dentro, filmada por dentro. Não é nem o espectáculo turbulento do horror («Apocalypse Now») nem a metáfora ensimesmada da «roleta russa» em que nos meteram («O Caçador») nem tão pouco a vingança (Rambo) ou a denúncia progressista («O Regresso dos Heróis»). Oliver Stone parece situar-se depois da ferida e da cicatriz, da vergonha, do silêncio, do regresso dos recalamentos, depois da polémica, do trauma. «Platoon» é um filme sereno que volta ao princípio, ao lugar da guerra e ali insiste em ver o tecido social americano, os «cowboys», os violentos, os perdedores, os idealistas, os que sempre estarão na mó de baixo do moinho da vida. Mostrá-los em combate e não indagar razões. Olhá-los, apenas,

ali, no fogo do inferno, da lama, dos mosquitos, das minas, da selva, da noite e perceber que uma guerra a perder-se é igual a uma outra que se ganhasse, desde que não haja motivos para a travar, lógica para o sofrimento, esperança para a morte. «Platoon» é o inferno, filmado com secura e envolvimento, crivo onde se peneira o Bem e o Mal, onde os homens são capazes de o continuar a ser, ou não. Poderia ser um filme de Ford, sem lado épico. Ou de Hawks que gostava de filmar os homens à sua altura.

É um filme sem heróis, sem vencedores, sem modelos. Um filme que mostra a selvajaria a nascer, a crescer, em acção, como filosofia de vida, desgosto. Um filme que não recalca nem discursiva sobre, olha. Já sem espanto, uma mágoa infinda a repousar sobre o pesadelo, sobre o pesadelo que nós vivemos. É um filme americano que não enjeita o passado nem o ajeita aos jeitos vários das consciências. Foi assim, pronto. Não precisa de pregar,

«nunca mais» é uma simples consequência da realidade, realidade com que há que viver. Ao dedicar-se aos que lutaram e aos que morreram no Vietname, «Platoon» torna-se o primeiro filme a abarcar, toda inteira, essa memória, a torná-la em bloco, a sair do circuito da culpa, da recriminação, do rosar do leão ferido. A América de «Platoon» é já uma América pós-reaganiana.

FICHA:

Título original: Platoon.

Realização e argumento: Oliver Stone (EUA-1986).

Fotografia: Robert Richardson.

Cenários: Bruno Rubeo (production designer).

Música: Georges Delerue.

Montagem: Claire Simpson.

Produção: Arnold Kopelson.

Interpretação: Tom Berenger (sarg. Barnes), William Dafoe (sarg. Elias), Charlie Sheen (Chris), Forest Whitaker (Big Harold), Francesco Quinn (Rhah), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.

Cinemas: Condes, Las Vegas, Londres, Hollywood.

Classificação: Para maiores de 16 anos.



Tom Berenger em «Platoon»: a guerra do Vietname chega ao cinema americano, sem paixão, apaixonante

VI Salão de Artesanato no Estoril

Com a presença da dra. Maria Cavaco Silva e dos secretários de Estado do Turismo e do Emprego e Formação Profissional, dos presidentes das Câmaras Municipais de Cascais e Oeiras, dra. Manuela Eanes, da viúva do presidente Agostinho Neto e centenas de visitantes que à chegada foram cumprimentados pelos dr. Manuel Telles e Stanley Ho, respectivamente presidente do Conselho de Administração e

do Conselho Geral da Estoril-Sol, inaugurou-se ontem nas Galerias do Casino Estoril o VI Salão Nacional de Artesanato que reúne algumas dezenas de artesãos de todo o País.

Esta mostra, que se insere no programa do «Jubileu do Turismo», ficará patente no Casino Estoril até ao próximo dia 29, abrindo ao público das 15 às 24 horas de todos os dias.

Semana da Cultura em Tomar

A inauguração de quatro exposições e uma conferência do professor Agostinho da Silva sobre «O Espírito Santo e a Festa dos Tabuleiros» assinalaram em Tomar a abertura da Semana da Cultura Portuguesa, no passado sábado.

«Janelas de Tomar», uma colectânea de fotografias e diapositivos sobre as janelas ainda existentes na zona da cidade antiga e uma exposição de obras da cidade dos Templários foram duas das mostras inauguradas.

A arte dos papéis recortados de Tomar e de Macau é também confrontada numa outra exposição, enquanto uma mostra arqueológica relativa à vila romana, recentemente descoberta no centro da cidade de Tomar, dá a conhe-

cer os progressos da investigação nesta área.

A Semana Cultural Portuguesa, que se prolongará até dia 29, inclui ainda concertos, uma retrospectiva do cinema português na sala da Santa Casa da Misericórdia em Tomar e ainda uma conferência, sexta-feira, sobre o novo acordo ortográfico, em que participam os professores Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira.

A exibição do filme de Manoel de Oliveira «Aniki-Bobó» foi dedicada às crianças de Tomar, no âmbito da Semana Cultural Portuguesa, promovida pelo Instituto Português de Cultura e Língua Portuguesa.

Portugal na Exposição Universal de Sevilha

Portugal aceitou participar na Exposição Universal de Sevilha de 1992, confirmou à Lusa o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Brito e Cunha disse que «as formas de participação» estão a ser estudadas.

A informação sobre a decisão portuguesa foi obtida pela Lusa em Madrid,

mas, num primeiro contacto com o Ministério português, o porta-voz disse que não tinha conhecimento da decisão.

«Em todo o caso — admitiu — as coisas encaminham-se no sentido da participação de Portugal.»

Mais de 60 países deverão estar presentes em 1992 em Sevilha.

arco iris

CONCURSO



nome da equipa _____

chefe da equipa _____ idade _____

morada _____

localidade _____ cod. postal _____

telef. _____

Pai ou Mãe Nome: _____

2º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

Pai ou Mãe Nome: _____

3º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

Pai ou Mãe Nome: _____

RECORRE PELO TRACELADO
PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS COM O NOME DO FILHO E DO PAI E DO CONCURSO ARCO IRIS
APARTADO 4/90 307 LISBOA CCDEK

CHE UNIDOS DA AMEIXOEIRA, CRL

Assembleia Geral Ordinária

Nos termos do Capítulo IV, Secção II dos Estatutos, convoco uma A.G. Ordinária para reunir no dia 27.03.87 às 21h00 na sede da Junta de Freguesia da Ameixoeira, sita no Largo do Ministro, com a seguinte O.T.:

1 - Apreciação e votação do relatório e contas da Direcção, bem como do parecer do Conselho Fiscal relativos a 1986.

Lisboa, 11 de Março de 1987

O Presidente da M.A.G.
Luís Filipe Costa Ferreira

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção de Processos do 2.º Juízo deste Tribunal, correm editos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado FIRMINO JOSÉ PLÁCIDO MARTINS, solteiro, residente em Lagoa, freguesia de Santo Ildro, concelho e comarca de Mafra, para no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos editos reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados, sobre que tenham garantia real, na EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 32/85, movida pela exequente Carlos Bernardes & Filhos, Lda, com sede no Bairro Vila Morena, Torres Vedras.

Torres Vedras, 6 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito do 2.º Juízo
(ANTÓNIO RIBEIRO MARTINS)
O Escrivão-Adjunto
(JOSÉ MARQUES DE MATOS)

«DL» 24/3/87 — 2.ª Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 71 610

«PROCESSO DE FABRICAÇÃO DE COPOLÍMEROS E DE BUTENO-1»

Trata: CLARKE, MOYET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 291-3.ª Esq.
1000 LISBOA

ALHANDRA

TERRENO

Vende-se barato. Autorizado à construção.
Contacte tel. 982 67 46

PEQUENO TEATRO

1. Teatro para a Infância e Juventude

Continuemos a examinar o documento comunicado pelos Serviços de Teatro da SEC ao Conselho de Teatro para discussão e eventual aprovação, tal como temos vindo a referir.

Começaremos por citar o capítulo dedicado ao Teatro para a Infância a cujo título acrescentamos, por nossa conta e risco, Juventude, por nos parecer que não deverá haver compartimentos estanques nos escalões etários que abrangem uma e outra. Reconhece-se no texto a importância, que considera essencial, que esta área teatral implica no desenvolvimento teatral de qualquer país. E refere a seguir que é sabido porém que esta área do trabalho teatral se desenvolve (em toda a parte) por entre múltiplas incertezas, até na medida em que as experiências e a investigação neste domínio é um factor relativamente recente (2.ª metade de década de 60).

Aqui não se poderá deixar de considerar inaceitável esta afirmação já que nalguns países, nomeadamente na União Soviética, as experiências e a investigação neste domínio são muito anteriores à década de 60, surgiram, no caso daquele país, logo depois da Revolução. Talvez uma pesquisa mínima viesse provar que isso aconteceu com outros países, e se calhar até em Portugal.

As considerações expendidas nesta parte do relatório da SEC não nos parecem de resto muito convicidas e convincentes, ficando-se em parte por algumas banalidades com as quais não valerá a pena perder tempo. Atente-se antes nisto: Em Portugal a situação do teatro para a infância é, no momento actual, dolorosa.

Reconhece-se a insuficiência dos subsídios concedidos oficialmente bem como as carências organizacionais de



O Bando: «Nós de Um Segredo»

que o teatro para a Infância tem sido vítima, o que esperamos seja um acto de contrição, uma autocritica por parte de um organismo que precisamente é responsável pelas carências que aponta.

Vejamos quais as propostas que o documento apresenta para alteração da situação do Teatro para a Infância, embora nos tenhamos que limitar às medidas mais importantes sugeridas. A primeira medida é essencial para a resolução dos problemas pois trata-se da criação de um quadro financeiro próprio para o teatro para a infância, tudo dependendo, claro, do conteúdo snante desse quadro.

Propõe o documento a instalação, nos próximos quatro anos, de um primeiro centro dramático para a infância. Nesse centro, que deverá ficar em Lisboa, deverá estar reunido o que de mais interessante se estiver vindo a fazer, apontando para o exercício de influências seguras, técnicas psicopedagógicas e mesmo artísticas (sem imposição de «modelos»). Este período, bastante confuso, tem alguns pontos que merecem discussão. Caso do período de quatro anos para a

criação do primeiro centro dramático, que nos parece excessivo. Se se considera que os centros dramáticos, neste caso, são a solução, a sua implantação deve ser imediata, o que não significa que não seja cuidadosa nem discutida. Parece surgir-se que a criação do centro de Lisboa implica a liquidação das experiências mais válidas que têm sido produzidas nessa área da criação teatral. Esta opção, no entanto, implica uma discussão muito ampla e profunda do que deve ser este centro e dos seus estatutos. Grupos há no teatro português da especialidade, assim como há artistas, que podem não estar interessados em fazer parte do centro (caso do Bando, por exemplo). Ora, se assim acontecer, a existência do centro não poderá implicar o esvaziamento da actividade desses grupos ou desses artistas.

Mas este ponto tem a ver com um outro em que se diz o seguinte: Apoiar nos próximos 4 anos os grupos existentes e experiências em curso ou que venham a surgir, fazendo o seu acompanhamento de forma permanente e científica (nomeadamente

pelo recurso a pareceres de psicólogos e pedagogos), de modo a que seja possível, numa perspectiva de desenvolvimento, estabelecer balanços conclusivos e de orientação.

É evidente que este prazo de quatro anos tem a ver com a transformação profunda da actividade do teatro para a infância, aparentemente com o forçoso desaparecimento dos grupos independentes que se dedicam a esse teatro que evidentemente não poderão manter-se sem subsídios. É este um ponto fulcral na política teatral em Portugal: a criação de centros teatrais, seja na zona de teatro para crianças e jovens ou noutra, não deverá significar a morte do nosso teatro independente. Haverá que conciliar os interesses dos grupos existentes e cuja actividade seja suficientemente interessante, indiscutível, e a dos futuros centros. Será da articulação entre uns e outros que deverá surgir a rede da prática teatral em Portugal (sem esquecer a integração de companhias nacionais e municipais). Parece ser este, de facto, o grande ponto em debate.

Outros pontos da proposta da SEC merecem apoio, nomeadamente os que se referem ao estabelecimento de protocolos com a Direcção-Geral do Ensino Básico em ordem a que sejam criadas ou ampliadas as possibilidades de um contacto regular das populações escolares com a criação teatral; o apoio suplementar a companhias que produzam espectáculos para crianças; a obrigatoriedade de funcionamento de um departamento para a infância em centros dramáticos que venham a criar-se.

Parece-nos indispensável que esta parte do relatório da SEC seja amplamente debatida não apenas pelo CT como por todos os intervenientes nesta área do teatro nisso interessadas.

2. Fantoches e Marionetas

No capítulo referente a este género

teatral, o documento chama a atenção para a importância que assume em toda a Europa, exemplificando com o caso de Espanha onde o respectivo ministério subsidiou um festival internacional em Segóvia com uma verba de 15 milhões de pesetas com a obrigação contratual de obtenção de apenas 10% de receitas.

Diz o documento que apenas existe em Portugal um grupo especializado, especialmente apoiado pelo Estado: As Marionetas de Lisboa. Bem, não sabemos se As Marionetas de São Lourenço são ou não apoiadas pelo Estado (têm-no sido) mas lá que são um grupo especializado, não há dúvidas. Refere ainda, e justamente, o grupo dos Bonecos de Santos Aleixo integrado no Centro Cultural de Évora. Acrescenta: E todavia Portugal possui, neste capítulo, belas cartas de recomendação, mesmo a nível internacional. Para além dos grupos profissionais existe igualmente um movimento amador importante, lembrando o excelente João Paulo, artista português de grandes e múltiplas capacidades.

O documento propõe o apoio ao Museu do Teatro e outras medidas: apoio financeiro aos grupos profissionais que o mereçam (mas não é sempre assim?!); hipótese de profissionalização integral do titereiro João Paulo; apoio à autonomização financeira dos Bonecos de Santo Aleixo; organização ou apoio à realização de um Festival Internacional...

Não se pode dizer que esta parte do relatório da SEC seja muito imaginativa ou estimulante... mas verdadeiramente curioso é o facto de não haver uma única referência às Marionetas de São Lourenço mesmo quando se fala num museu de marionetas. Querem ver ue há um contencioso entre este grupo e a Secretaria de Estado da Cultura...

Carlos Porto

Candy

MAQUINA DE LAVAR ROUPA

UM ANO DE GARANTIA

2.450\$ POR MÊS

M.L. FERREIRA
R.D. Estefânia, 48A-1000 Lisboa

TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA
VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH — Quem a matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE

INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

A BARRACA

Teatro Nacional D. Maria II (sala experimental)
Reservas tel: 32 22 10
37 10 78

Só até fim de Março

Aqui está um espectáculo **FANTÁSTICO** com uma história verdadeiramente **DIABÓLICA!**

O DIABINHO DA MÃO FURADA

versão e encenação de Helder Costa

com **Maria do Céu Guerra**
João Maria Pinto
António Cardoso
António Gomes
João Azevedo
José Carreiras

Luís Tomar
Maria João
Paula Sousa
Teresa Faria

3.ª a Sábado às 21.45h
Sábados e domingos às

cenografia: Rui Pimentel
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carreiras

Alfas Triplex

— T. 806496

PERIGOSAMENTE JUNTOS

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

FILHO DE UM DEUS MENOR

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club

T. 763319

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

PERIGOSAMENTE JUNTOS

(m. 12 anos)
13.45, 16.45, 18.45, 21.45 e 24.00 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A COR DO DINHEIRO

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

A VIDA É ASSIM

(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.15 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

MULHER PERDIDA

(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano. Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto.

Capitolio

— T. 372358

ORGIA DE VERÃO

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

BALADA DA PRAIA DOS CÃES

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

O REI DOS GAZETEIROS

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
JOVENS GUERRILHEIROS
(m. 16 anos)
24.00 h

Cinebolso

QUADROS VIVOS

(Int. m. 18 anos)
(porno)
12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

A NOITE DOS MIOLHOS

(n/acons. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NADA EM COMUM

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
MÁQUINA DE MATAR
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

CAMPO DO INFERNO

(m. 16 anos)
16 e 21.45 h

UMA TREMENDA

CONFUSÃO
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

À VOLTA DA MEIA-NOITE

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS GLADIADORES DO FUTURO
(m. 12 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

PLATOON - OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

SOCORRO!

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

PEGGY SUE CASOU-SE

(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

GRANDE HONRA

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444

— T. 768078

O MATADOR

(m. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

KALIDOR - A LENDA DO TALISMA

(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

REGRESSO À ESCOLA

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

DOIS POLÍCIAS À SOLTA

(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

DUAS MULHERES EM NOVA IORQUE

(m. 12 anos)
19 e 22 h

Gemini

— T. 734009

A CILADA

(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON - OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

A MOSCA

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

O SARGENTO DE FERRO

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PLATOON - OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

A MOSCA (m. 16 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

PLATOON - OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

PERIGOSAMENTE JUNTOS

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas

BALADA DA PRAIA DOS CÃES

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

O ANJO NEGRO DA NOITE

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

AS OLIMPÍADAS DO SEXO

A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES

Reabre brevemente

Politeama

T. 326305

O SARGENTO DE FERRO

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

THERÈSE

(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
CLIENTE MORTO NÃO PAGA A CONTA
(m. 16 anos)
23.30 h

O MATADOR

(Int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30
O OFÍCIO DE MATAR
(m. 16 anos)
23.30 h

O LOCAL DO CRIME

(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
GLÓRIA
(m. 16 anos)
23.45 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro
— «Os Tarados do Espaço», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)AMADORA — Cinestúdio
— «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)AMADORA — Babilónia
— «Rush — O Homem Furacão», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)CACÉM — Cinestúdio Flores
— «Vingança Jurada», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos).ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby
— «Dois Polícias à Solta», às 21.30 (m. 12 anos)MEM MARTINS — Estúdio Dois Erme
— «8 Milhões de Maneiras de Morrer», às 21.30 h (m. 12 anos).SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António
— «Chamavam-lhe Génio», às 17 e 21.30 h (n/acons. m. 13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril
— «Ran - Os Senhores da Guerra», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)ALGÊS — Cinema 2000
— «Nove Semanas e Meia», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos).OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1
— «O Nome da Rosa», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Subway - Subterrâneo», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine
— «A Missão», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)CASCAIS — Miramar — Sala 1
— «Os Bravos do Pelotão», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia
— «A Mosca», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)ALMADA — Cinestúdio
— «Peggy Sue Casou-se», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)ALMADA — Incrível Almadense
— «O Vingador da Noite», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1
— «O Justiciero de Nova Iorque», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Testemunhas de Um Crime», às 16.15 e 21.45 h (maiores 18 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreireiro
— «Dois Polícias à Solta», às 15.15 (m. 12 anos)LINDA-A-VELHA — Cinetropical
— «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)ODIVELAS — Cineodível
— «A Espada dos Valentes», às 15.30 e 21.30 (m. 6 anos).CRUZ DE PAU — Cinema Lord
— «Poltergeist II - O Outro Lado», às 16 e 21 h (m. 16 anos)

ZARZUELA HOJE NO COLISEU

A zarzuela nasceu no século XXVII, com Calderón de la Barca. E nasceu como teatro musical em língua castelhana. Significa isto que, em matéria de repressão de tradições teatrais, a Inquisição e os Jesuítas foram menos bem sucedidos em Espanha do que em Portugal: aqui conseguiram sufocar por dois séculos o desenvolvimento lógico a partir de Gil Vicente e criar as raízes de uma tradição reaccionária que ainda hoje se repercute na nossa actualidade. A ausência de um teatro musical em língua portuguesa com suporte institucional tornou-se tão natural entre nós que chegou a ser consagrada indirectamente na Re-

forma de 1836 - isto apesar de Garrett invocar logo à cabeça do seu prefácio a «Um Auto de Gil Vicente», como sombras tutelares, o mesmo Gil Vicente e António José da Silva, ou seja, precisamente dois autores de teatro musical.

O espectáculo de José Tamayo - Antologia da Zarzuela - tem corrido mundo e vem recomendado não necessariamente por um propósito histórico ou museológico, mas pela sua eficácia músico-teatral. Vamos, pois, ao Coliseu para ver como pode funcionar hoje a zarzuela e meditar no que é feito da palavra cantada em língua portuguesa na ópera, na opereta, no «musical», na revista...



Venha ao Coliseu, esta noite ...

EXPOSIÇÕES

• **GALERIA RESTAURAÇÃO** (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): exposição de Gravura de João Camacho, patente até 24 de Abril.

• **GALERIA DA POUSADA DE PALMELA**: exposição «Varandas de Lua Cheia», da autoria do artista moçambicano Chichorro, patente até 6 de Maio.

• **GALERIA DE CONSTANCIA**: exposição de Pintura, Desenho e Escultura com obras de Abel Manta, António Araújo, Bual, Barros, Cargaleiro, Dorita Castel Branco, Escada, Estrela Faria, João Nascimento, Jorge Barradas, José de Lemos, Justino Alves, Lima de Freitas, Martins Correia e Relógio. Patente até 21 de Abril, das 14 às 20 excepto às segundas e terças. Esta exposição marca a inauguração desta galeria de arte, situada nesta histórica vila do distrito de Santarém.

• **CENTRO CULTURAL REGIONAL DE SANTARÉM**: Desenho e Pintura de Maria Manuel de Sousa Simão, até 5 de Abril.

• **ALMADA** (Praça S. João Baptista): «IV Festival da Árvore» centrado na exposição «Almada e os Espaços Verdes», até dia 28 das 10 às 22.

• **GALERIA DE ARTE A GRADE** (Aveiro): Figueiredo Sobral expõe «Criaturas» - Pintura e Escultura. Até 4 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 19.

• **GALERIA NASONI** (Porto): exposição de escultura de Juan Oliveira, um artista natural de Tuy. Simultaneamente, na sala atlântica da Nasoni, uma mostra colectiva com obras dos artistas que integraram a representação da galeria na ARCO 87 de Madrid. As duas exposições podem ser visitadas de terça a sexta das 10 às 12,30 e das 15 às 19,30, sábados e domingos da parte da tarde.



Gravura de João Camacho, na Galeria Restauração

• **GALERIA «JN»**: pintura de Pedro Chorão, de terça a sábado das 14,30-19,30

• **ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARTE FOTOGRÁFICA** (R. das Chagas, 17-2º): fotografias de Guta de Carvalho até 27 de Março, de terça a sexta das 18,30 às 22,30.

• **ATELIER 15** (R. Freitas Gazul, 24-D): exposição colectiva dos membros fundadores do Atelier 15, Maria Irene Ribeiro, Maria Soares, Maria Teresa Folha, Américo Silva, Luís Cruz e Vasco Folha. Patente até final de Março, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

• **CAMARA MUNICIPAL DE ALCOCHETE** (salão nobre): exposição de pintura de Ana Maria Botelho, patente até 31 de Março, integrada nas comemorações do Dia Internacional da Mulher.

• **GALERIA NEUPERGAMA** (Torres Novas): colectiva de pintura com obras de Bual, Cargaleiro, Cesariny, Dourdil, Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal. Até 18 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 17 às 18, domingos das 17 às 18.

• **GALERIA LAPUB** (Figueira da Foz): exposição de pintura e desenho da autoria de Ema Berta, até 12 de Abril, de segunda a sexta das 16 às 19 e das 21 às 23, sábados e domingos das 16 às 19.

• **ALTAMIRA** (R. Filipe Folque, 48-A): pintura de Rocha Pinto até 8 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 10 às 13.

• **GALERIA TEMPO** (R. Nova de S. Mamede, 17-A): pintura de Alvaro Perdigão, António Carmo, Hilário e Rogério Amaral. Até 25 de Março de segunda a sábado das 16 às 20.

• **ARCADAS DO PARQUE** (Estoril): Pintura de Laura Cesana até 15 de Abril, das 9 às 19.

• **CASINO ESTORIL** (galeria de arte): até 29 de Março, integrado no programa do Jubileu do Turismo, o VI Salão Nacional de Artesanato. Patente todos os dias das 15 às 24.

• **PALMA-GALERIA DE ARTE** (C. da Palma de Baixo, 6): até dia 1 de Abril, uma exposição de gravuras de Almada Negreiros, Carlos Botelho, Cipriano Dourado, Jorge Barradas, Mily Possoz e Hansi stael e de esculturas de Ema Brandão.

• **MUSEU NACIONAL DO TRAJE**: exposição de Gabriela Tomé «Vestário como Adereço».

• **CENTRO CULTURAL DAS DESCOBERTAS** (Padrão dos Descobrimentos - Belém): exposição com o título «Lisboa uma Vista Diferente», uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa em colaboração com a Força Aérea Portuguesa.

• **OFICINA GALERIA DE ARTE** (Escadinhas do Arco da D. Rosa, 7 - Alfama): Inácio Matsinhe expõe

aguarelas, desenhos, azulejos, óleos e cerâmica, das 10 às 20.

• **SNBA** (R. Barata Salgueiro, 39): pintura de João Luís, de terça domingo das 14 às 20.

• **MULTIFACE ARTE** (Centro Comercial Gemini): óleos, guaches, serigrafias e esculturas de Francisco D'Almada.

• **EDIFICIO CASTIL**: Os Artesãos e Gonçalo Ramos Pereira apresentam a sua nova colecção «Les Marices».

• **GULBENKIAN-EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**: Pintura francesa «Hors Tendance» com obras de Martin Barré, Jean-Pierre Bertrand, Christian Bonnefoi, Daniel Buren e François Rouan, de terça a domingo das 10 às 17.

• **ESCADA-Centro de Arte, CRL** (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): início de actividade deste centro com a exposição de pintura de Gil Teixeira Lopes, João Hogan, Matilde Marçal, Rogério Ribeiro, Rui Filipe e Vilgílio Domingues. De segunda a sexta das 12 às 20, sábados das 10 às 14.

• **FONTE NOVA-GALERIA DE ARTE** (C. C. Fonte Nova - Est. de Benfica, 503): «Torneiras e Funis» de Sam.

• **BIBLIOTECA NACIONAL** (Campo Grande): a Galeria R 75, em colaboração com a Biblioteca Nacional, apresenta uma exposição de óleos e aguarelas de Cohen Fusé. Até 3 de Abril, nos dias úteis das 14 às 20, sábados das 14 às 17.



«Paisagem» de Matilde Marçal

• **IAM-GALERIA** (R. da Misericórdia, 92): «Facies-Facies», pintura de D'Assis Cordeiro, até 25 de Março, de segunda a sábado das 15 às 20.

• **CASA DA CULTURA** (Caldas da Rainha): exposição de arte decorativa georgiana, organizada pela Associação Portugal-URSS. Uma mostra da arte da República da Georgia, com especial destaque para as suas formas mais significativas: cerâmica, cinzelagem, trabalhos em madeira e em pano. Patente até 30 de Março, todos os dias úteis das 10 às 12,30 e das 14,30 às 18,30, sábados e domingos das 15 às 18,30.

• **GALERIA BERTRAND DO CHIADO**: Pintura de Alda Nobre, Madalena Coelho e Pedro Tudela, três dos mais novos pintores portugueses.

• **BIBLIOTECA NACIONAL**: «A Inquisição em Portugal» - exposição bíblico-iconográfica. Até 30 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 17.

• **AEROPORTO DE LISBOA** (Edifício 5): a Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores da Aviação Civil apresenta a 1ª Exposição Colectiva de Pintura, até 27 de Março. Trabalhos de Américo Silva, Carlos Martins Pereira, Daniel Nave, Fernando Martins, Marília Nunes, Maria Irene Ribeiro e Maria Soares.

• **CORTIÇO** (snack-bar de Vila Franca de Xira): organizada pelo GADAC - Grupo de Amigo na Divulgação Cultural - patente até 28 de Março uma exposição de Pintura da autoria de Manuel Constantino.

• **GALERIA DE ARTE DA CERVEJARIA TRINDADE**: exposição documental sobre o raide aéreo do avião «Sagres»

• **LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): colectiva com pintura de Batarda, João Hogan, Jorge Martins, Menez, António Sena, Nikias Skapinakis e João Vieira.

• **GALERIA ALMADA NEGREIROS** (Av. da República, 16): aquisições recentes do Museu Nacional de Arte Moderna, todos os dias excepto segundas-feiras, das 10 às 20.

• **MUSEU NACIONAL DO TRAJE**: «Bordado da Madeira 1850-1930», até 30 de Março.

• **GALERIA DIFERENÇA** (R. de S. Filipe Neri, 42): Fotografias de Ernesto de Sousa com o título «Itinerários». De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

• **CENTRO CULTURAL S. LOURENÇO** (Almansil): novas pinturas de Manuel Baptista até 10 de Abril.

• **GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA**: pintura de Hélio Cunha até 29 de Março, diariamente das 15 às 23.



Roberto Chichorro expõe na Pousada de Palmela

CINEMAS

• **CINEMATECA PORTUGUESA**: Cinema Francês-Anos 80 com «Richard III» de Raoul Ruiz, com Ariel-Garcia Valdes e Gilles Arhora, às 21,30. Às 18,30, Ciclo Norman McLaren.

• **FORUM PICOAS**: Ciclo New York, New York com o filme «Duas Mulheres em Nova Iorque» de Claude Well, sessões às 19 e 22.

• **INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS**: «Dimanche à La Campagne» de Bertrand Tavernier, com Louis Ducreux e Sabine Azéma.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE

— AREIRO: **Garantia**, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **BELEM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **DE OLIVEIRA: RIQUE**, Linaida, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CAMPOLIDE - BAIRRO DA LIBERDADE**: Salutar, R. B. 75-A-B Bairro da Liberdade (T. 533411); **GRAÇA: Morão**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM ZOOLÓGICO: Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Lealdade**, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **PRACA DA ALEGRIA: Brites Moita**, P. da Alegria, 33-34; **QUINTA DA LUZ - CARNIDE: Findor**, R. Adelaide Cabete, 10E (T. 7145271); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **XABREGAS: Salter**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **CARNAXIDE: H. Amaral**, P. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, AL. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — ALVALADE: Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Dello**, R. dos Azeites, 32-34 (T. 572388); **AVENIDAS NOVAS - AVE-NIDA JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592); **BENFICA - BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAIS DO SODRÉ: Africana**, R. Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusadas, 30-32 (T. 636704); **CHELAS - AVENIDA DR. AUGUSTO DE CASTRO - CARRIS: Sacramento**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **LAPA: Paiva da Costa**, R. da Lapa, 105-107 (T. 664414); **PICHELEIRA: Mariz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira e Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfárim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, bloco A, loja

A (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; **SÉTUBAL: Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Rosado Pinto**, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmão Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCABELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAEDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro Caixas de Pevidência (T. 2473948). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imami**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Romero, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Permanente; **São Jorge**, R. Pedro do Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damais**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCES: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente; **AVEIRO: Higiene**, R. Visconde Almeida Eco, 13 (T. 22680). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h «FARSA VOCÊ MESMO» — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Biblioteca Nacional de Lisboa

Campo Grande, 83
De segunda a sexta, às 18.00
«AUTO DA ÍNDIA E D'OUTRAS ANDANÇAS».
Sobre textos de Gil Vicente. Pelo Grupo Persona. Adaptação e encenação de Guilherme Filipe.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00
«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Música de José Mário Branco.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00
«ESCRITA EM DIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória». original de Henrique Santana, Francisco Nicholson. Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00
«CÁ ESTÃO ELES», texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00
«ANATOL», de Arthur Schnitzler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.
Sala Experimental
De terça a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30
«O DIABINHO DA MÃO FURADA». Pelo Grupo da Barraca.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31
De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00
«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sa da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550
Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30
«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69
4.ªs e 5.ªs, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30
«O JARDIM DAS CEREJEIRAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cenografia de José Manuel Castanheira.

Alges — Teatro 1.º Acto

De quinta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00
«ALZIRA POWER», de António Bivar. Por três elencos do Grupo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09
3.ª, 4.ª e 5.ª, às 19.00; 6.ª e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00
«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03
Na sala do IFICT
2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.
«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Teatro A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 Tel. 6866300
Diariamente às 21.30. Sáb. e dom., às 16 e 21.30
«CATÁSTROFE OU O MUDO DE SAMUEL BECKETT» pelo Teatro Experimental do Porto. Enc. de Mário Viegas.

Teatro Infantil de Lisboa

Aos sábados às 16.00 «O CHOUPPO ANDARILHO»
Domingos, às 16.00 «O AVESTRUZ MECÂNICO»

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04
De quinta a domingo, às 21.30
«DRÁCULOS JÚNIOR», texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

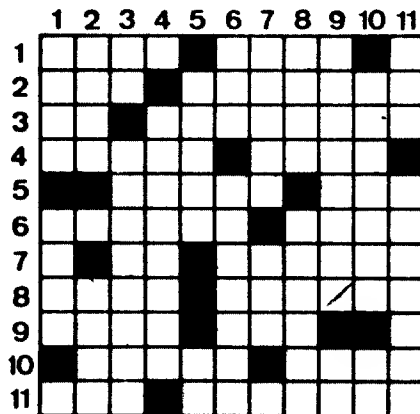
Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 990

HORIZONTAIS:

- 1 Aquele que. Pronome indefinido.
- 2 Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh! Deras à luz.
- 3 Európio (s.q.). Nome de peixes.
- 4 Roer. Guarnecidas de asas.
- 5 Grosseiros. Czar da Rússia, cognominado «O Terrível».
- 6 Ir ou caminhar muito depressa (pl). Lavrem.
- 7 Deus dos pastores. Melodioso.
- 8 Causar dor. Aplano.
- 9 Avalia. Conjunção.
- 10 Carepa. Bebida do Peru.
- 11 Pátria. Avaliar por arosbas.



VERTICAIS:

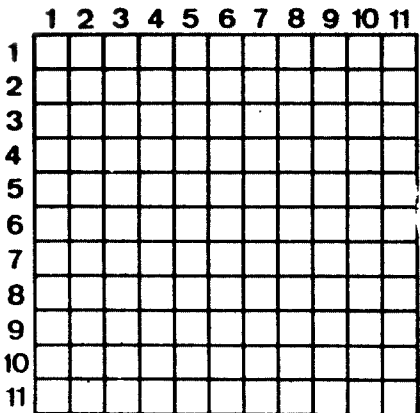
- 1 Tenciona. O essencial, o indispensável.
- 2 Pirlampo (em certas zonas da Baía, Brasil). Dólmam (prov).
- 3 Isto é (inv). Esbarrar.
- 4 Catalogaras.
- 5 Corrompe. Utensílio doméstico.
- 6 Bigorna de aço sem hastes. Irritar (fig).
- 7 Mulher muito gorda e feia (pl). Fileira.
- 8 Apelido. Freguesia do concelho de Vieira do Minho.
- 9 Pacatos. Rio da Rússia.
- 10 Personagem lendária, mais conhecida pelo cognome de Judeu Errante. Batráquio.
- 11 Abreviatura de Santíssimo Sacramento. O mesmo que amolgar.

Recebeu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 819

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade do México.
- 2 Versejar. Machos das galinhas.
- 3 Ovírios dos peixes. Cobre de iodo.
- 4 Sadias. Familiar (abrev). Rente.
- 5 Clima. Rio de Itália. Autores. Manuscrito.
- 6 Freguesia do concelho de Estarreja.
- 7 Nome de homem. Lavrem.
- 8 Peça a que se prende a lança de uma viatura.
- 9 Ofereces. Suspiros. Época.
- 10 Vila e concelho do distrito de Aveiro. Içar.
- 11 Apelido. Venero.



VERTICAIS:

- 1 Doze dúzias. Mágoa.
- 2 Dar uivos. Destemida.
- 3 Estimam. Crença. Figura que simboliza o povo americano.
- 4 Concedes. O mesmo que bola. Letra grega.
- 5 Clima. Tempo do verbo ir. Rádio (s.q.).
- 6 Utensílio doméstico. Pessoa muito magra (fig).
- 7 Prata (s.q.). Cidade da Índia, na costa do Malabar. Arsénio (s.q.).
- 8 Moeda da Pérsia. Grande cão de fila. Preposição latina que designa movimento.
- 9 Impulso. Clima. Gavinha.
- 10 Girem. Vaguear.
- 11 Guarnecessem de asas. Anel.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 989

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM. FAZ. O.
- 2 Uni. Ois. MAL.
- 3 Aarau. Sai.
- 4 Lia. Esmar.
- 5 Dornas. Ba.
- 6 Eca. Dá.
- 8 Pirata. Ni.
- 9 Erada. Amiga.
- 10 Ramal. Der.
- 11 Emas. Minara.

VERTICAIS:

- 1 Qual. ESPERE.
- 2 Umuf. Cairam.
- 3 Eirada. Rama.
- 4 Fadas.
- 5 OUTRO. TAL.
- 6 Fi. Ca.
- 7 Assacada. Asi.
- 8 Assaram.
- 9 Mim. Ida.
- 10 Ao. Abranger.
- 11 Lura. Liara.

PROVERBIO: Quem faz o mal, espere outro tal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 818

HORIZONTAIS:

- 1 Sapos. Amada.
- 2 Itaca. Latir.
- 3 Não. Lei. Eta.
- 4 Ar. Cessa. Am.
- 5 Lâmpada.
- 6 Emala.
- 7 Terá. Muro.
- 8 Olá. Baladas.
- 9 Cata. Rim.
- 10 Ada. Paparem.
- 11 Raspa. Sás.

VERTICAIS:

- 1 Sinal. Tocar.
- 2 Atar. Melada.
- 3 Pão. Ratas.
- 4 OC. Capa.
- 5 Salém. Pá.
- 6 Esperavas.
- 7 Alisam.
- 8 Ma. Adamaras.
- 9 Até. Aludira.
- 10 Dita. Arames.
- 11 Aramo. Os.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imagnário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.20: Disco compacto; 16.13: Os grandes mestres do lied; 16.30: Álbum musical; 17.00: Cancioneiro popular português; 18.40: Pequenos conjuntos instrumentais; 19.00: Integrais; 19.45: Folhetim, 1.º episódio de «Avieiros», de Alves Redol; 20.40: Música para oboé; 21.00: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; 21.22: Transmissão directa, do Teatro de São Luiz, de um concerto de câmara; 23.20: As palavras dos músicos; 23.50: Intercâmbio musical; 00.50: Último andamento e resumo; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP

17.30 - Mira Técnica

Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando

«Rolando vai ao Oriente»

18.50 - Par ou Impar

19.15 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.10 - Palavras Cruzadas

52º Episódio: - Mina vai ver o pai, que a princípio não a reconhece, para lhe dizer que vai a Paris. Omite porém que o faz na companhia de Simão. O pai dá-lhe algum dinheiro, mas entretanto, entra Rosa que mais uma vez implica com Mina. Aníbal consola Rosa que chora porque Oscar se zangou com ela, mas insiste que o comportamento de Mina é estranho e que ela tem um presentimento de que um dia vão surgir problemas. Alice diz a Helena que Julieta e Pompeu andam sempre a cochichar e Helena fica preocupada com medo que eles tenham ouvido alguma coisa. Helena vai visitar Angelina que começa a conversar com ela, dizendo que Vitor está ausente. De repente, ouve-se um barulho e Angelina pede a Helena que se vá embora depressa, o que ela faz mas deixando o molho de chaves do carro. Entretanto Angelina é morta e quando Helena volta atrás para recolher as chaves do carro depara com a velha assassinada.

20.50 - Primeira Página

21.45 - Dempsey e Makepeace

20º Episódio: - Um grupo de criminosos cujo chefe se chama Miller tenta assaltar uma carrinha que transporta dinheiro para pagar vencimentos mensais. Uma denúncia permite a Dempsey e a uma equipa de membros do S 1 10 chegarem a tempo. Mas um dos criminosos, Keith Lymon, não se dá por vencido, dispara sobre a polícia, matando Miller, e foge. Toda a operação fora filmada para que a polícia ficasse com as provas necessárias para condenar os criminosos. Dempsey observa fascinado a perícia e a rapidez de Larry. A partir daí, capturá-lo torna-se para ele uma estranha obsessão...

Realizador: - Tony Wharmby

22.40 - 24 Horas

23.15 - Remate

15.05 - Agora, Escolha

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

Engº Fortes Gama inventor do primeiro robot português

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

Futebol: Mundial 86

19.00 - Nino Show



No 2º canal, às 21.35, em «Cinema Dois», o filme «Andrei Rubliov»



No 1º canal, às 21.45, o 20º episódio de «Dempsey e Makepeace»

20.05 - 5ª Dimensão

114º Episódio: - Jason Foster é um homem com uma personalidade forte que odeia a filha, Emily, e a família dela: Wilfred, o marido, só pensa em dólares, a neta é fútil e presunçosa e o neto é uma nulidade. Sabendo que lhe restam poucas horas de vida, Jason reúne a família em sua casa em Nova Orleans e, como é terça-feira de Carnaval exige que cada um ponha uma máscara que represente o posto daquilo que julga ser a sua personalidade.

A meia-noite, Jason morre e quando cada um dos herdeiros retira a máscara fica apavorado com a modificação sofrida...

Realizador: Abner Biberman

20.30 - Uma Família às Direitas

90º Episódio: - O irascível Archie tem de conseguir um verdadeiro milagre: ficar calmo durante o fim-de-semana para que a sua pressão arterial

esteja baixa na altura de um teste de que depende a manutenção do seu emprego.

21.00 - Jornal das Nove

21.35 - Cinema Dois

«Andrei Rubliov»: - Rússia, século xv. Andrei Rubliov é um pintor de ícones inspirado. Mas a sua actividade é condicionada pelo reino de horror que os tártaros impõem à sua terra. Com o seu mestre Kiril, Rubliov vai viver um conjunto de experiências que o levam a reflectir sobre o sentido da sua actividade e a sua relação com Deus.

Interpretes: Anatoli Solonitzine, Ivan Lapikov, Nikolai Sergueiev, Irma Raouche, Nicolai Bourliaiev.

Realizador: Andrei Tarkovski

AMANHÃ

RTP-1

18.02 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Palavras Cruzadas
21.00 - Lotação Esgotada
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Concerto

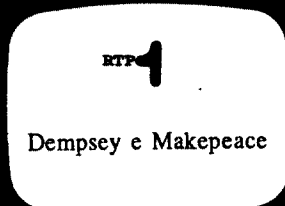


AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...



GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

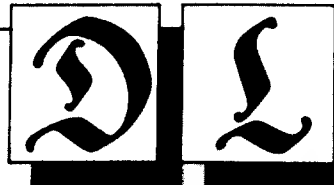
Rua Bolívar, 100 - 1.ª Etapa - 1700-015 LISBOA
Tel. 4197170



«Palavras Cruzadas»



PORTE
PAGO



Fundador **Josquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: **RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.**
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 / 2; 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço de noite (depois das 21): Portel: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico: **DISOA** — Telex: 12 383 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: **INTERPRESS** Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira: 40000

DEPÓSITO LEGAL: 1428/82

Director **A. Ruela Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Uma lista de «consenso» encabeçada por Carvalho Afonso foi eleita por maioria absoluta para os órgãos de gestão da concessão de Faro do Partido Socialista, segundo informou hoje o gabinete de Imprensa da Federação Regional do PS. A lista inclui, ainda, os nomes de Correia Martins, Paulo Amorim, Carlos Alberto, José Faísca, Álvaro Correia e Fernando Sanches.



Carlos Pimenta antevê

“nova” Costa do Estoril

“Daqui a dez anos pode-se tomar banho à vontade”

Continuação da pág. 1

Desta verba, a concessão de jogo «entra» com dois milhões e meio, soma idêntica será a de um empréstimo do Banco Europeu de Investimentos, «dos quais 1,2 milhões poderão chegar já em Julho», enquanto que o restante será garantido através do Orçamento de Estado.

«Na sexta-feira passada, os ministros das Finanças e do Plano assinaram a constituição de uma equipa para o projecto do saneamento básico da Costa do Estoril, equipa que vai ser liderada pelo engenheiro Rui de Carvalho», revelou o responsável pela secretaria de Estado do Ambiente.

Referindo-se à limpeza do Tejo, Carlos Pimenta adiantou a existência de quatro zonas de intervenção. Uma no Trancão, envolvendo os concelhos de Loures e Vila Franca de Xira, «para a qual a Câmara Municipal de Loures já tem um projecto feito que custa mais de três milhões de contos», outra no miolo de Lisboa, a cargo da Câmara da capital, e cujo projecto está numa fase de discussão entre a edilidade e a secretaria de Estado que «está a introduzir correcções, nomeadamente nas taxas de cloragem e recuperação de lamas», uma em Algés e, finalmente, outra na Costa do Estoril.

Em relação a estas duas últimas, a compreendida entre Alcântara e Algés, é uma zona ainda sem projecto, e a da Costa do Sol já está definida através de um conjunto de três empreendimentos que irão permitir a limpeza das águas e a possibilidade de reanimação das praias: o túnel do Jamor, que correrá subterrânea e paralelamente à Estrada Marginal, a estação de tratamento da Guia e, por fim, o emissário submarino, «o maior emissário submarino construído no Mundo nos últimos dez anos», numa obra de engenharia que tem interessado reputados construtores internacionais.

Paralelamente, Carlos Pimenta anunciou a constituição de uma foz artificial para a Ribeira das Vinhas, ponto nevrálgico das cheias do concelho de Cascais, referindo «que em 1986 foram gastos 100 mil contos na limpeza das ribeiras».

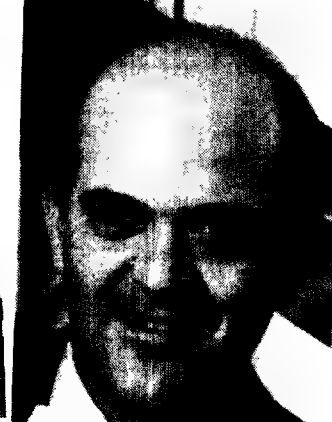
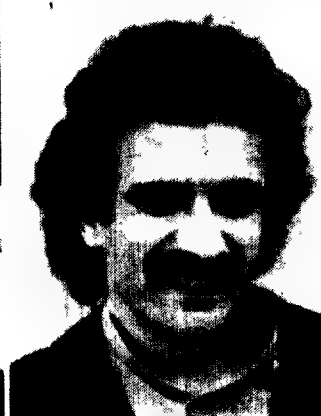
Ria Formosa e Caparica: demolições vão continuar

Respondendo a uma questão colocada pelo «DL», o secretário de Estado do Ambiente admitiu que as obras referentes à despoluição do Alviela, em Alcanena, «têm um atraso de cerca de dois meses», sublinhando que o trabalho teve que ser desenvolvido sem instrumentos legais, «porque só ontem o Presidente da República promulgou a Lei de Bases do Ambiente».

No entanto, numa área onde se concentram 70 por cento das empresas de cortumes do país, já deram entrada 85 projectos, correspondentes a 90 por cento dos agentes poluidores, e «vamos assinar com os industriais, enquanto constituídos numa Associação, um protocolo de transferência do sistema de gestão».

Sobre o pedido de prorrogação das demolições formulado pelos ocupantes da Ria Formosa e da Praia do Rei, Carlos Pimenta adiantou que «não há, nem pode haver prorrogação dos prazos» pois tratam-se de zonas extremamente sensíveis. Ilustrando a sensibilidade daquelas áreas, o secretário de Estado do Ambiente referiu que se trata de um problema de segurança física, bem patente no último temporal, ocorrido na passada semana, quando o mar entrou pela ilha de Faro.

D/E/C/A/R/A/S/



MENDES DE CARVALHO e o seu teatro são o tema de uma conferência que Elsa Rodrigues dos Santos dará no próximo dia 31, pelas 18 e 30 horas na Sociedade de Língua Portuguesa. «A ironia e o drama na 10ª Turista», de Mendes de Carvalho é a peça em foco, da qual serão lidos textos por Mário Viegas e por alguns elementos do antigo Núcleo. A entrada é livre.

JOSE SARAMAGO, com o seu romance «O Ano da Morte de Ricardo Reis», foi um dos autores distinguidos com o prémio literário «Grinzane Cavour», instituído por diversas entidades da região de Turim. Com Saramago partilharam o prémio, na secção de narrativa estrangeira, Jean Levi («Il Grande Imperatore e I Suoi Automi») e Graham Swift («Il Paese Dell'Acqua»). Os vencedores na secção de narrativa italiana foram Franco Ferrucci («Il Mondo Creato»), Ermanno Olmi («Il Ragazzo Della Bovisa») e Nico Orengo («Dogana D'Amore»).

ADRIANO JORDÃO tocou segunda-feira pela primeira vez em Cabo Verde,

num recital promovido pela Fundação Gulbenkian e com a colaboração da Embaixada de Portugal. O recital, de 90 minutos, decorreu no Centro Cultural Português da Cidade da Praia, tendo o pianista português tocado obras de Bach, Liszt, Carlos Seixas, Schumann e Chopin. Além de vários embaixadores figuravam na assistência os ministros da Cultura, Informação e Desportos, Hopfer Almeida e o ministro adjunto do Plano, José Brito, além do secretário geral da Assembleia Nacional Popular, Abílio Duarte.

SIMONE, a cantora brasileira, vai aparecer no XXVII Festival de Programas de Televisão «Rosa de Ouro», através do programa que José Nuno Martins realizou aquando dos seus concertos em Portugal, e com o qual concorre ao Festival representando a RTP. O certame, que decorre de 9 a 16 de Maio na cidade suíça de Montreux, conta com a participação de mais de mil especialistas e é organizado pela Sociedade suíça de Radiodifusão e Televisão.

JANITA SALOMÉ é o artista que na próxima quinta-feira abrilhanta as «Loucas

Tranquilas» no Jardim/Cinema Loucuras. A frente da Orquestra da Felicidade do Brilhão e da Glória, o cantor alentejano faz «um percurso da frente para trás», como ele definiu o espectáculo, começando a actuação com duas canções da sua autoria «Poema» e «Não é Fácil o Amor». Depois virão as canções do seu tempo de vocalista de grupos de baile no Alentejo: «Strangers in the Night», «Sabor a Mi», «Non So Degno di Ti», «Morena» e «Campanera».

WILLIAM CASEY, ex-director da CIA, que em Dezembro foi operado a um tumor canceroso no cérebro, está a ser alimentado através de um tubo e a receber tratamento anti-cancro — informou um comunicado hospitalar divulgado ontem. Casey, 73 anos, encontra-se em situação estacionária, depois de ter dado entrada no vamen-te no hospital na sexta-feira para uma «reapreciação» do seu estado — de acordo com o comunicado do Hospital Georgetown. No mesmo dia, foi anestesiado para introdução de um tubo até ao estômago, através do qual é alimentado, e para colocação de um cateter na veia para quimioterapia.

Porteiro do S. João

absolvido

de ofensas à PJ

Júlio Regadas

voltou à mesa

de operações

Júlio Regadas, cujo mandado de captura e consequente prisão foi suspensa a semana passada pelo juiz instrutor do processo relacionado com a alegada corrupção na Polícia Judiciária do Porto, foi ontem submetido de urgência a nova intervenção cirúrgica, realizada pelo prof. dr. Celso Cruz, durante a qual lhe terá sido removido totalmente o tumor maligno de que se afirma padecer.

Recorde-se que o antigo réu no processo da rede bombista, em que eram igualmente arguidos, entre outros, Mota Freitas e Ramiro Moreira, deu entrada no passado dia 8 no Hospital de S. João, em estado de inconsciência. Submetido a uma tomografia axial computadorizada, foi-lhe ao que consta nos círculos médicos daquele estabelecimento, detectado um tumor no cérebro, que seria parcialmente removido numa primeira intervenção cirúrgica.

Aconteceu que, na passada quarta-feira, ao ser-lhe feita nova tomografia ser-lhe-iam detectados apêndices do tumor que obrigaram à operação ontem realizada.

Entretanto, no Tribunal de Polícia do Porto foi ontem absolvido o porteiro do Hospital de S. João, Norberto Teixeira, que era acusado de desobediência, ofensas corporais e danos a um inspector e a um agente da PJ, que, no dia 8, procuravam entrar no Serviço de Urgência daquele hospital, a fim de darem ordem de prisão a Júlio Regadas. De referir que Norberto Teixeira, agora absolvido, já apresentou queixa contra os dois homens da PJ (inspector Reis Martins e João Alves), acusando-os de agressão.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44. 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.



Dulce Maia

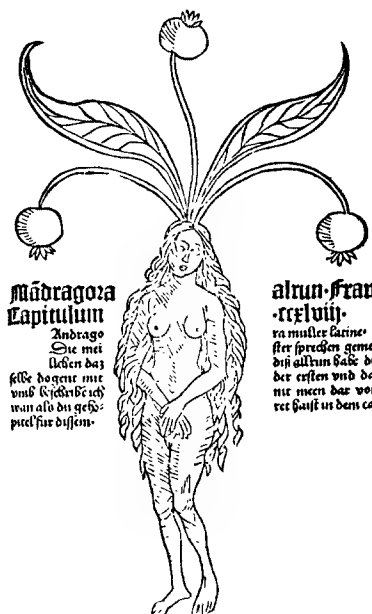
por Daniel Reis
Pág. 8



João Perry

por Manuel Cintra
Pág. 2

Monstros



por Chaké Matossian
Pág. 3

Visto em Paris

O engenheiro de Quimper e as suas telas

DE onde vêm estes quadros? De um legado deixado por um engenheiro bretão, aluno, em 1804, da então recém-aberta Escola Politécnica de Paris, que reunira sem publicidade estampas (mais de sete mil) e telas (mais de mil); doou-as ao morrer (1864) apenas pedindo à cidade que dispusesse tal espólio num lugar conveniente, «perto do edifício da câmara».

O conde Jean-Marie de Silguy tinha, portanto, um sentido cívico perfeito. Quimper não tinha museu; fez-se um; foi inaugurado em 1872, depois da guerra. Dons interessantes acrescentaram-se, em 1894, ao fundo Silguy. E tudo adormeceu debaixo daqueles telhados. O despertar vem de dar-se: o museu enriqueceu-se recentemente com algumas compras brilhantes: a *Lição de Leitura*, curioso quadro de Grebber de cerca de 1630 (feito em Haarlem) e *A Caridade*, uma alegoria vestida de seda e veludo, de um mestre de Utrecht. Melhorado assim o lote, uma delegação de pequenos mestres do século XVII passou d Odet ao Sena.

É preciso voltar ao Inverno de 1970-71, quando se pôde ver no Petit Palais um panorama bastante impressionante de quadros holandeses, «bataves», como dizia o catálogo de J. Vergnet-Ruiz, vindos das coleções públicas francesas. Foi uma redescoberta ue obrigou a que nos interrogássemos sobre a entrada de tantas telas nórdicas em casas de príncipes e burgueses.

Em mais de duzentas telas, uma ou duas de Quimper, figuravam discretamente, e entre elas *Os Frutos de Suriname*, sobre fund negro, de um especialista de exotismos que trabalhava em Amesterdão. Desde o século XVII, portanto, que se admiravam com prazer estas cenas de género familiar, estas paisagens tufosas, e essas figuras dolorosas de que Rembrandt tinha criado o modelo.

A sua chave é bem conhecida: quando se estava farto do «grande gosto» e das nobres formas italianas, reemergiam os tradicionais campeões da pintura directa, irregular e forte, com os seus géneros ditos menores e com os seus pequenos mestres. Era preciso medir-lhes o alcance e activar o seu inventário: ter-se limpo a poeira a Quimper é disto o resultado.

Mas o fenómeno Silguy ndepende directamente da evolução do «gosto». Este engenheiro nada tinha, ao que parece, de um grande amador metódico: comprava um pouco de tudo o que vinha à rede, se possível a baixo preço, e sobretudo nas vendas públicas que, no século XIX, eram cada vez mais numerosas. Sabe-se isto porque Silguy conservava os catálogos dessas vendas: na sua biblioteca havia 400 respeitantes aos anos entre 1846 e 1853, quando ele se encontrava em Paris, no incrível turbilhão criado pelo comércio das pinturas.

Um contemporâneo de Silguy, Louis Lacaze, um pouco pintor e um pouco médico, teve meios para adquirir, com uma multidão de excepcionais óleos franceses, uma *Betsabeia* de Rembrandt e a *Gigana* de Franz Hals. Ora, o nosso engenheiro não é Lacaze. De família, herdara duas cenas alegres e decorativas de Caulery (que se julgava serem de Francken); e a elas ele juntou flores e retratos.

Teve sorte com os flamengos: uma *Mater Dolorosa* de Jordaens, fragmento comprado em 1846 como Van Dyck, um soberbo estudo de Rubens, espantoso *modello* para uma decoração da Igreja dos Jesuítas de Antuérpia (o que se soube bem mais tarde, naturalmente...), *A Primeira Família no Eden*, por Cornelis de Haarlem, apresentada como dois nus enormes...

Nunca conheceremos as razões detas escolhas: eram «ocasiões», sem dúvida. Mas o clima da época, onde triunfa o bricabaque, encontramo-lo nos romances, nas correspondências, segundo a excelente reconstituição dada por F. Haskell.

A presença de meia-dúzia de paisagens levanta uma grande questão. No admirável capítulo IX dos *Mestres de Outrora* (Maîtres d'Autrefois), que conta, a traços largos, a evolução da pintura de paisagens no século XIX, e mais exactamente de 1825 a 1855, Fromentin sublinha o enorme prestígio dos Ostade, Ruysdael e Van de Velde. E tem esta fórmula feliz: «A Holanda, deste vez, tinha com quem falar.»

Na colecção Silguy, uma *Vista de Haia*, de um émulo de Van Goyen, ilustra bem (apesar de um primeiro plano

repintado) o efeito de espaço luminoso que se procurava em Barbizon; o pequeno canto de floresta, atribuído a Keirincx, mostra uma árvore gigante, como se ia ver a casa de Th. Rousseau. O coleccionador obedece, sem o saber, ou talvez mesmo conscientemente, a uma impulsão do gosto que move quer pintores quer amadores de pintura. Outro exemplo: uma paisagem que consiste numa grande ondulação pode ser aproximada de cenas vazias e fortes de Georges Michel, o paisagista de Montmartre (que morreu esquecido em 1843). Na sua secção moderna francesa, Silguy nada tem dele; mas em contrapartida tem um Valenciennes, um Corot célebres.

Assim, temos com que nos instruir de vários lados. Mas o mais cruel ainda está por dizer: em todas estas efervescências do coleccionismo, a crítica acabou dse se «afinar». Forjou-se uma disciplina e tornámo-nos capazes de corrigir as atribuições ingénuas como são as do politécnico, demasiado dócil diante das etiquetas mais interessantes das vendas públicas.

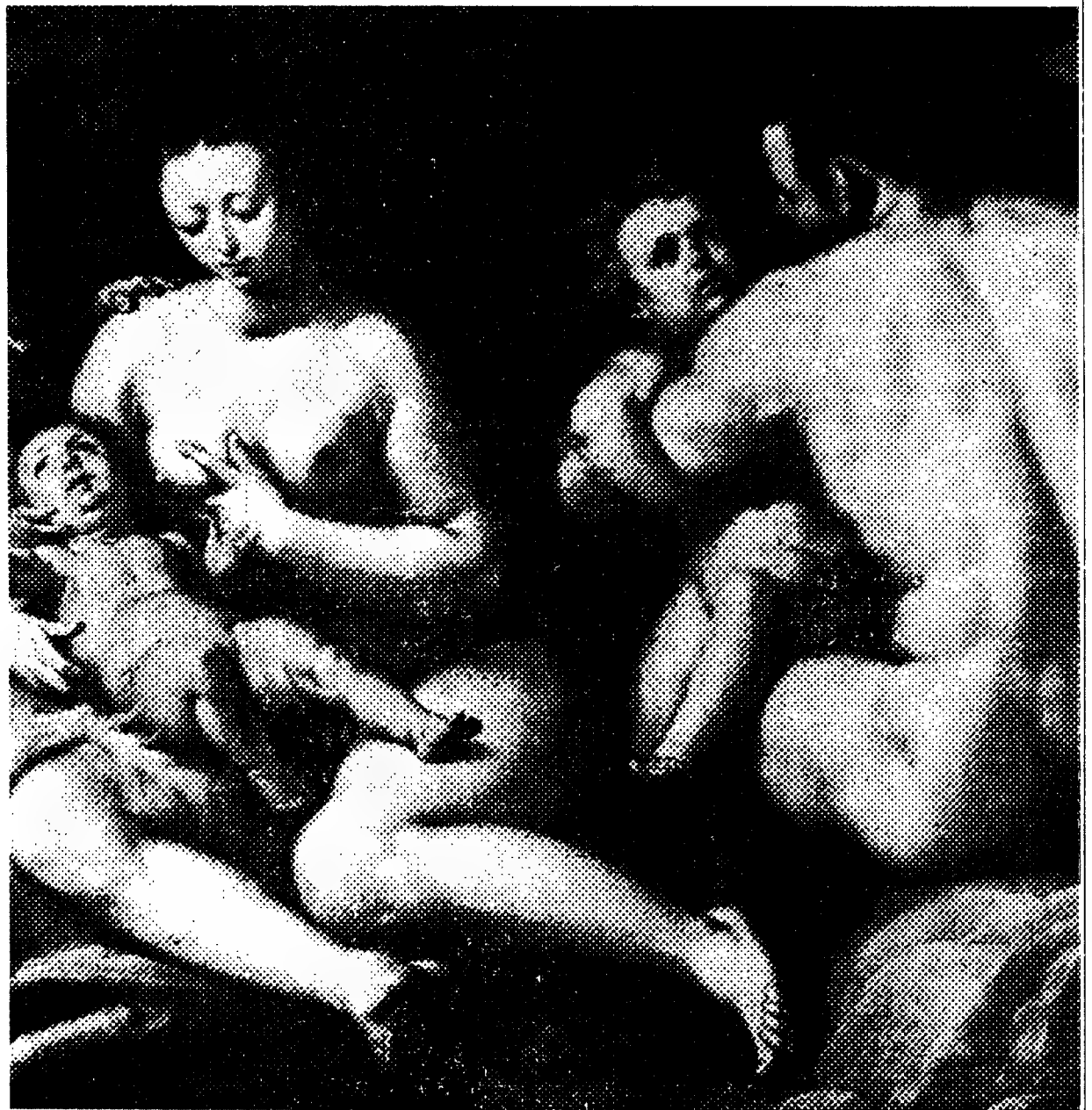
Vernet Ruiz não teve razão em assinalar Silguy como «um verdadeiro amador e não um coleccionador sistemático».

Infelizmente, o controlo operado pela Inspeção dos Museus da França, com o conservador André Cariou, estabeleceu um quadro de concordância entre o catálogo primitivo (1873) e as conclusões actuais, tão tempestuosas que qualquer amador tem interesse em as consultar, e em meditar nelas.

Os nomes de Brueghel de Velours, de Philippe de Champaigne, desapareceram naturalmente das etiquetas: a *Cena Rústica*, «fauve» e cinzenta, que se atribuiu a van Goyen, é afinal de Pieter Molijn, etc. Toda a gente estava enganada. Basta pensar nesse pobre e maravilhoso Balzac que, em 1846, comprava telas assinadas por grandes nomes para mobilar o lugar sumptuoso destinado a acolher a «Estrangeira»... tivesse ele entendido a mania e as ilusões do engenheiro bretão, e teria construído, a partir dele, um dos seus personagens. É, com um pouco de imaginação, também nós o teríamos feito. É que, no seu espólio, nove em cada dez telas de «grandes nomes» apagam-se perante um nome mais pequeno...

André Chastel

Exposição no Instituto Neerlandês de Paris, Rua de Lille 121, até 26 de Abril.



«A família primitiva» de Cornelis de Haarlem, 1589

Retratos no Teatro

João Perry

por Manuel Cintra

PARA o João Perry, a proximidade com o mundo do teatro começou muito cedo. O pai era actor, chamava-se igualmente João Perry e levava-o muitas vezes consigo desde pequeno para o teatro, onde passava muitas horas rodeado de toda aquela magia. Isso nessa altura era para ele o maior divertimento, preferia-o a qualquer outro. Tanto tempo passou no teatro e rodeado de teatro que lhe ficou uma sensação de que perdia um pouco a noção da fronteira entre o que era realidade e o que era fantasia. Lembra-se, em especial, de uma deixa numa peça em que todas as noites, a dada hora, alguém era mandado para a cama. E ele pensava que a coisa lhe dizia respeito, que eram horas de se ir deitar. Passou assim uma infância em que as relações que criava eram praticamente com adultos apenas, não tendo irmãos e relacionando-se pouco com crianças da sua idade.

...O facto de eu ir para o teatro com o meu pai não quer dizer que eu fosse ver as peças. O que me agradava era estar nos camarins, ver as pessoas vestirem-se e pintarem-se, receber os afectos dos colegas do meu pai, as prendas que me davam, as conversas e brincadeiras que tinham comigo...

No entanto, nunca lhe passou pela cabeça, nessa altura, ser actor. Não queria entrar nas pequenas réclames de escola que então se faziam ou nas festas que se organizavam. Pelo contrário. Era bastante tímido e não sentia desejo nenhum de se mostrar dessa maneira. Diz que ainda hoje o é, mas que acabou, com o tempo, por aprender a dominar isso. O mundo do espectáculo atraía-o continuamente. Ia muito ao teatro e ao cinema, via muitas vezes o mesmo filme, quando um filme lhe agradava nunca o queria ver uma vez só. Roubava dinheiro em casa para ir ao cinema. Precisava de se introduzir num outro mundo, numa realidade paralela, num mundo de fantasia. E mentia muito. Tudo lhe servia para contar mentiras, criar ficções em torno do que captava. Talvez agredido pelo núcleo familiar, tinha necessidade, do fundo da sua solidão, de chamar a toda a hora a atenção sobre si, fazer com que o sobrevalorizassem, com que o achassem um caso à parte.

Foi quando o João Perry tinha doze anos que o Teatro Nacional, então dirigido pela D. Amélia Rey-Colaço e Robles Monteiro, o chamou. Convidaram-no a entrar na peça «Rapaziada» do autor espanhol Iriarte. Foi assim que se estreou no teatro, numa encenação de Robles Monteiro, ao lado de Amélia Rey-Colaço, Gina Santos, Helena Félix, Raul de Carvalho...

— Não aceitei imediatamente. Depois de me chamarem fui motivado pela minha mãe, que achava graça eu ir fazer teatro, tal como o meu pai. Mas isso nunca foi visto, pensando que eu ia ficar na profissão. Era uma coisa que eu ia fazer naquela altura porque como eu gostava tanto de ver espectáculos, talvez fosse uma maneira de me divertir e fazer uma coisa que me agradasse, mas na altura isso assustava-me mais do que me cativava.

Mas quando o espectáculo estreou, deu-se uma mudança importante. Ele que tinha visto tantos espectáculos, não fazia ideia do que era aquela sensação do prazer da exibi-

No fundo há, para muitos actores, uma grande dose de solidão. Não é nenhuma fatalidade, será um dado comum ao temperamento de muitos deles, é mesmo assim. A sensação que me fica desta conversa com o João Perry é a de um homem bastante só, dentro de um quarto com quatro paredes que serão talvez cada uma uma porta para um labirinto onde raramente se entra. Nas paredes, quadros escolhidos minuciosamente, que foram muitas vezes substituídos por outros e que o continuarão a ser.



ção, estar debaixo das luzes sem ver o que se passava do lado de lá, numa intimidade fictícia em que se podia exibir sem ver quem o via. Isso foi uma surpresa, deu-lhe imenso prazer, foi uma descoberta muito importante. Não terá talvez ficado logo com a certeza que queria entrar para aquela profissão, mas de qualquer maneira as coisas mudaram muito na sua maneira de ver. Daí em diante

continuou regularmente a entrar em peças de teatro, tendo então que se debater com um problema do qual demorou muito tempo a desprender-se: a imagem do pai, o facto de ser sempre considerado como «filho de...» O pai, que tinha morrido quando ele tinha nove anos, e que era uma imagem para com a qual não tinha nem uma ligação de afecto especial nem especial animosidade.

Mas que tinha precisamente o mesmo nome.

Entretanto foi participando, nos anos seguintes, tanto no Teatro Nacional como em teatro infantil, no Teatro de Gerifalto, por exemplo, e também na rádio. Mas acha que o que determinou que ficasse no teatro foi a sua participação, aos 18 anos, no Romeu e Julieta, no Teatro Nacional, em que as críticas ao seu trabalho foram péssimas. A encenação era de Luca de Tena, com quem tinha gostado imenso de trabalhar, e o facto de as críticas serem negativas deu-lhe necessidade de continuar, tentando ultrapassar essa situação.

O tempo foi passando, as experiências foram-se sucedendo e hoje o João trabalha tanto no teatro como no cinema, como em dobragens para a televisão, que faz regularmente e são para ele, além de um meio de subsistência importante que lhe permite ter uma certa hipótese de escolha nos trabalhos que aceita fazer, são também uma coisa importante, que ele acha um bom treino para um actor e um meio de aprender muito sobre os mecanismos internos do cinema.

Nas paredes da sua casa reparo que há muitos quadros de pintores amigos, e nas estantes muitos livros sobre arte. Diz-me que se não tivesse sido o teatro, teria sido a pintura, a escultura ou a arquitectura, que foram as outras coisas que sempre olhou com maior respeito, que sempre o atraíram mais. Mas que por muito difícil e inseguro que seja ser actor em Portugal, nunca lhe têm propriamente surgido dúvidas a esse respeito. Vai nascendo uma maior prudência na escolha daquilo que faz, embora isso não queira dizer obrigatoriamente que essa escolha foi a melhor. Tem optado por coisas de que se vem a arrepender, mas tenta saber porquê.

Tem optado, nestes últimos anos, no teatro, por fazer menos coisas, mas mais ponderadamente, tentando pensar mais maduramente nas escolhas que faz. Isso não quer dizer que, no que se refere à quantidade, vá ser sempre assim. Tendo estreado há pouco a peça ANATOL, de Schnitzler, no Teatro Nacional, vai igualmente entrar no espectáculo seguinte daquela companhia, uma peça de Valle-Inclán. Por outro lado, isso também não quer dizer que vá integrar o elenco daquela companhia. Tudo depende do trabalho que lhe for de facto proposto fazer.

A origem do facto de ter começado a fazer menos quantidade de espectáculos está em que com o tempo o erro, o erro declarado, lhe foi cada vez mais difícil de suportar. Quando fazia mais espectáculos, tinha que se debater com uma maior hipótese de erro, obviamente. Mas diz que agora talvez isso torne a acontecer.

É mais raro gostar de se ver em cinema. Acha que, no estrangeiro, é corrente os actores com experiência comparável já terem tido muito mais experiência no cinema e, portanto, contacto com muitos realizadores, aprendendo a detectar o que um realizador pretende. Ora como num filme a existência do realizador determina tudo ou quase

tudo, é muito importante a reacção que se cria entre o actor e o realizador, e a capacidade ou não do actor de discernir onde o realizador pretende chegar, sendo eles pessoas tão diversificadas na sua maneira de ser. No entanto, refere que nos trabalhos recentes em cinema, gostou especialmente de trabalhar com Vítor Gonçalves e também com Cristina Hauser, sobretudo no primeiro filme que fez com ela, «Junqueira».

No que diz respeito ao seu trabalho no palco, tudo gira em torno de uma procura interna. Nesse aspecto sente-se bastante individualista. Não que se esqueça dos outros, mas há um desejo de aperfeiçoamento que gira em torno de si mesmo.

— Se eu me sentir confortável e se a crítica for negativa em relação ao conforto que eu sinto eu posso indagar o que é que refere essa crítica. Mas quando isso acontece, tenho a impressão que fico sempre na coerência do que sinto e desligo-me um pouco da pessoa que me julga.

Teve também duas experiências de encenação: uma nos Estados Unidos em que, na sequência de um «workshop» que frequentou, constituiu em seguida um trabalho de montagem de textos de Fernando Pessoa, da sua autoria, com o título «Palavras Roubadas», em 1970. Outra, logo após o 25 de Abril, no Teatro Villaret, uma farsa com carácter de crítica social, que se passava numa pretensa escola que representava o País, com uma professora ditatorial, interpretada por Rogério Vieira (em «travesti»), com quem muito gostou de trabalhar, e cinco pretensos alunos, simbolizando outras tantas camadas sociais. Este espectáculo teve texto da sua autoria. Qualquer destas encenações lhe trouxe muita satisfação e gostaria de tornar a trabalhar nesse campo. Mas isso levanta novos problemas. No Verão passado esteve a trabalhar na preparação da montagem de um espectáculo do qual será, se vier a concretizar-se, encenador. Só no trabalho de uma primeira versão da tradução esteve vinte dias a trabalhar com a Susana Borges, isto doze horas por dia. Ora, actualmente, não se tem a certeza que esse espectáculo se virá a realizar, não havendo respostas em relação a todos os apoios necessários. Para o João Perry, este tipo de trabalho foi um luxo a que não se pode dar muitas vezes, por razões de subsistência. Seja como for, nesse campo, aquilo que mais lhe agrada é a direcção de actores, em que acha o nosso país muito carente. Sente que, sendo actor, talvez possua algumas chaves que o ajudassem a dirigir os outros.

Fica-me uma certa frustração, desta conversa. Este homem que me conta ter aprendido a dominar o quotidiano, a tornar-se rigoroso, a ritualizar a sua vida em pormenor, a não se entregar demasiado à paixão, dá-me também a sensação de fazer isso tudo quando fala. De dominar, conter, esconder qualquer coisa. Também ali estar a «mentir», essa arte de mentir que sempre o atraiu. Por isso, acho que aqui posso deixar um convite a todos que o puderem ir ver em «Anatol». A outra metade do que aqui foi dito estará certamente lá. Será decerto nessa mentira que o João mostrará a parte mais magnífica e intensa das suas verdades.



Monstros XIV

Chaké Matossian

O vazio de Pascal

Pascal terá compreendido que, se o vazio provoca um «horror», é porque pertence ao mundo simbólico e participa também dos fantasmas do homem, fantasmas de sufocação, angústias ou vertigens. Estudar esse espaço monstruoso que é o vazio e provar a sua existência, acaba portanto por ser analisar igualmente os fantasmas e as condutas dos homens.

Já Descartes estava consciente da projecção dos fantasmas humanos neste espaço particular, projecção de que denuncia apenas o absurdo sem o analisar visto que, para ele, a existência do vazio é impossível.

O capítulo IV do *Mundo* dá-se à refutação de todas as experiências sobre o vazio, para mostrar a confusão entre «vazio» e «ar», e para provar que todo o espaço é composto de «matéria». Assim, a experiência do tonel de vinho servirá para refutar tanto a opinião que atribui à natureza paixões humanas (como o temor), como a ciência que pretende provar o vazio: «quando o vinho contido num tonel não corre pela abertura de baixo, por estar completamente fechado o seu cimo, dir-se-á impropriamente, como é uso fazer, que isso é devido ao temor do vazio. Sabemos bem que esse vinho não espírito para temer seja o que for, e se o

tivesse, não sei em que ocasião apreenderia esse vazio que não passa, de facto, de quimera».

Quimera que Descartes tem no entanto em conta no quotidiano, ao nível da sua correspondência que por vezes o embaraça, pelo facto de, mesmo se nada tem a dizer, não poder enviar esse «nada», a folha branca, imagem do vazio: «entretive-me a escrever-lhe tudo isto sem necessidade, apenas a fim de encher a minha carta, para não lhe enviar um papel vazio» (1).

Pascal, como Descartes, opõe-se à opinião e à instrução que se apoia nas impressões dos sentidos, mas para provar, ao contrário de Descartes, que o vazio existe. Ele é portanto o primeiro a repetir em França as experiências de Torricelli em Florença. Consagra-lhes bastante tempo, energia e dinheiro, e executa-as com a ajuda de tubos, seringas, sifões e líquidos diversos (água, óleo, vinho, ar, argênteo). Tendo terminado estas minuciosas

experiências, Pascal conclui prudentemente: «Depois de ter demonstrado que nenhuma destas matérias que caem sob a alçada dos nossos sentidos, e de que temos conhecimento, enche esse espaço vazio em aparência, o meu sentimento será, até que me tenham mostrado a existência de alguma matéria que o preencha, que ele está verdadeiramente vazio, e substituído de qualquer matéria» (2). Não há portanto, para Pascal, «horror do vazio», mas antes peso e pressão do ar, e esta descoberta incita vários comentadores a celebrarem o génio pascaliano enquanto outros, curiosamente, querem banalizá-lo, não vendo ali senão clareza de espírito.

A. Koyré, por exemplo, minimiza o génio de Pascal, declarando, que o seu trabalho é comparável «a Desargues, com mais clareza e sistematização...», ou ainda que «é na engenhosidade das suas descobertas, na clareza das suas

formulações, e não na invenção de princípios novos, que se mostra o génio de Pascal» (3).

Levando ainda mais longe a redução do génio pascaliano, Koyré acaba pondo em dúvida as próprias experiências, recordando-nos as experiências fictícias tão correntes no século XVIII: «a literatura científica do século XVIII está cheia destas experiências fictícias e poder-se-ia escrever um livro muito instrutivo sobre o papel, na ciência, das experiências não-feitas, e até impossíveis de fazer». Sem ousar garantir que as de Pascal pertencem a este número (embora o seu pensamento esteja em admiti-las fictícias, visto que «tubos de quarenta e seis pés... são bem difíceis de fabricar, mesmo hoje»), Koyré crê poder afirmar «que ele (Pascal) não no-las descreveu tal como as fez, nem nos expôs o seu resultado tal como eles se desenvolveram a seus olhos. Ele escondeu-nos, com toda a certeza, qualquer

coisa».

Para reabilitar o génio pascaliano, bastaria, por exemplo, retomar o «manuscrito de Durand» de 1676, que nos fala «das belas experiências que ele (Pascal) fez sobre o vazio na cidade de Rouen». Mas o que permanece importante é que Pascal tratou do problema do vazio, encarnçando-se nele, provando a existência desse espaço estranho e sublinhando ao mesmo tempo o seu poder fantasmático, como provam as reacções angustiadas de certos contemporâneos, entre eles o Padre Noël, cujos argumentos nos mostrarão toda a monstruosidade desse espaço intermediário.

Notas

- (1) Descartes, *Le Monde*, cap. IV, e *Lettre au P. Mersenne*, 10 de Maio de 1632.
- (2) Pascal, *Expériences nouvelles touchant le vide*.
- (3) Koyré, A., *Pascal savant*, in, *Blaise Pascal, l'homme et l'oeuvre*, Paris 1956.

Fotografia 11 — Figuras do Espanto Retardamentos do ver

FOX Talbot não se enganara, ele que reconheceria imediatamente nas imagens proporcionadas pelas «camera obscurae» uma «via real para o desenho»; porém, e contrariamente aos esboços obtidos pela mão do homem, a estranheza destas imagens carregadas dos inúmeros detalhes que nenhuma mão se maçaria a reproduzir desde logo o obrigou, também, a deixar bem marcado o seu espanto. Nesses tempos, face a essas impressões obtidas pela força do Sol era toda a elite culta do século que se lançava no afã de espantar-se, que se obstinava e entregar-se a uma estranha **intemperança do ver** que, por momentos, se deu como uma involuntária sedição do saber no interior da própria vontade de saber.

Não seria possível insistir demasiado na importância do detalhe nas fotografias do século XIX (século onde, por outro lado, «todo o detalhe conta») porque, nesses primeiros tempos, elas constituíram e foram percebidos como uma multidão pululante de sentidos capazes, a cada momento, de **divertirem** o olho do observador do sentido intencionalizado quando da feita da imagem. Como já tivemos ocasião de referir, ver uma fotografia correspondia então ao encontro (mais do que ao reencontro) com uma totalidade desconhecida enquanto tal, de cujo conteúdo ninguém podia estar inteiramente certo: nesse sentido, mais do que retorno do visto, a fotografia era então brutalmente experimentada como a apresentação, sobrecarregada de detalhes, do que no visível permanecera não-visto. Detalhes. Pequenas insignifiâncias, minúsculos nadas particulares face aos quais os olhares se detinham e se interrogavam mas, também, por vezes, e perdiam para dificilmente se voltarem a encontrar, a custo, como que tendo eles mesmos que recontratar penosamente a saída para o tempo que era, então, o seu.

Imagens em que tudo se passava como se a grande via do sentido fosse constan-

temente ameaçada pelos inúmeros caminhos deixados em aberto para o exercício nem sempre sensato de um olhar que se perde, «correlato movente», no olho, de toda uma **suculência do minúsculo** que a cada momento o excede e o desafia: recepção dilatada em que a própria sensação (aisthêsis) se converte — sensivelmente, é claro — em atraso, demora, detenção ou retardamento (hystérésis). Retardamento que vem caracterizar-se, aqui, por uma espécie de **aporia da falta** que parasita do interior o acto mesmo do ver e que, no limite, vai ameaçá-lo de sucumbir a uma inapetível irresolução, atribulação indefinida de um olhar incapaz de atingir uma plenitude de saber, obrigado a vacilar entre o sentido global que esconde necessariamente para ser sentido, e uma

plétora de sentidos diminutos que, para poderem tornar-se visíveis, fazem explodir a representação — como totalidade ordenada — numa multidão de pequenos trajectos, de sequências imprevisíveis. Pois da frequentação dessas imagens, o quemas inequivocamente poderia resultar? Para além de qualquer certeza, muito mais do que qualquer crença, **a sensação irreprimível de uma falta**, e isto pelo menos em dois sentidos: primeiro, porque qualquer «sentido forte», intencionalizado pelo fotógrafo (ainda que se pudesse ler sem dificuldades a partir desses «lineamentos» aparentes que o grão, escondendo-se, apresenta à vista), era aí incessantemente desvelado como precário e frágil, construção inteligível onde proliferam cancerosamente as marcas mais

disparas da diversidade que constitui o sensível: a tal ponto que a transparência fotográfica, enquanto janela aberta sobre a inteligibilidade reconhecível do Mundo, não poderia ser experimentada então em detrimento dessa riqueza excessiva que a cada momento se furta à sua espiritualização apressada como sentido lido e reconhecido; segundo, e inversamente, porque toda essa multidão de detalhes, de exactidões do minúsculo que a foto se obstinava em restituir para além de qualquer projecto, se a

cada momento ameaçava devorar o sentido, não deixava de constituir aquela opacidade sensível que qualquer inteligibilidade deveria forçosamente aniquilar como diversidade para poder restituir, numa totalidade reencontrada, a

plenitude unitária de um sentido. Daí que, face à insistência, no interior da fotografia, desta ameaça de fragmentariedade que constitui a profusão do detalhe, uma relação singular venha ligar a imposição de um sentido pleno — enquanto imposição de uma identidade finita e definida — ao acto de dar a morte, ao assassinato: trata-se, em ambos os casos, de determinar aquilo que até então estivera indeterminado, de fixar, para além de qualquer movência possível, a contingência indizível de um existente na eficácia dizível de um «isto (assim) foi». Daí, ainda, para o reconhecimento de um «sentido forte» numa fotografia (corroborado por uma referência não menos forte), o seu estatuto dúbio e duplice de engodo ou, se o preferirmos, daquilo que, mimando a vida, é morte e portador de morte.

Sabemos bem que o século XIX foi célebre na degustação desse engodo, e que ao fascínio indizível deste extravio pelo detalhe cedo veio a substituir-se uma aceitação morna dos poderes fotográficos de restituição do «verdadeiro da natureza»: nada disso impede, no entanto, que essas primeiras imagens tenham podido constituir-se como o objecto de um fascínio do minúsculo que, ao impedir ou ao dificultar uma restituição totalizada dos aspectos, fez vacilar — ainda que por momentos — a importância atribuída à imitação fotográfica enquanto restituição de um já-visto. Sobre este ponto, porém, devemos entender-nos: pois tal vacilação não constituiu o resultado nu de uma deriva para o irreconhecível, ou de um afogar-se no indiscernível, mas antes o efeito cumulativo de uma receptividade acrescida em relação às possibilidades consuetas da visão humana, de uma autêntica **desmesura da retenção** capaz de fazer do «mais moral dos sentidos» os movimentos de um órgão irresoluto, entregue a uma espécie de **devassidão do ver**.

Pedro Miguel Frade



Fotografia publicada em G. Buckland, Fox Talbot and the invention of Photography com a indicação: «A vassoura (título não confirmado)». Pergunta: e se fosse confirmado, o que é que isso poderia significar?

Os heróis estão cansados



«Nem lar, nem mulher, nem filho, nada. Projectos, zero. Um lugarejo onde se tenham eles, zero. Uma família para quem sejam importante, zero. Pessoas que te inspirem respeito, zero. Insultos a engolir, zero. Inimigos, zero. — Nenhum inimigo? — Vivo...» É a canção desses mal-amados do Oeste que são os aventureiros, os caçadores de prémios, os prebostes, os reguladores, os mercenários. Litania da solidão e do desespero que desfilam Chris, Vic e Lee, três dos sete mercenários que alguns aldeões mexicanos contrataram para defender a sua aldeia. Cansados, desiludidos, sem ilusões e sem futuro, sem passado e sem desejos, os anti-heróis dos *Sete Mercenários* (de John Sturges, 1960) representam o resultado derradeiro e levado à perfeição do longo caminho da cruz que o «western» empreendeu entre 1950 e 1960 para crucificar os seus deuses.

Vindo de parte nenhuma e não indo para parte nenhuma, Chris, o chefe, todo vestido de preto, olha a humanidade com um olhar céptico, por vezes temperado com um certo divertimento. Taciturno mas jogador, Vic, o segundo não tem vocação para o lugar de empregado de mercearia que lhe propõem, mas aspira secretamente a um lugar tranquilo, ao sol. Britt? Um psicótico contemplativo sempre pronto a responder a um desafio mortal. Bernardo? Um urso mal-humorado que esconde cuidadosamente um desejo de paternidade. Lee? Um matador nevrosado roído pelo medo e que, para o vencer, se

Por volta dos anos 50, o «western» crucificou os seus deuses. As personagens deslumbrantes que caracolavam nos nossos ecrãs havia meio século tornaram-se «perdedores magníficos». O fim desses aventureiros também é o do Oeste selvagem...

refugia na acção. Harry? Jovial mas cúpid, que morre por ter alimentado sonhos de fortuna imaginários.

Só o último, Chico, ainda tem um pouco de terra nas solas dos sapatos. Era camponês e camponês voltará a ser no fim do filme. A sua temeridade, o seu grão de loucura mal conseguem arrancar alguns resmungos de aborrecimento ou espanto, até de admiração aos seus colegas que lá viram muitas coisas e a quem já nada surpreende. É que todos esperam, como Lee, «a bala de espingarda ou de revólver mais rá-

pida» que a sua.

Neste combate duvidoso em que a aposta, por seis semanas, foi fixada na soma fabulosa ou irrisória de 20 dólares por cabeça (fabulosa porque representa toda a fortuna dos aldeões; irrisória porque nem mesmo basta para pagar as balas dos heróis), nessa luta fratricida entre homens da mesma natureza (Calvera, o bandido mexicano, está mais próximo de Chris do que qualquer dos aldeões), a solução é clara. «Só os reideiros ganharam, diz o homem sábio da aldeia, nunca se pode triunfar, eles são a terra, eles são indestrutíveis. «Só os reideiros ganharam, dizem em coro Chris e Vic. Nós, não. Nós perdemos sempre».

Assim, os heróis deslumbrantes que caracolaram nos ecrãs durante mais de meio século, os Tom Mix, Rio Jim, Hopalong Cassidy, deixaram, por volta dos anos 50 lugar a «perdedores magníficos», «losers» que um destino fatal ou um impulso suicidário (como se quizer) leva para a morte, quaisquer que sejam os aspectos que pode tomar.

Tornámo-nos civilizados

Shane (de George Stevens, 1952) jurou nunca mais se servir da sua arma. Ele deve fazê-lo para salvar o seu amigo reideiro e perder assim a mulher que ama. Só lhe resta partir de novo para um destino solitário. Link Jones (*O Homem do Oeste*, de Anthony Mann, 1958) instalou-se numa semi-reforma numa aldeia de nome altamente simbólico: Good Hope («Boa Esperança»). Ele deve, no entanto, para salvar a jovem professora que veio buscar, voltar ao seu passado de aventureiro e matar o que lhe resta da família, isto é, a derradeira parte de si próprio. Ele partirá com a jovem, mesmo sem a esperança de um happy end amoroso, porque ele já é casado.

Essa fatalidade, que leva o aventureiro a destruir uma parte de si próprio, é a que leva Clay Blaisdal (*O Homem dos colts de ouro*, de Edward Dmytryk, 1958) a matar o seu amigo e associado Morgan. Clay, sem ilusões, aceitou o lugar de preboste que lhe oferecem os notáveis de uma cidade dominada pelo terror. Ele sabe que em breve, tal como os aldeões dos *Sete Mercenários*, os que o contrataram quererão desembrasar-se dele, por se tornar demasiado incómodo. Ele preveniu-os e aceita o lugar.

Acredita mesmo, em dada altura, poder enganar o destino e casar com a mulher que ama. Chega a aceitar a castração simbólica que ela lhe impõe: renunciar ao seu estilo de vida. As coisas não correm como ele esperava, e encontra-se só. «Só, diz-nos o genérico de *Vera Cruz* (de Robert Aldrich, 1954), *Ben Trane veio ao México*. Sozinho partirá sem ter feito fortuna, obrigado a matar o amigo que arranjara, Joe Erin, o duplo irónico de si próprio.

E se Kane, o sherif do *Comboio Apitou Trés Vezes* (de Fred Zinnemann, 1954), parte, dorido, da «sua» cidade que o traiu, depois abandonou, na companhia da sua jovem esposa, como não ver aí um suicídio simbólico? Tal como o de Chico, no fim dos *Sete Mercenários*.

Que resta a esses aventureiros de solas de vento («Vocês são o vento, vocês sopram na terra e partem para longe», declara o velho sábio dos *Sete Mercenários*)? Talvez o desejo de transmitir um pouco do seu saber a um adolescente que fará melhor uso dele. Compreende-se assim por que Morgan Hickman (*Sangue no deserto*, de Anthony Mann, 1957) dá lições ao jovem sherif inexperienced; porque Clay Blaisdal (*O Homem dos Colts de Ouro*) aceita ajudar aquele que poderá substituí-lo; porque Chris e Vic concedem tacitamente ao jovem Chico a autorização de fundar um lar na aldeia.

Porque o destino desses aventureiros representa o fim de um certo Oeste, o fim de um mundo selvagem onde o homem ficava no estado natural e onde a sua individualidade nunca era posta em causa. Estes tempos terminaram, e Calvera, o bandido mexicano dos *Sete Mercenários*, sabe-o muito bem e suspira: «O tempo das belas coisas terminou».

Claro que a civilização nem por isso trouxe o progresso.

É o que mostra a frase irónica do coveiro da cidade fronteiriça que recusa a um índio o direito de ser enterrado entre os brancos: «Tornámo-nos civilizados». É mesmo essa forma viciosa de «civilização» que desafia Chris, depois Vic, e os leva à acção. A acção gratuita, levada até ao absurdo pelo gosto da bazófia e pelo abraço do aborrecimento. Há muito de Cyrano e de Meursault no aventureiro do Oeste.

Claude Aziza

Na quinta-feira

TER ESGREVER

As múltiplas faces do Ocidente face à URSS de Gorbachev

Ao iniciar o seu terceiro ano de governação, Mikhail Gorbachev bem se pode interrogar sobre qual das várias faces ocidentais prevalecerá no que respeita à política por ele implementada na URSS e às alterações que introduziu no «modus operandi» soviético no mundo. Na verdade, o líder do Kremlin pode pelo menos gabar-se de ter dificultado ao Ocidente a tarefa de definir de que lado estão os «bons» e os «maus» ou mesmo de o ter dividido quanto ao modo de encarar o ainda há pouco «inquestionável» inimigo comum.

Ao longo de quase duas décadas o Ocidente aprendera de cor o discurso a adoptar quando a URSS era tema de conversa e que se baseava afinal num pressuposto do género «nada de novo» a Leste. Mas em dois anos, Mikhail Gorbachev subverteria as regras do jogo. A «glasnot» simboliza o imprevisto e ganha lugar de destaque na imprensa ocidental, espelho daquela que pode ser considerada uma das grandes conquistas de Gorbachev: a transformação da imagem exterior da União Soviética.

Na Europa Ocidental, a opinião pública «apaixona-se» pelo novo líder do Kremlin, enquanto os governos se refugiam numa posição dúbia e o aparelho militar insiste no «perigo vermelho». Do outro lado do Atlântico, Ronald Reagan, envolvido ainda no grande escândalo da sua carreira presidencial, que o fez aparecer em público como um líder sem poder efectivo ou, pior ainda, como um dirigente atacado de senilidade, mostra-se incapaz de concorrer com Gorbachev naquele que foi até há pouco um dos seus domínios: a promoção da imagem.

Aliás, todo o staff da Casa Branca, fortemente atingido pelo escândalo Irangate, parece ter optado por uma posição defensiva, que recentemente levou um alto funcionário da NATO a desabafar: «É espantoso como Gorbachev consegue reunir todo o crédito de uma proposta que fomos nós os primeiros a apresentar». O membro da Aliança Atlântica referia-se, claro, à proposta de retirada dos euromísseis, apresentada por Gorbachev a 28 de Fevereiro, e que retoma a «opção zero» avançada por Reagan em 1981.

A «anormal» atracção pela URSS

No entanto, e ao contrário do que se passou nos Estados Unidos que conheceram então a sua última grande operação de propaganda, já na cimeira de Reiquejavique, em Outubro último, as propostas de Gorbachev tinham sido acolhidas com certo agrado pelos europeus. Mas então dificilmente alguém preveria os resultados de um inquérito recentemente publicado pela revista alemã-federal «Stern»: interrogados sobre qual dos líderes das superpotências mais fazia pela paz e o desarmamento, 49 por cento dos inquiridos indicaram Mikhail Gorbachev e apenas 9 por cento Ronald Reagan.

Nesse mesmo inquérito, 74 por

cento das pessoas interrogadas afirmam estar convencidas de que as reformas em curso na URSS são sinceras e não apenas propaganda.

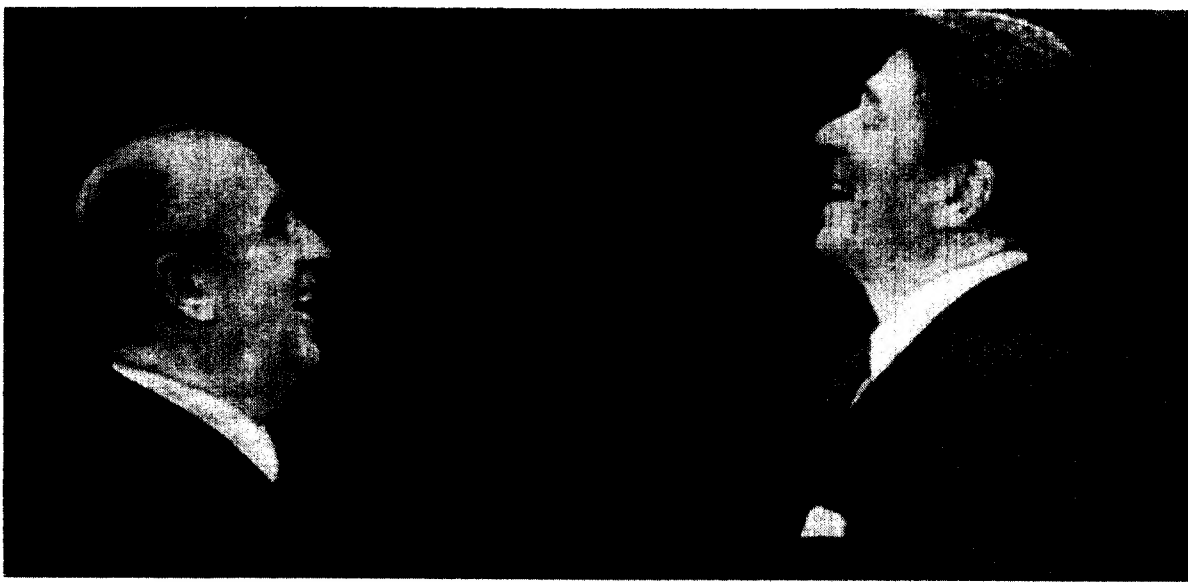
O inquérito traduz afinal um facto que se torna visível numa análise, mesmo que superficial, das reacções da imprensa e da opinião pública europeia à liderança de Gorbachev ou seja, pela primeira vez em várias décadas, a União Soviética não só fascina e atrai mais pessoas do que os Estados Unidos, como até «ameaça» reunir mais simpatias. O que, aliás, foi salientado por um soviétólogo alemão-federal, que acrescentou: «Isto é quase extraordinário e até mesmo anormal».

Apesar do «entusiasmo» público estar longe de ser partilhado pelos governos ocidentais, a verdade é que tanto a administração Reagan, como a NATO se mostram preocupadas por uma certa tendência dos europeus para darem, pelo menos, a Gorbachev, o benefício da dúvida. E, na verdade, o líder soviético tem trabalhado para isso, não só através da construção de uma imagem mais flexível da URSS no que respeita à política externa no seu todo, mas também sabendo explorar certos pontos sensíveis, embora não consensuais, como, por exemplo, a possibilidade de uma reunificação da Alemanha, ou a afirmação da Europa (a «nossa casa comum» como lhe chamou) perante o parceiro gigante de além-Atlântico.

As reacções de sinal contrário em relação à URSS de hoje impõem, contudo, uma interrogação prática que sem as mudanças implementadas por Gorbachev seria, no mínimo, puramente ideológica: Que deseja, afinal, o Ocidente para o Leste?

Democracia igual a ameaça?

Numa versão revista e sintética dos seus discursos no fórum pela paz realizado em Moscovo, em Fevereiro, e que foi publicada pela revista norte-americana «Time», o dissidente soviético Andrei Sakharov afirmava: «... O ocidente e o mundo inteiro têm também algo a ganhar com a democratização e a liberalização da URSS. Uma União Soviética economicamente poderosa, democrática e aberta, seria um garante importante para a estabilidade internacional(...) Mas se o Ocidente tentar utilizar a corrida aos armamentos para desgastar a URSS, então o curso dos acontecimentos mundiais poderá tornar-se extremamente preocupante(...) Não há qualquer hipótese de a corrida



Mikhail Gorbachev e Ronald Reagan na cimeira de Genebra em 1985. O líder soviético começava então a «ofensiva» que tornou possível os resultados de uma sondagem recentemente realizada na RFA. Interrogados sobre qual dos líderes mais fez pela paz, 49 por cento dos inquiridos indicou Gorbachev, e apenas 9 por cento Reagan



Vernon Walters, embaixador dos Estados Unidos na ONU, parece ser um dos «arautos» que no Ocidente profetizam a queda do líder do Kremlin



François Mitterrand, em França, e Margaret Thatcher, na Grã-Bretanha, destacaram-se pela reserva patenteada nas suas reacções à «opção zero» proposta por Gorbachev

aos armamentos liquidar os recursos soviéticos ou de conduzir a URSS a um colapso político e económico; toda a experiência histórica indica o oposto. Mas o processo de democratização e de liberalização, esse sim, terminará...».

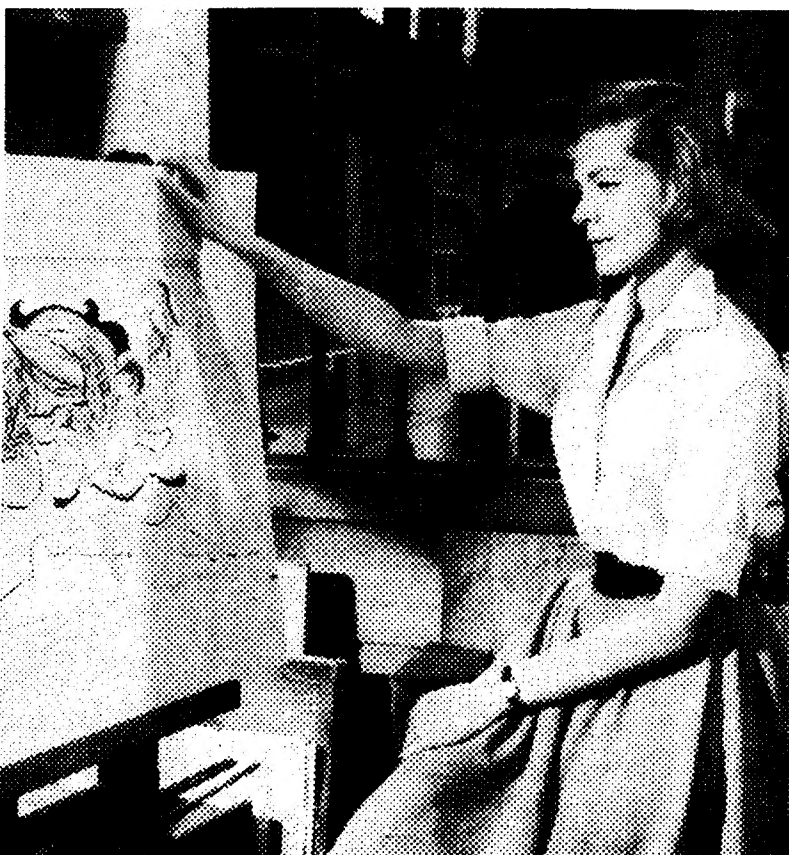
Em Moscovo, Mikhail Gorbachev tem reafirmado por várias vezes, e fê-lo inclusive a uma delegação norte-americana que visitou a URSS em Fevereiro, e que era chefiada por Henry Kissinger, que o seu objectivo é «mais socialismo e mais democracia», para acrescentar: «não é renúncia ao sistema socialista. Que ninguém ali mente esperanças quanto a isso».

A administração Reagan, bem como a estrutura de decisão da NATO, parecem não ter ilusões sobre a matéria, como no seu seio parece também quem não tenha dúvidas sobre o «perigo» de uma modernização socialista da União Soviética. Na verdade, a advertência de Sakharov não partiu de premissas falsas, nem tão pouco são desprovidas de sentido declarações recentes de Gorbachev citadas no jornal alemão-federal «Die Zeit» e nas quais o líder soviético afirmava que o Ocidente não tem medo do poderio militar da URSS, mas sim que aí se desenvolva uma democracia.

Dissemos no início que o líder do Kremlin subvertera as regras do jogo e que os dirigentes ocidentais não souberam acompanhar a parada. Agora multiplicam-se os sinais que apontam não para um esforço de adequação à nova imagem da URSS, mas sim para repôr as peças nos lugares que tradicionalmente ocupavam na «consciência» e teorias militares do Ocidente.

Em Lisboa, o embaixador dos Estados Unidos na Nações Unidas, Vernon Walters, declarava: «Tenho mais certeza de que o presidente Reagan estará no poder daqui a dois anos do que o sr. Gorbachev». Na mesma altura, desenrolava-se o grande exercício de cooperação civil-militar que a NATO realiza nos anos ímpares - Wintex Climex - e que partia do seguinte pressuposto: a prisão de Mikhail Gorbachev, com a consequente tomada de poder pelos duros do regime...

Clara Viana



Ela foi o «look», agora descobre que tem voz

As novas aventuras de Lauren Bacall

A inesquecível companheira de Bogart troca agora o cinema pelo teatro. Ela acaba de terminar em Los Angeles uma série de representações de Tennessee Williams e procura novas peças para representar.

A Teia de Aranha não parece ter deixado a Lauren Bacall uma recordação imorredoura. Nas suas memórias, *By Myself*, ela mal se lhe referiu. «Começamos o ano novo com um job cada um de nós: Bogie devia fazer a Cozinha dos anjos, com Peter Ustinov, e eu a Teia de Aranha, a minha primeira aventura com a lendária MGM». Mais nda. Na frase seguinte, Lauren Bacall escreve: «Também era o ano das novas Thunderbirds, o Bogie, o Gary Cooper e o Clark Gable compraram uma... a Judy Garland esperava um filho, desejava que fosse um rapaz. Acabava de ser nomeada para os Oscars com Nasceu uma estrela. Assim como GRACE Kelly com Country Girl, mas todos estávamos certos de que a Judy ia ganhar». A vida quotidiana nesse pequeno subúrbio de Los Angeles chamado Hollywood

Inútil voltar o casal Bogart-Bacall. Do Porto da angústia a Key Largo, ele faz parte da legenda. Stars entre si. Nesse ano (1954), Bogart acaba de filmar *A Condessa descalça*, de JOSEPH Manckiewicz, Lauren Bacall terminou *Blood Alley*, de William Wellman, com John Wayne. Mas sobretudo, nesse ano, faz com Bogart a sua primeira emissão de televisão. Em directo. Como no teatro. Uma versão televisiva da *Floresta Petrificada*, em que Bogart retomava o papel de Duke Mantee, Lauren Bacall substituiu Bette Davis, e Henry Fonda, Leslie Howard.

1956: Bogart e Bacall devem trabalhar juntos. O seu primeiro filme em duo desde *Key Largo*. Mas depois de *Mais dura será a queda*, o cancro amarra Bogart ao leito. Bacall encontra em *A mulher modelo*, Vincente Minnelli, seu encenador da *Teia de Aranha*. Um papel previsto para Grace Kelly. Mas o papel é demasiado belo, Bacall entra na luta, aceita representar com meio salário. À noite encontra o seu trabalho de esposa-enfermeira junto de Bogart. Bogart morre em Janeiro de

1957. O casal lendário durou dez anos e meio. Duas crianças nasceram do casamento, Steve e Leslie.

Uma nova carreira inicia-se para Lauren Bacall, a de viúva de Bogart. É muito falada mais por causa do aspecto tempestuoso das suas ligações (Frank Sinatra) ou dos seus casamentos (com Jason Robards, de quem tem um filho, Sam, também autor), do que pelos filmes aos quais se digna conceder a sua presença de star, e que, sente-se logo de início, a deixam indiferente. Alguém se lembra ainda de *Sex and the Single Girl*?

Bogart dissera um dia a Judy Garland: «O talento não erve de nada num salão. É preciso andar em frente, correr riscos». Lauren Bacall fez disto a sua divisa de vida profissional. Era o look, descobre uma voz, corre riscos, estreia-se na Broadway. *Flor de cacto*, de Barillet e Grédy é uma primeira prova, *Aplauso* o seu primeiro triunfo e a indicação de um caminho a seguir: as peças que ela cria na Broadway, em Londres ou em tournée gravitam todas elas em volta do cinema. *Aplauso* é uma versão musical de *All about Eve*, de Joseph Manckiewicz - Lauren Bacall é aí Margo Channing, a star corada por Bette Davis. *Woman of the Year* é inspirada num filme, e, na sua última aventura teatral - *Doce pássaro da juventude*, de Tennessee Williams, que representou durante muito tempo em Londres e depois em Los Angeles, - ela é uma actriz de meia-idade apaixonada por um homem muito mais novo (no cinema Paul Newman).

A série de representações do Tennessee Williams acaba de terminar em Los Angeles. De momento Lauren Bacall mudou de agente, lê pilhas de argumentos, apetece-lhe continuar no teatro porque, diz ela com uma economia de palavras digna de Bogart, «it's fun».

Henri Béhar

O «Kungfuland» de Shaolin

■ Conseguiu safar-se da Revolução Cultural e tornou-se no mais popular dos centros de ensino do Kung-Fu, uma das grandes artes marciais chinesas. É o templo de Shaolin, na província de Henan.

Tendo escapado à Revolução Cultural, o Templo de Shaolin (província de Henan) é o centro mais popular do ensino do kung-fu, uma das grandes artes marciais chinesas.

O templo de Shaolin: um nome mítico para os cinéfilos amantes do género Kung-Fu e os praticantes de artes marciais. Um verdadeiro panteão, que atravessou a lenda, os séculos e os incêndios para se tornar o filho querido do governo local da província de Henan. Situado no monte Song — uma das cinco montanhas sagradas da China —, é um dos centros búdicos mais importantes do país e o pilar de uma futura «Kung-fuland».

Perto do mosteiro, a paisagem é ampla e a floresta impressionante. Nessa necrópole de duzentos e sessenta monumentos foram enterrados os superiores do convento. Quando o venerável Shi Xiang Zhen fala, o vento da história sopra. Com setenta e dois anos, cabelo rapado e barbicha branca, o actual superior está quase cego.

Afectuosamente apoiado por dois jovens monges, ele é, na sua cela sombria de paredes repletas de manuscritos, a encarnação da tradição. E depois, brusco regresso à realidade chinesa de hoje. Ele procura nos bolsos da sua ampla túnica cor de açafrão e tira um cartão de visita. «Sou budista, diz ele, mas democrata. Amo a China, por isso amo o comunismo!». É bom dizer que o Partido lhe paga na mesma moeda visto que, no dia 13 de Dezembro do ano passado, lhe concedeu o título de grão-mestre que, há trezentos anos, nenhum superior de convento pudera obter dos imperadores.

O mosteiro nasceu em 527, quando um monge indiano (de origem iraniana), Bodhidharma — em chinês Damo —, aí fundou a escola de meditação Chan, mais conhecida pelo nome do seu prolongamento japonês, o budismo Zen. Para compensar a total imobilidade da meditação, alguns monges criaram, no século sétimo, os movimentos que seriam um dia uma das mais famosas artes marciais chinesas o Kung-Fu!

Durante a dinastia dos Tang (618-907), o grande poder desses monges era célebre em todo o país. «Treze dentre eles socorreram o imperador Taizong, cercado no Luoyang, e puseram em fuga os invasores», explica com orgulho o velho superior. Combate ilustrado por duas pinturas murais, monumentais, num dos pavilhões. No solo doutro pavilhão vinhos lisos e regulares: seriam as marcas deixadas pelos monges durante os seus exercícios, ao longo dos séculos. Nas paredes, lanças e sabres.

Destruido e incendiado por várias vezes (principalmente em 1726 pelas tropas manchus e em 1928 por um senhor de guerra), o templo, sempre reconstruído, quase desapareceu durante a revolução cultural. Em 1948, os comunistas despadraram os monges «exploradores do povo», e mandaram-nos para os campos. Em 1966, quando os guardas vermelhos de Mao desembarcaram, os últimos religiosos — embora mestres de Kung-Fu — preferiram fugir. «Eles só devem a sua salvação à intervenção das autoridades locais», conta o venerável Shi que, em sessenta anos de vida aqui passados, nada esqueceu dos acontecimentos.

Depois de 1978 e devido ao abrandamento da política no que diz respeito às religiões, os monges regressaram. Eles são hoje setenta, metade dos quais con-



tinua a praticar o Kung-Fu durante várias horas por dia, entre a leitura dos sutras e as actividades manuais. As candidaturas são numerosas, mas a selecção severa. Os dois jovens monges que dão assistência ao superior tiveram de trazer consigo uma carta de recomendação da secção búdica da sua aldeia. São religiosos? «Claro que sim, afirmam, queremos participar no desenvolvimento do budismo, mas também do Kung-Fu, que ajuda a meditação».

No exterior, no solo, os mais velhos traçam a pincel molhado em água palavras efémeras com que dão as boas-vindas aos visitantes. Antes de 1978 só um estrangeiro chegou a Shaolin. No ano seguinte dzentos e cinquenta e sete, e, em 1986, treze mil! Sem contar com os dois milhões de turistas chineses, peregrinos ou curiosos. Os camponeses da região depressa compreenderam a utilidade dos visitantes. Em pleno campo, a aldeia, pobre e fatigada, está enfeitada por duas filas de painéis publicitários gigantescos que cantam os méritos da sociedade de consumo. Na estrada que conduz aos pagodes, graças a uns vinte telescópios artesanais, pode-se tentar ver, por 10 céntimos, uma gruta escondida na montanha: a gruta onde o sábio Damo se refugiou a meditar durante nove anos.

Por toda a parte há pequenas prateleiras com medalhas, pregadores, espadas, caixas de pausinhos e «T-shirts» com a efígie de um monge voador. Por oito francos é possível vestir um hábito de monge — o que não agrada muito aos religiosos do templo — e fazer-se fotografar. Outros, porém, preferem meter a cabeça na silhueta de madeira, em tamanho natural, de um guerreiro a cavalo!

O governo sabe hoje de onde vêm as divisas e não cria problemas. Depois de ter comprado aos camponeses alguns estátuas de gesso, mandou construir mais umas cem para instalar uma espécie de museu Grévin do Kung-Fu, perto do templo. A alguns passos das estelas oferecidas por clubes americanos e japoneses de artes marciais. A 1 de Janeiro abriu um imenso centro comercial, construído em seis meses no meio do silêncio. Num estilo chinês aproximativo, lojas e restaurantes enfeitados com pinturas. No próximo mês de Outubro será inaugurado um hotel de cento e cinquenta camas para os chineses, e cinquenta para os estrangeiros, todos eles atraídos pelo nome de Shaolin. Mestres do templo virão dar cursos em salas especialmente concebidas para tal. Para os apaixonados pelo Kung-Fu, fil-

mes e demonstrações completarão esta viagem à Meca.

Um adversário invisível

9 Na China, a síndrome de Shaolin existe sobretudo desde 1982, ano do aparecimento do *Templo de Shaolin* (com a Star Li Lianjie): primeiro filme coproduzido pela China Popular e Hong-Kong. Desde então milhares de adolescentes afluem de todo o país, tanto que, em caso de fuga, um ditado aconselha: «Vai lá ver se ele está lá!». Desde 1980 que as primeiras escolas de Kung-Fu abriram as suas portas sob o impulso de camponeses ou de monges reconvertidos. Cinco anos mais tarde os cinquenta estabelecimentos situados aqui e além não chegavam para responder à procura. «Os jovens vinham de toda a parte. Os pais estavam aflitos», explica Gu Mengzhu, o director dos negócios estrangeiros locais. «Éramos obrigados a mandar a maioria para casa — por vezes garotos de menos de doze anos». Essas escolas ofereciam vagas aulas de Kung-Fu e condições de abrigo rudimentares, e isso por preços elevados.

No mês de Março de 1986, o quotidiano da juventude chinesa tocou o sinal de alarme obrigando o governo a pôr as coisas em ordem. Resultado? Quase todos os estabelecimentos estão hoje fechados. Dos cinco que restam, o de Liu Baoshan é o mais importante. Este camponês de sessenta anos, que tem na família monges de Shaolin, deixou a mulher nos campos para gerir a sua escola. Dois filhos seus são instrutores. No pátio de terra batida, duzentos alunos evoluem ao ritmo das ordens roucas dadas pelos seus mestres. Ouve-se o ar, batido pelos punhos e pelos pés, como um adversário invisível. Aqui, por 15 yans por mês (uns 30 francos) eles praticam todos os dias seis horas de Kung-Fu.

«Mais duas horas de cultura geral», insiste o director. «É importante, porque nem todos vão ter professores. É preciso que se reconvertam». «Farei, o que a sociedade me disser que faça, diz uma aluna. Com um corpo e um espírito sãos, servirei o país!». Etambém o «leitmotiv» de todos os outros rapazes e raparigas, que dissimulam assim o seu sonho perdido: vir a ser mestre ou profissional de Kung-Fu!

A pouca distância, o venerável Shi lembra docemente que se o mosteiro dá — involuntariamente — o seu nome a essas escolas e a essa agitação, ele mantém-se muito afastado.

Em matéria de Turismo, a China é prgmática. Ela deixou que um hotel do Club Méditerranée se instalasse no parque do Palácio de Verão, perto de Pequim, em breve haverá um campo de golfe no local dos túmulos dos Ming, e um campo de tiro para turistas será aberto a alguns quilómetros da Cidade Interdita. A tradição decidiu aliar-se ao modernismo. No mosteiro aproxima-se a hora da meditação, o local esvaziou-se, a febre deve dar lugar ao fervor. «Graças ao governo», conclui com filosofia o superior Shi Shaolin pertence de novo à história».

M.-F. Colombani



Bóias para Veneza, precisam-se!

Até à passagem de Terça-Feira Gorda para Quarta-Feira de Cinzas, isto é, até à meia-noite do dia 3 de Março, o Carnaval de Veneza exhibe os seus faustos. Porque conhece essa manifestação espectacular relançada em 1980, depois de dois séculos, ou quase, de letargia, um tal êxito de afluência? A abolição momentânea das barreiras sociais que fôra a sua razão-de ser histórica pesa sem dúvida menos, hoje, que os ódios de classe estão em recessão. A anulação das diferenças de idade e os disfarces dos sexos permitidos pelas máscaras são, pelo contrário, tão procurados como na época da Sereníssima declinante.

PARA além da beleza objectiva do cenário, há uma razão suplementar para esse fascínio exercido pela cidade lagunar: a impressão de que se vai dançar num local ameaçado, condenado ao desaparecimento. A prefiguração da morte em Veneza, entrevista pelos românticos muito antes de Thomas Mann, não vem como um eco da «morte de Veneza» pressentida por Montesquieu e Goethe, muito tempo antes de Barrès?

A época é assim propícia para fazer o ponto sobre a salvação da laguna. Serpente dos mares, na verdade: um doge, Ziani, não receara no fim do século XII, que a posição se tornasse insustentável devido aos movimentos aparentemente incontrolláveis das águas? Mas, tema sempre actual, um pouco mais de vinte anos depois da famosa *aqua alta* de 4 de Novembro de 1966, que deixara a Praça de São Marcos debaixo de mais de um metro de água, e cobrira mais de 90% da cidade, quando a maré baixou vinte horas depois julgou-se que se verificava a célebre predição de Byron: «*Oh Veneza, quando os mármore dos teus palácios forem ameaçados pelas águas, ouvir-se-á um grito entre as nações*». Do Conselho da Europa à UNESCO, todos se preocuparam com a sorte da «*pérola do Adriático*». Apropriada Itália, no entanto em plena crise, mobilizou-se: o seu Parlamento conseguiu votar em Abril de 1973 uma lei especial anunciando muito dinheiro para salvar Veneza das águas.

No entanto, nos dias 1 e 2 de Fevereiro de 1986, uma nova *aqua alta*, a terceira deste século em importância,

voltou a cobrir a quase totalidade da cidade, à excepção das suas duas extremidades, a ilha de Santa-Elena, a sudeste, e o Tronchetto, o imenso parque automóvel situado à entrada noroeste. Nada foi, portanto, feito em duas décadas?

Fiat no palácio Grassi

A simples observação dos locais mostra, pelo contrário, que Veneza se debate para se salvar. O Grande Canal, em especial, volta a ser a pouco e pouco essa «*mais bela rua que creio que há no mundo*», como escreveu no fim do século XVI o cronista Comynes. Ao longo dos seus cinco quilómetros estão a fazer-se trabalhos, e o termo restauração é por vezes insuficiente, porque é preciso operar... em profundidade.

O exemplo mais conhecido é, sem dúvida, o do palácio Grassi que o arquitecto Gae Aulenti fez literalmente serrar a fim de interpor entre alicerces e paredes mestras uma camada de chumbo e de plástico destinada a deter a subida das águas por capilaridade. O facto desse trabalho de titãs ter sido efectuado com os meios gigantescos da Fiat podia fazer crer que só o mecenato da empresa está a actuar em Veneza - o que levaria a recear pelo futuro dessa maioria de edifícios que pertencem à própria Câmara ou a famílias da cepa local mais ou menos antiga.

Ora no dia 20 de Novembro de 1984 uma nova lei veio relançar «o saneamento imobiliário», como se diz em Veneza. Ela prevê ajudas muito substanciais do poder público, que vão até 80% do custo dos trabalhos. A primeira

atua de 4 mil milhões de liras já foi totalmente atribuída para umas quarenta intervenções. Mais vite projectos estão a ser aprovados ou financiados. Sabe-se que só no Grande Canal uns duzentos palácios se miram, e que há em Veneza cento e setenta e sete canais (menos importantes), compreende-se a amplitude da tarefa.

Mas a verdade é que ao longo dos rios, dos calli e dos campi (denominação veneziana dos canais, ruas e praças), mesmo o visitante menos atento se apercebe do trabalho em curso. Assim, Francesco Valcanover, superintendente dos bens artísticos e históricos (de pintura e escultura) pode anunciar, sem ser triunfalista mas em todo o caso satisfeito, a restauração, desde o cataclismo de 1966, de seis mil cento e vinte obras. Entre elas figuram esculturas tão importantes como as de Sansovino, em São Marcos, ou quadros como o *Regresso dos embaixadores ingleses*, de Carpaccio, a *Conversão sagrada*, de Bellini, as *Bodas de Canaã*, de Tintoretto. Trabalhos que suscitam críticas, mas que ninguém contesta, porque não fazem nada seria a pior das soluções. Mas não pertencerá tudo isto à espuma das coisas, para ficarmos nas metáforas aquáticas? Restaurar uma cidade que se afoga não seria, com efeito, operar nela uma tanatopraxia, como se chama à manipulação dos mortos para os tornar mais apresentáveis aos vivos nas horas que precedem os funerais? Ora também a as coisas se mexem um pouco. No passado dia 6 de Outubro (menos de vinte anos depois da catástrofe de 1966), começaram as primeiras obras de salvação da laguna. Modestamente, a falar verdade, visto que ainda só se trata de dragar canais secundários a fim de permitir que as marés se estendam regularmente em espaços que só atingiriam nos períodos das marés altas.

O canal dos petroleiros

O objectivo é duplo: trata-se, antes de mais, de dar nova vida a zonas meio mortas pelas poluições de origem industrial ou humana, mas também de «diluir» no essencial dos 550 quilómetros quadrados da laguna o volume aquático que entra por três portos naturais, de modo que a altura das marés e

principalmente das mais altas, seja diminuída. Os trabalhos começaram à volta da pequena ilha de Mazzorbo, bem conhecida pelos turistas visto ser ela que está ligada à ptoresca Burano, a ilha das rendadeiras, por uma grande ponte de madeira. Ao mesmo tempo consolidam-se as margens para que a renovada circulação das águas não destrua um espaço tradicional da vida dos homens.

Em Poveglia, uma ilha situada atrás do lido de Malamocco, foi experimentada uma técnica que tem em vista tornar mais alto o nível das *insulae*, essas zonas habitadas cuja costa é sensivelmente mais baixa que a das outras. E ainda, ao longo do canal dos petroleiros, que liga há algumas décadas a foz central de Malamocco ao porto industrial de Marghera, em terra firme, na parte posterior de Veneza, estão prestes a ser edificadas, segundo as indicações dos mapas antigos, as *barene*, essas dunas que foram literalmente aspiradas pelo novo caminho de água: desta vez o objectivo é deter o impulso das marés.

3000 milhões de liras

Trata-se de uma multidão de micro-trabalhos a fazer por toda a parte nessa bacia de cinquenta quilómetros de comprimento e de dez a quinze de profundidade, cujo nome prestigioso é laguna de Veneza. Porque todos os peritos estão hoje convictos: a salvação da cidade é feita ao preço da revivificação do seu *escrínio aquático*. *Venezia Nuova*: Veneza nova. Um consórcio de vinte e seis firmas de trabalhos públicos, que vai da gigantesca Impresit (do grupo Fiat, às PME de dimensões modestas mas que trabalham há longo tempo na laguna, foi constituído em 1984 para levar a bom termo o empreendimento.

Três mil milhões de liras foram votados para esses trabalhos. E o presidente do conselho, Bettino Craxi, disse no passado dia 8 de Novembro que «*depois de tantas falsas partidas*», era essa a boa.

Ninguém em Itália afiançaria o mesmo, porque o Estado tem demonstrado aqui pouca continuidade nas suas afirmações. No entanto, dois elementos estão a favor da seriedade do caso: a

Julgávamo-la salva mas andávamos a dormir em pé. Os novos trabalhos que acabam de ser combinados poderão evitar o afogamento à sereníssima?

implicação do sector privado e o pragmatismo das contribuições. «*Tudo foi experimentado num modelo reduzido da laguna que construímos perto de Pádua. Trata-se de uma das maiores operações de engenharia hidráulica do mundo e fazêmo-la com pinças de joalheiro*», assegura-nos um engenheiro de Venezia Nostra, Hermes Redi. E como para mostrar a seriedade das suas palavras só nos fala em último lugar daquilo que normalmente seria usado nos grandes títulos: o projecto de construção, à entrada dos três «portos» de dezenas de contentores metálicos, de mil a dois mil metros cúbicos cada um, susceptíveis em caso de ameaça de *aqua alta*, a fim de fechar por algumas horas a laguna. Depois de tanto palavreado e tantas hipóteses, todas mais ou menos futuristas, é essa a solução que, perto do ano 2000 deveria rematar a intervenção.

Quanto ao resto, informações ora optimistas ora pessimistas chegam da frente de salvação de Veneza. Uma boa notícia: o abaixamento da cidade cessou nos últimos quinze anos. Melhor, ela subiu um pouco. É que, em vez de continuar a bombear a água para fins industriais ou domésticos na toalha freática local, ela vem agora através do aqueduto. Devido à elasticidade do terreno, o fundo, depois de ter baixado, subiu dois centímetros.

Em contrapartida, uma má notícia: devido ao aquecimento da temperatura terrestre, o nível geral dos mares do globo sobe com o derreter dos gelos polares. Em Veneza, onde se vive a algumas dezenas de centímetros acima da água, este grande milímetro anual suplementar é muito mais preocupante do que em qualquer outro lugar. Feitas e refeitas as contas, Veneza perdeu vinte e três centímetros desde 1900, em relação à laguna, o que explica em grande parte o aumento da frequência das marés altas nas últimas décadas.

Se há no mundo um lugar onde nada é eterno, ele é este onde os homens fizeram surgir da lama o mármore arrendado, mas onde a sua acção, pela sua simples presença também tende diariamente a dar ao nada tamanhas maravilhas. Aqui onde a Terça-Feira Gorda tem mais do que em qualquer outro lugar um antegosto de Cinzas.

J-P Clerc

MULHERES DO MEU TEMPO

Descendente de portugueses de há umas seis gerações atrás, esta brasileira de S. Paulo, de 48 anos de idade e muito mundo vivido, é uma daquelas mulheres do meu tempo que não se limitou a assistir ao simples fluir da história. Antes ousou participar activamente no esforço de mudança, pagando bem caro por isso, com sofrimento físico e moral, correndo riscos que quase a destruíram.

Mulher de cinco Pátrias, considerando-se perdedora em várias delas, na guerrilha permanente por uma sociedade mais igual e mais justa, Dulce Maia diz, da sua geração, que «é uma das mais sofridas».

«As derrotas que nós sofremos, sublinha, fazem-nos sentir, que a utopia acabou e estamos a viver a derrocada da esperança».

Dulce Maia

por Daniel Reis



Guerrilheira de cinco pátrias

«Mas não se pense que eu morri», adverte ela. «Estou bem viva e acredito no terceiro milénio, como possibilidade de o homem se reencontrar consigo próprio e com os seus valores mais profundos».

Nascida numa família de desportistas e radialistas, em S. Paulo, Dulce Maia encaminhou-se, naturalmente, para uma actividade profissional na cultura (artes plásticas, teatro e cinema) que genericamente se podia designar como agitação cultural. Produziu espectáculos e exposições associada ao irmão, Carlitos Maia (actualmente um dos «big bosses» da produção na TV — Globo).

Nessa actividade a apanhou o golpe de 64 e a ditadura. Já militava como ditadora da Revolução Cubana, já passara pelo Partido Comunista e fora a iniciadora, um ano antes, da União Cultural Brasil-Cuba.

«Eu pessoalmente não tinha actividades directas que me colocassem debaixo de fogo; mas muitos dos meus amigos e conhecidos começaram a ser ferozmente caçados e a vida de alguns deles corria perigo. Comecei a levá-los para esconderijos e a colocar outros fora do País, como aconteceu com duas grandes figuras a que estava muito ligada, o físico Mário Eschemberg e o fundador da Faculdade de Arquitectura de S. Paulo, João Vilanova Artigas. Foi a escalada da repressão que me forçou ao envolvimento directo, pois o clima tornou-se asfixiante. Era terrível e organizei-me na Esquerda Armada, em 65, mais ligada ao grupo de sargentos e marinheiros».

Finanças (organizando shows para angariar fundos sob a capa da legalidade), logística, eis Dulce cada vez mais envolvida e a ditadura também cada vez mais feroz, a exigir um combate directo pela via armada, na época considerada a mais eficaz. Acabou na prisão.

«Não fui presa por distribuir panfletos», sorri, para evitá-los pormenores já ultrapassados pela evolução da vida política brasileira.

Mas tal como foi parar à prisão, a 26 de Janeiro de 69, por afrontar directamente os militares no poder, saiu de lá, ano e meio depois, porque o combate prosseguia com a mesma intensidade e violência, alimentado por outros brasileiros. A 13 de Junho de 70, o embaixador alemão foi sequestrado e trocado por 40 presos políticos. Entre eles, contavam-se Dulce Maia e o companheiro com quem a conheci, anos mais tarde, Diógenes Oliveira.

Dulce fala do ano e meio na prisão, nunca assumida nem publicamente admitida pelos sequestradores da Polícia do Exército e da polícia política, a DOPS, com um certo distanciamento. Mas não esquece, até porque lhe deixou marcas fi-

sicas dolorosas, a tortura sofrida nos meses de incomunicabilidade:

«Fui torturada durante quatro meses e fiquei com problemas graves de rins e de circulação. Hoje ainda tenho sequelas a nível nervoso e já passou imenso tempo».

Nesse ano distante de 1970 começou a caminhada de Dulce Maia pelo mundo, um trajeto que a levou a conhecer e a adoptar, como suas, novas pátrias que juntaria à nunca renegada Pátria brasileira:

«Fomos para a Argélia, onde Amílcar Cabral estava à nossa espera no aeroporto. Da Argélia, fui para Cuba, onde fiquei dois anos a tratar-me pois saí da prisão com a saúde muito debilitada. Trabalhei na Prensa Latina e só saí de Cuba porque o meu pai, que ainda era vivo nesse tempo, queria visitar-me e não podia lá ir. Se o tentasse, era imediatamente preso no regresso ao Brasil. Fixei-me no Chile, de Salvador Allende, de Janeiro de 72 a Setembro de 73. Vivi tempos muito bonitos e ganhei uma relação de grande carinho com o povo chileno. Quando cair a ditadura, voltarei lá, com toda a certeza; mas foi também no Chile que sofremos uma das derrotas mais profundas dos nossos sonhos».

Dulce Maia e muitos brasileiros, que tinham fugido da ditadura, foram apanhados em cheio pelo golpe militar de Pinochet. Uns cinco mil brasileiros refugiaram-se nas embaixadas, mormente na do México, e escaparam, assim, ao massacre certo e à «mortandade espantosa» no dizer desta sofrida mulher do meu tempo.

Já com algumas derrotas às costas, prosseguiram o calvário por este mundo do Diabo: México,

Bélgica—onde Dulce teve, finalmente, o seu primeiro passaporte fora do Brasil, o de refugiada das Nações Unidas—Portugal, logo a seguir ao 25 de Abril, e Guiné-Bissau onde a conheci, a ela e ao Diógenes, duas pacíficas almas que tanto amenizaram a dura cooperação de muitos portugueses nos primeiros anos da independência.

Perdera no Chile a expectativa de viver, finalmente, numa sociedade mais igual e mais justa; esvaziaram-se mais os sonhos em Portugal à medida que feneciam os cravos vermelhos; na Guiné-Bissau foi a corrosão, lenta mas não menos profunda, da utopia, até por ser a Pátria de Amílcar Cabral:

«Conversámos muito com Amílcar em Argel e foi dessas conversas que nasceu a decisão de irmos para a Guiné logo que terminasse a guerra de libertação», recorda Dulce Maia, iluminado o olhar na evocação da alegria, da carga de esperança transportada por Amílcar Cabral e do seu carinho para com os homens de todos os credos e de todas as pátrias.

Para Dulce Maia, Amílcar Cabral foi muito mais que um herói. Ele foi um poeta da humanidade:

«Os meus amigos costumam dizer-me que destes anos de lutas e de derrotas me resta a devoção por três santos, Amílcar Cabral, Che Guevara e Ho-Chi Min. Mas, para mim, eles foram acima de tudo poetas, os maiores do nosso tempo, um de cada Continente».

Em 1979, com o general Figueiredo no Brasil a dar os primeiros e curtos passos no sentido da abertura política, Dulce Maia foi julgada à revelia e condenada a três anos de

prisão efectiva, como militante política. Os outros oito processos e as acusações de participação em muitas acções armadas foram arquivados, por falta de provas. Apesar da lei do banimento, ela decidiu regressar ao Brasil para cumprir a pena, tal a pressão dos anos e anos longe da sua Pátria de origem, e o acervo de desilusões vividas nas suas outras pátrias adoptivas e do coração.

A amnistia, saída no próprio dia do regresso ao Rio de Janeiro, resolveu de vez o contencioso jurídico de Dulce Maia com os militares. Hoje vive pacatamente numa casa construída à beira do mar, a alguns quilómetros de Florianópolis, capital do pequeno Estado de Santa Catarina, no meio da natureza. Dirige uma escola que ela própria fundou para crianças nativas, só subindo a S. Paulo para trabalhos dispersos no teatro e na promoção de arte e do artesanato, com o grupo de Ilo Krugli.

Reencontrei-a, de passagem por Lisboa, onde veio matar saudades e rever as amizades remanescentes da peregrinação pelas cinco Pátrias de Dulce Maia:

«Cuba está consolidada e para mim fica acima de tudo, hors concours. As outras são o meu Brasil, o Chile, a Argélia, Portugal e a Guiné-Bissau. Mas se calhar não me fico por aqui porque estou enamorada de Cabo Verde, o País que me dá um certo entusiasmo para continuar a acreditar. Vive-se lá uma experiência de dignidade que pode servir como exemplo ao Brasil. Os caboverdianos resolvem os seus problemas com humildade, respeito por si próprios e pelos outros povos e muita dignidade. O meu projecto imediato de trabalho é produzir lá um vídeo para a televisão, para mostrar aos brasileiros como um povo pobre e perdido no oceano resolve os seus problemas de sobrevivência sem perder a dignidade».

Perguntei a Dulce Maia, se valeu a pena o calvário de tantas guerras e dores para ver morrer, aos poucos, a utopia. Ela disse estar a assumir pessoalmente uma velha ideia defendida no seio da sua família, a de que «viemos ao mundo a passeio e não a negócios».

«Somos poetas—conclui. Temos que ver o mundo de uma forma lúdica, embora ele não tenha nada de lúdico e de divertido. Mas eu considero-me, mesmo assim, uma privilegiada por ter participado activamente em tudo isto e não como espectadora passiva. Conheci Fidel e Amílcar, vivi no Portugal do 25 de Abril e no Chile de Allende. Nisso eu não perdi. Vi e participei no que pouca gente pôde ver. Mas foram processos muito dolorosos, principalmente no Chile, no Brasil e na Guiné, que derrubaram muitos dos meus sonhos».

Mensagens Pessoais

Co-Inquilinos

Preciso conhecer 2 ou 3 pessoas a fim de partilhar apartamento em Oeiras ou Paço D'Arcos. Sou Rui, 22 anos, ilhéu.

Os interessados (as) que digam coisas para: Rui Carvalho, Estrada de Chão de Meninos — N.º 7, Porta F; 2710 — Sintra

Terreno

A 57 Km de Lisboa com 2500 m² e casa em alvenaria com três divisões, cozinha, WC e Garagem. Água. Luz. 4 500 contos.

Informa telefone 995435 a partir das 20.30m.

Férias — Algarve

Em Tavira aluga-se casa bem equipada de Junho a Outubro à quinquena ou mês, Telefone 362608

Cama pessoa só

Vendo cama de pessoa só, como nova, em madeira de castanho, clara, e uma cómoda impecável, clara. Preço módico. Um secador de roupa não eléctrico. Tel. 898336.

Tabularum

«Tabularum Geographicarum Lusitanorum Specimen» Encadernado, bom estado, ende-se melhor oferta. Tel. 437 30 97 das 18 às 21h.

«A fonte de Madalena»

Livro de Rogério Gonçalo. Memórias e ficção. Alentejo, Alto-Douro, Lisboa (Olivais; S. Domingos Benfica). Problemas da Humanidade. Escrevaapartado 1333 — 1009 Lisboa Codex. Envio com dedicatória, 350\$. Ver livrarias e especialmente R. Augusta, 52.

2 Trompete

Trompete vendo — estado impecável — preço 25 000\$00 telef. 4192121 (depois das 19 h.)

Explicações

Estudante Universitário dá explicações Preço acessível contacte já 883689.

Selos

Vendo colecções nacionais, estrangeiras, pagelas, colecções repetidas e Ultramar (1934-1986). Vendo tudo em conjunto (particular). Contactar pelo Tel. 664508. Das 14 às 19 h

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.